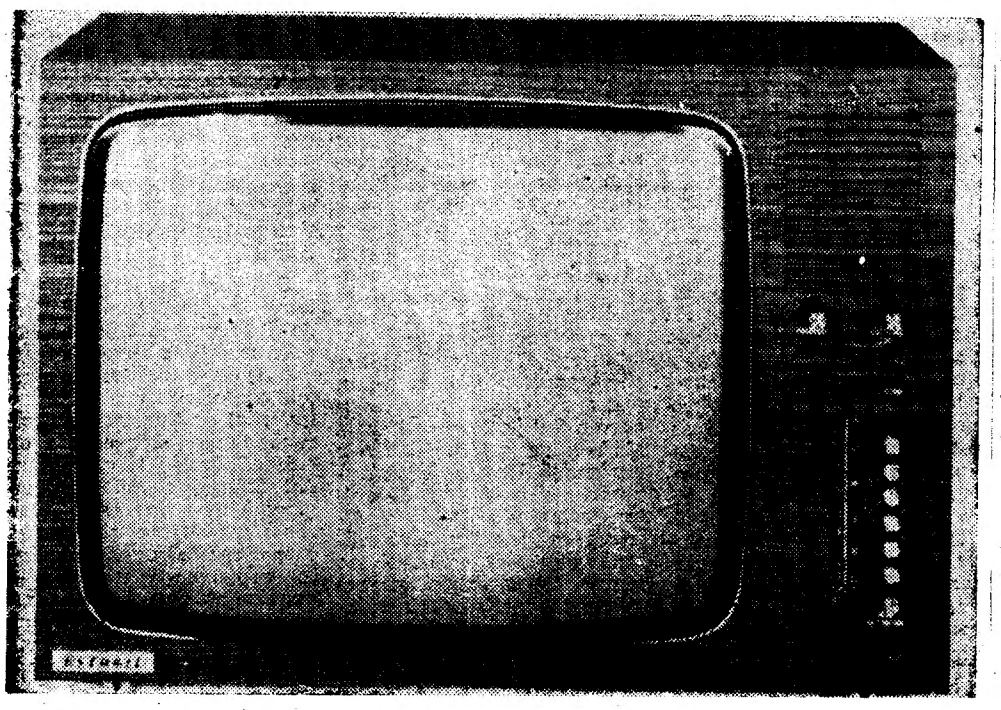
ALVES REDOL, HOMEM DO POVO (NO SUPLEMENTO MESA-REDONDA)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
SEXTA-FEIRA, 5 DE DEZEMBRO DE 1969 N.º 16 868 ANO 49.º PREÇO 1$50

luz verde nos caminhos da FORTUNA
1 X 2
TOTOBOLA



5 TELEVISORES SIEMENS
PARA OS CONCORRENTES DO «ÁLBUM DE LISBOA»

TEMOS REVELADO que são valiosos, aliciantes, tentadores, os prémios do concurso «Album de Lisboa», realização que o nosso jornal vai iniciar já na próxima semana e na qual poderão participar todos os leitores. Nos últimos dias, informámos os futuros concorrentes do «Album de Lisboa» da possibilidade de conquistarem um magnífico apartamento mobilado em Miratejo, a cidade panorama, e um cómodo e seguro automóvel «Toyota», modelo Corola 1100.

Mas muitos mais prémios temos ainda a revelar. Hoje anunciamos nada menos de cinco televisores SIEMENS, marca de reputada qualidade. Recordemos que a Siemens é a maior empresa electrotécnica da Alemanha ao serviço do mundo português. Pois cinco magníficos televisores Siemens estão, assim, ao alcance dos leitores que participarem no «Album de Lisboa».

São cinco os televisores e, também, cinco os modelos

(Continua na 4.ª página)

APROXIMAÇÃO COM BONN
—decidiu a conferência comunista de alto nível

MOSCOVO, 5 — A reunião comunista de alto nível que ontem se efectuou nesta capital deu luz verde aos Estados do Leste europeu que desejam apressar o lento movimento de aproximação com a Alemanha Ocidental.

Os observadores ocidentais interpretaram os termos do comunicado (redigido ao fim de dois dias de reunião) como uma clara derrota do dirigente do Partido Comunista

Por ANTHONY ASTRACHAN
EXCLUSIVO
«Washington Post»
«Diário de Lisboa»

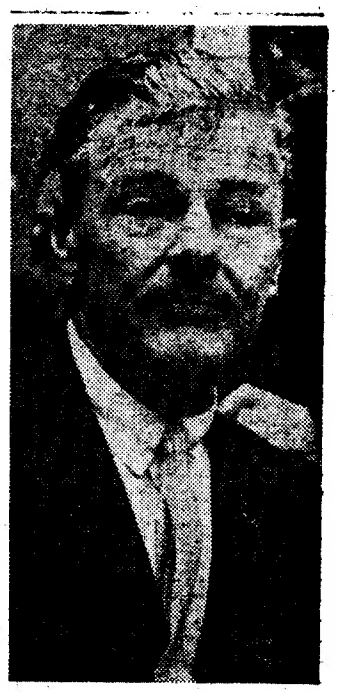
da R. D. A., Walter Ulbricht. Parece que Ulbricht queria que os sete países socialistas tentassem colectivamente uma lenta aproximação com Bonn, centrada no reconhecimento *de jure* da Alemanha de Leste.

O comunicado refere-se ao reconhecimento, não a propósito das negociações com a Alemanha Ocidental, mas a propósito da Conferência de Segurança Europeia, proposta pelos membros do Pacto de Varsóvia. «Os sete países entendem que a paz e a segurança exigem que todos os estados estabeleçam iguais relações com a Alemanha do Leste, na base da lei internacional e que se reconheçam as actuais fronteiras europeias, incluindo a de Oder Neisse a título definitivo e imodificável» — eis o que diz o comunicado, quanto ao problema do reconhecimento.

O novo Governo de Bonn tomou conhecimento oficial da existência de dois estados alemães e requereu negociações com a Alemanha de Leste, mas recusou-se a reconhecer a R. D. A. como um estado estrangeiro soberano

«Relações iguais» é menos que reconhecimento *de jure* da soberania (segundo supõem certos observadores ocidentais) e pode ser uma fórmula com que Bonn concor-

(Continua na 16.ª página)



HENRY CABOT LODGE que até ontem foi o chefe da delegação norte-americaia ás conversações de paz de Paris: «Yong May foi um incidente». (Ler na pág. 16)

CARMEN DOLORES «MATA» JACINTO RAMOS

Amanhã, quando a «Forja» de Alves Redol subir à cena, uma mulher (Carmen Dolores) matará o marido (Jacinto Ramos) para salvar o filho mais novo. A morte, mesmo fingida, é sempre inquietante.

(Ler na pág. central)

HOJE 40 PÁGINAS VISADO PELA CENSURA

Reúne-se hoje o Conselho de Segurança

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 5 — (R.) — O Conselho de Segurança da O. N.U. adiou, ás 22 e 20 T. M.G., o seu debate sobre a queixa do Senegal contra Portugal. Voltará a reunir-se novamente em sessão, hoje, ás 15 e 30 (T. M. G.).

Por outro lado, a República da Guiné pediu também ontem a reunião do Conselho de Segurança em seguida ao alegado bombardeamento de duas aldeias fronteiriças efectua-

(Continua na 16.ª página)

Edição da noite

INFORMAÇÃO DEFORMADA

Na sequência de provas públicas de doutoramento, há tempos prestadas, certo licenciado obteve aprovação. Um dos nossos redactores, ao inquirir dum elemento da reitoria respectiva o veredicto do júri de catedráticos, foi por aquele funcionário informado de que «o candidato obteve aprovação por unanimidade.»

Publicada a notícia nesses termos, recebemos mais tarde protestos de leitores ligados aos meios do Ensino Universitário, arguindo-nos de faltarmos á verdade. O candidato tinha sido aprovado por maioria. Aconteceu até que certo leitor, altamente qualificado, especificou ter sido essa maioria tão periclitante que só o voto de qualidade do magnífico reitor decidira um empate de cinco bolas negras contra cinco bolas brancas. Gratos lhe ficámos por ter acrescentado que só uma informação errada na fonte responsável nos teria levado a publicar a notícia naqueles termos.

Resta-nos lamentar que, sejam quais forem as razões invocadas (desde a ignorância causadora de leviano informe, á consciência plena de acto inqualificável) se tenha deformado a tal ponto a informação.

De um erro por omissão nos confessamos porém culpados, com o propósito firme de emenda futura — não termos revelado na altura, expressamente, a fonte responsável pela base da notícia. Aqui fica a menção tardia, até para esclarecimento de leitores menos conhecedores e prevenidos.

O CASO DO DUPLO CRIME nos arredores de Palmela

PALMELA, 5. — Após uma noite passada no posto da G. N. R. desta vila, acompanhado de seu irmão e a pedido deste, seguiu hoje para Setubal, a fim de ser entregue ao tribunal judicial da comarca, o autor do duplo crime de Lagameças, Diamantino da Silva Paciência, de 28 anos, casado, pai de um menino de 18 meses.

O criminoso, sem mostrar o mínimo arrependimento, insiste no entanto, na não premeditação. Saíra a caçar tordos, de cuja carne seu filho é muito apreciador, e por acaso encontrou as vítimas a trabalhar na propriedade do sogro dele. Elas tê-lo-iam provocado, o que o fez perder o domínio de si próprio e lhe abriu o caminho para os gestos de loucura, abatendo-as a tiros de caçadeira.

As vítimas chamavam-se Diamantina Miranda Roldão, de 43 anos, casada, e sua filha Almerinda Miranda dos Santos, de 16 anos. Esta fora, muito nova ainda, vítima de crime grave praticado por um indivíduo que, por esse motivo, ainda está a cumprir pena. Há algum tempo já a jovem Almerinda fazia vida comum com Filipe Resende dos Santos, sogro do criminoso, viuvo. O criminoso alega que a sogra se suicidou devido aos maus tratos que o marido lhe infligia, em razão das suas relações com a Almerinda e que a sogra desde então lhe «aparecia» com frequência, a exigir vingança. Por outro lado, o sogro ia adiando a questão das partilhas, o que trazia os herdeiros (entre os quais o criminoso) desassossegados.

Como é já do conhecimento público, o Diamantino da Silva Paciência, após ter morto as duas mulheres, ainda pretendeu cometer terceiro crime na pessoa de Vicência Rodrigues, caseira na quinta do Lau. Por sorte dela, a quinta tem telefone e o cabo-chefe sr. António Gomes, conhecedor dos intentos do assassino, pôde avisá-la a tempo. O criminoso ainda procurou arrombar a porta, onde a caseira se fechara e alvejou a tiro um trabalhador da quinta a quem perguntara por ela, a fim de o obrigar a dizer onde podia encontrá-la.

Para evitar atrasos envie o mais cedo possível o seu correio do Natal

A fim de tornar o mais eficiente possível a expedição, transito e entrega do correio na quadra do Natal, os CTT recomendam ao publico o seguinte: a) As correspondências relativas a boas-festas (circulares, cartões, impressos, calendários, agendas, etc.) devem ser expedidas o mais cedo possível; b) A expedição dessas correspondências, quando em grossa quantidade, deve ser feita em maços separados, segundo os principais destinos de: Lisboa, Porto, Coimbra, Província, Ilhas, Ultramar e Estrangeiro; c) O uso de grandes sobrescritos não é aconselhável porque podem chegar ao seu destino amarrotados e com os seus conteúdos inutilizados. Deste modo, as revistas ilustradas, calendários, gravuras, desenhos artísticos, etc. devem ser embalados em forma de rolo, em canudos de cartão fino, e com os endereços colados exteriormente; d) Depois do dia 13, as remessas, por junto, de correspondência de taxa reduzida só devem fazer-se entre as 10 e as 18 horas, para que não embaracem a expedição das correspondências de taxa inteira (cartas e bilhetes postais), que, em caso de aglomeração de tráfego, beneficiam de prioiridade. e) Todas as correspondências destinadas a Lisboa devem exibir o indicativo da zona postal respectiva.

DESAPARECEU UM PESCADOR

VIANA DO CASTELO, 5 — A Capitania do porto desta cidade procede a investigações para esclarecer o desaparecimento, em circunstancias estranhas, de um pescador, á entrada da barra, cerca das 20 e 30 de ontem.

Procedente de Matosinhos, o barco de pesca «Nova Rainha Santa Isabel», de que é arrais o sr. Manuel Fernandes Sampaio, da Praia da Amorosa, Anha, demandava o porto desta cidade. Contra o costume e por ter faltado á hora do embarque um dos pescadores, a «companha» era constituída por quatro homens apenas. No dizer do arrais, á boca da barra, desapareceu, em condições difíceis de determinar rigorosamente, o pescador Manuel Rodrigues Arezes, de 32 anos, solteiro, também da Praia da Amorosa. Afirma o arrais que aquele marítimo vinha de pé, na retaguarda, e que, naquela ocasião, ele e os restantes companheiros deram pela sua falta. É opinião sua e dos outros tripulantes do barco que a queda do Arezes ao mar foi motivada pela perda momentanea dos sentidos.

Logo que a ocorrência se tornou conhecida no meio piscatório viamense, diversas embarcações dirigiram-se para o local e procederam a pesquisas, no intuito de recolher o cadáver, que continua a ser activamente procurado.

Lugares preenchidos na Faculdade de Ciências

Saiu no «Diário do Governo» uma portaria que nomeia o prof. dr. Fernando Vasco Alves da Veiga de Oliveira para director do gabinete de astronomia da Faculdade de Ciências de Lisboa.

Uma outra portaria hoje publicada nomeia o prof. dr. José Francisco Vitorino Gomes Ferreira para director do laboratório de física da mesma Faculdade.

Estas nomeações são válidas até ao termo do triénio (30 de Setembro de 1970) para que haviam sido nomeados os anteriores titulares, respectivamente prof. dr. António Gião e prof. dr. José Sarmento de Vasconcellos e Castro.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

A melhoria de alguns elementos em serviço, obriga-nos a interrupções de fornecimento para a sua efectivação. Assim, no próximo Domingo, cortar-se-á a corrente nos seguintes Sectores e Zonas:

3.º Sector — **Bairro do Alvito:** Terras á estrada do Alvito, Rua Quinta do Jacinto e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

6.º Sector — **Concelho de Lisboa:** Rua Jardim do Regedor, n.os pares. (Das 8 ás 12 horas).

6.º Sector — T. Nova de S. Domingos, n.os pares. (Das 8 ás 12 horas).

9.º Sector — Rua Palmira (entre a Rua Alvaro Coutinho e R. Maria Andrade), Rua Luís Moitinho e Rua Maria. (Das 8 ás 12 horas).

1.ª Zona — **Concelho de Oeiras: BURACA:** Bairro Aldim, Praceta Conde Arnoso, Rua Andrade Corvo, Rua Trindade Coelho, Rua Camilo Castelo Branco, Rua António Ferro, Rua Professor Egas Moniz e imediações. (Das 8 ás 15 horas).

2.ª Zona — **AMADORA:** Reboleira (toda) e imediações. (Das 8 ás 15 horas).

3.ª Zona — **Concelho de Cascais:** Amoreira e imediações. (Das 8 ás 15 horas).

4.ª Zona — **Concelho de Sintra:** Maceira. (Das 8 ás 15 h.).

5.ª Zona — **Concelho de Azambuja:** Azambuja e linhas de A. T. 108-109 entre Espadanal e Cruz do Campo. (Das 8.30 ás 14 horas).

6.ª Zona — Vila Nova da Rainha e linhas de A. T. 108-109 entre Vila Franca de Xira e Espadanal. (Das 8 ás 10 horas).

7.ª Zona — **Concelho de V. F. de Xira:** POVOS (parte), CASTANHEIRA e VALA DO CARREGADO. (Das 8 ás 10 horas).

A OFENSIVA JÁ COMEÇOU

PARA ATENUAR A CRISE ALGARVIA DE INVERNO

MONTE GORDO, 5 — **(Do nosso enviado especial, Torquato da Luz)** — Um neto do escritor Charles Dickens figura entre as duas dezenas de jornalistas britânicos (representando as mais importantes publicações londrinas e alguns «free lancers») que percorrem presentemente o Sotavento algarvio, com vistas à recolha de elementos para desencadearem, na Imprensa inglesa, uma larga campanha para a promoção do turismo de Inverno na nossa província meridional.

Harry Dickens já viera ao Algarve, há nove anos, numa altura em que os voos para o Sul de Portugal eram ainda uma aspiração. Ele e um grupo de colegas desembarcaram, então, em Gibraltar, atingindo assim o Algarve da maneira mais rápida que era possível ao tempo. Desse grupo, apenas quatro jornalistas (incluindo o neto do célebre autor de «Oliver Twist») repetiram agora a sua vinda à província meridional. Todos os outros visitam o Algarve pela primeira vez.

A iniciativa partiu da B. E. A. e do magnífico Hotel Vasco da Gama, implantado sobre o areal de Monte Gordo, no qual os nossos colegas ingleses fizeram quartel-general. Um «cocktail» de recepção, em que estiveram presentes jornalistas portugueses e larga representação da Câmara Municipal de Tavira (com o deputado dr. Jorge Correia, seu presidente, à frente), foi o primeiro número do vasto programa. A título de curiosidade, pode dizer-se que a Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, a cujo concelho Monte Gordo pertence, foi igualmente convidada para a recepção — mas ninguém que a representasse compareceu.

O que se vê da «janela»

O Algarve já não é só «a janela corrida onde a gente se debruça para ver o mar», como lhe chamou Britto Camacho. Janela corrida talvez continue a ser; mas quem nela se debruça com um pouco de atenção não vê apenas o mar — vê muita coisa por detrás dele, vê muitos dos problemas a que ele deu origem.

Vejamos: o afluxo turístico ao Algarve, nesta altura do ano, é mínimo. Dezenas de restaurantes fecharam as portas; as «boîtes» estão às moscas (excepção, aos sábados, para a «Cave», a dois quilómetros de Armação de Pêra, no cruzamento de Alcantarilha); pensões e hotéis, idem. O Hotel Vasco da Gama, por exemplo, está com um terço da lotação — 100 clientes — e isso é considerado «nada mau», segundo palavras do respectivo director, Reinaldo de Almeida.

O Algarve está agora, portanto, na sua grande crise de Inverno, quando, afinal, pelo seu clima ameno, reúne condições para ser a mais apetecível estância turística invernal da Europa. Por que razão, pois, este estado de coisas? Falta de propaganda. Esta é a palavra mágica; é nela que os hoteleiros algarvios (e quantos se interessam directamente pelo progresso turístico da província) pensam para resolver o seu drama. É uma propaganda intensiva nos países nórdicos, na Alemanha e na Inglaterra que pode contribuir para minorar os males de que sofrem as centenas (milhares?) de pessoas a que o turismo não dá trabalho senão apenas três meses por ano.

Um vasto programa de iniciativas

Uma visita (interessantíssima) ao Arraial Ferreira Neto, na ilha de Tavira, onde lhes foram dadas (perante uma maqueta) explicações sobre a pesca do atum, constituiu o segundo número do programa da visita dos jornalistas britânicos, que haviam, depois, de dançar o «corridinho» e apreciar números de folclore local, durante o almoço que lhes foi servido nas instalações da Adega Cooperativa — almoço, aliás, em que tiveram lugar de honra os famosos «doces» tavirenses (à base de amêndoa e figo), que fizeram as delícias dos nossos visitantes.

Outras iniciativas (nomeadamente idas a Faro e a diversos locais de interesse turístico do Sotavento algarvio) figuram ainda no programa da visita. E os hoteleiros, bem como a B. E. A., confiam em que esta vinda de homens dos jornais dê os seus frutos — mais uma achega para atenuar a chamada «crise algarvia do Inverno».

BAILE «HIPPY»

A classe especial de ginástica do Ateneu Comercial de Lisboa realiza, no domingo, das 16 ás 20 horas, na sua sede, na Rua das Portas de Santo Antão, 110 um baile «hippy»

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

COZINHA VELHA
QUELUZ — TELEFONE 950232
Informamos os nossos Ex.mos Clientes que amanhã, dia 6, as nossas salas e o «TERRAÇO» se encontrem totalmente reservadas para um LANCHE DE CASAMENTO, pelo que não nos é possível servir os nossos habituais almoços, chás e jantares.
A DIRECÇÃO
Nos restantes dias agradecemos que as reservas de mesa para os jantares sejam feitas até ás 19 h.

FIM-DE-SEMANA COM DUPLA VANTAGEM
OUTONO ALGARVIO E REDUÇÃO DE PREÇOS
VENHA ATÉ ALBUFEIRA E INSTALE-SE NUMA DAS SEGUINTES UNIDADES HOTELEIRAS:
BALTUM — Telef. 306/307
BOA VISTA — Telef. 175
CERRO — Telef. 190/233
MAR À VISTA — Telef. 54/267
Diária para casal Esc. 300$00 (com todas as taxas incluidas) Preços especiais para permanências prolongadas. Consulte-nos.
Passe o próximo fim-de-semana em Albufeira

LUSTRE COMPRA-SE
TELEF. 5 73 86

LICEU
CICLO PREPARATÓRIO — CURSO COMERCIAL
ADMISSÃO INSTITUTOS — LÍNGUAS
Diurno: das 9 às 19 h.
Nocturno: das 19 às 24 h.
• ESCOLA SÃO VICENTE: Rua do Paraíso, 28 — Telef. 865904
• EXTERNATO MARQUES DE POMBAL: Rua Edith Cavell, 8 (ao Chile) Telef. 820221
• EXTERNATO ALVARES CABRAL: Av. Grão Vasco, 1 (fte. à Igreja de Benfica) — T. 706974

EUROPA UNIDA OU AMERICANIZAÇÃO?

I — A VIA DA FACILIDADE

A ultima sondagem do I. F. O. P. revelou, da maneira mais eloquente, que os franceses, na sua grande maioria (incluindo os eleitores da U. D. R. e do Partido Comunista) colocam agora todas as suas esperanças numa Europa Unida, da qual faça parte a Grã-Bretanha, cujo presidente não tenha de ser sempre e necessáriamente francês, cuja diplomacia e finanças sejam geridas em comum.

Ainda há poucos dias podíamos interrogar-nos sobre os sentimentos reais dos franceses e Pompidou teria podido tentar alargar á escala suprema, na Haia, o esgotante regateio onde, há 10 anos, se vem enterrando a construção da Europa. Agora já sabe com o que conta: os franceses querem a Europa. Em face disto têm uma magnífica cartada para jogar e um óptimo pretexto para afirmar (se quiser) a sua personalidade.

É certo que na sondagem do I.F.O.P. faltava uma pergunta: «*porque quer a Europa?*». «*Por que razão está disposto a sacrificar-lhe parte dessa soberania nacional, que, no entender do general de Gaulle, o Estado devia defender ciosamente?*»

Poderemos sugerir uma resposta? Há que unir a Europa por duas razões: para evitar que ela se torne um anexo, ou antes, numa série de anexos da América, e para impedir que se consagre, por muitos decénios, a linha separadora das zonas de influência dos dois supergrandes, há anos tracada em pleno coração do velho continente.

DEPENDÊNCIA DOS E. U. A.

Trata-se de dois riscos da maior grandeza, que alguns entretanto, vão minimizando. Dizem eles que a passagem progressiva para a dependência dos E. U. A. implicará um acréscimo dos investimentos americanos e, portanto, da prosperidade europeia: quanto aos checoslovacos e mais polacos, quem tem culpa dos seus males? Quem, se não a geografia que os plantou na encruzilhada das invasões? Pensar assim é designar-se a pôr ponto final a 1000 anos de uma história, durante a qual os nossos antepassados sempre procuraram ser os iniciadores (ou pelo menos os actores) da política mundial, recusando-se ao papel de joguetes nas mãos dos mais poderosos. É aceitar a lenta fusão das particularidades nacionais sem as quais ainda há bem poucos anos julgávamos impossível viver. É abandonar toda a esperança de fazer ouvir, no diálogo dos gigantes as aspirações daqueles que não nasceram nem americanos nem soviéticos.

A via da facilidade é a da progressiva absorção pela sociedade de além-Atlantico. O controle que certas firmas americanas passaram a exercer sobre várias empresas continentais e o abandono da tentativa para dotar a França de uma industria nuclear nacional seguem esse rumo. Uns aplaudirão, outros apagarão uma lágrima, dizendo a si próprios que não podia ser de outra maneira, mas a pouco e pouco o processo há-de desenvolver-se e muralhas inteiras da nossa economia como da economia dos nossos vizinhos irão caindo por terra. Acharemos então que é mais barato comprar patentes além-Atlantico que financiar um esforço sério de pesquisa. Os nossos sábios atravessarão o Oceano e, depois de tantos outros, tornar-se-ão, por sua vez, americanos. A identidade dos investidores e das produções trará consigo a uniformização dos hábitos, dos gostos, dos modos de pensar.

O MUNDO UNIFICA-SE...

Upton Sinclair já o tinha previsto, quando escreveu há 50 anos: «*O mundo unifica-se, isto é, americaniza-se*». Olhemos á nossa volta; escutemos as conversas... O processo já vai em fase muito adiantada.

Para evitar este resultado, não há outra via, para além das contingências da revolução total, que não seja a de uma Europa Federal (por vontade dos seus membros e não por acção de um protector estrangeiro), a qual, virando as costas ao método americano do *meeting-pot* (fusão das nacionalidades) prosseguiria o objectivo (como fez a Suíça e a Jugoslávia) de assegurar, a um tempo, a independência do todo e o respeito da originalidade das partes constitutivas. Uma Europa que, unificando as suas forças económicas e militares e fixando de comum acordo a sua política estrangeira, pudesse, ao mesmo tempo, graças ao aumento dos seus meios, enaltecer a diversidade e a riqueza das suas culturas, donde retiraria a sua maior fecundidade intelectual.

A SEGUIR: «Separar a Política da Economia».

Por ANDRÉ FONTAINE

Exclusivo «Le Monde»-«D. L.»

OS RESULTADOS DA SONDAGEM

Foram os seguintes os resultados da sondagem do I. F. O. P. (Instituto Francês de Opinião Publica), referidos no artigo de André Fontaine:

— 57 por cento dos franceses interrogados entendem que «a construção de uma Europa política devia ser rápidamente submetida a aprovação popular, por referendo».

— 66 por cento «aceitam o princípio de uma diplomacia e de uma defesa comuns a todos os países do Mercado Comum».

— A pergunta: «No caso da eleição por sufrágio universal de um presidente da Europa política, daria o seu voto a um candidato estrangeiro, se o programa político desse candidato correspondesse melhor ás uas ideias que o de um candidato francês»?

66 por cento responderam SIM; 21 por cento, NÃO e 13 por cento não se pronunciaram.

(Esta pergunta, por outro lado, pôs em relevo o facto de os jovens serem mais «europeus» que os mais velhos, e os quadros superiores e as profissões liberais mais «europeus» que as outras categorias sociais).

Finalmente.

— 52 por cento das pessoas interrogadas são favoráveis á entrada da Grã-Bretanha no Mercado Comum;

— 18 por cento são contrárias;

— 32 por cento não se pronunciaram.

Notemos, contudo, que, segundo a mesma sondagem, só 35 por cento dos franceses estariam «dispostos a aceitar uma ligeira diminuição do seu poder de compra durante alguns anos», se tal fosse o preço inevitavel da edificação da Europa.

Nota do dia

A CONFLUÊNCIA DAS GERAÇÕES

MUITOS PROBLEMAS ANDAM à nossa vista. E o principal da nossa atitude, para os resolvermos ou, preferentemente, para nos aproximarmos da sua solução, será não virarmos o rosto quando passarmos por eles ou eles passarem por nós. Pelo contrário, parece que o dever dos responsáveis, como tal se entendendo todos quantos nos julgamos capazes de sentir alguma espécie de atracção pelo que diz respeito a toda a gente e de algum modo ter alguma influência no seu curso, o dever dos responsáveis será o de prestar atenção e oferecer o contributo da sua observação e da sua análise.

Foi o que fez ontem à noite o prof. Jorge Horta na sua oração inaugural das actividades deste ano na centenária Sociedade Portuguesa de Ciências Médicas (a mais antiga da Europa) de que assumiu a presidência. Tudo quanto diz respeito à Medicina, a profissão e o ensino, o estudante e o professor, a escola e o hospital, tudo perpassou num bosquejo fluente mas de contornos bem definidos, sem fugir à incomodidade das arestas vivas que são, para onde quer que nos voltemos, a expressão mais comum do nosso tempo. Não as evitou o prof. Horta, pelo contrário, defrontou-as.

O frio requisitório que traçou, ao longo do seu implacável rol do «sabemos» só não foi impressionante porque foi dito e ouvido numa assembleia de pessoas que desse fundamental quadrante da nossa vida comum têm presente a síntese da sua própria experiência, as contrariedades e as dificuldades do dia-a-dia, as impossibilidades, as decepções, o esbracejar inoperante no vazio e na escuridão. «Sabemos...» Sabemos todos um bocadinho, sabemos da missa a metade os que temos a idéia de que sabemos muito. O prof. Horta, sem uma hesitação, traçou o quadro completo.

Como fazer frente às dificuldades? Na medida em que cada qual não lhes virar as costas, for capaz de entender o que é o seu dever e for capaz de reunir em si as forças para o cumprir até ao fim, pois aí está a contribuição que se espera. Jogar de porta não vale, não resolve, não adianta, não ajuda seja ao que for. O que é preciso é o intérprete ser capaz de se colocar dentro das fronteiras do tempo em que vive, estar atento ao fluxo e ao refluxo das ideias e das ansiedades e procurar entendê-las de pronto. «Ganhar tempo» é perdê-lo.

Há sempre uma maré que sobe, a maré dos que chegam ao palco da vida, dos outros que vêm atrás e querem o seu lugar, não tanto para impor as suas presenças mas para fazer valer os seus conceitos, gerações que se aproximam com o saco cheio das suas ilusões que nem todas se hão-de converter em amargas desilusões. Qual o papel dos que estão e assistem ao rolar incessante dessa vaga? O grande papel será o da compreensão. Não é a renúncia, nem ao pensamento nem à acção, mas o esforço para não perder o fio da luta e continuá-la no concurso dos que chegam.

«Uma geração que não se demite» foi o título que o prof. Jorge Horta deu ao seu trabalho. Essa geração é a sua, de que ele próprio se oferece como exemplo reatando essa luta na curva do caminho em que se preparava para encostar a uma sombra o bordão de caminheiro. Mas quando toca o sinal de alarme que nos convoca a todos, quando se pede à experiência que ampare o sonho, talvez que mais coragem fosse precisa para fazer ouvidos de mercador e procurar o abrigo na tenda da comodidade. Seria essa a coragem desmedida de não se ter coragem para o que se julga o dever.

Conflito de gerações? Porquê conflito? O lugar-comum não há-de ter força bastante nem para nos deter nem para nos mover. Porque não confluência de gerações, a síntese compreensiva do que foi e do que vem, a lição que ganhámos e a oferenda da novidade que se aproxima? Amealharam uns o capital dos seus esforços e das suas conclusões, trazem outros o crédito das suas esperanças com a força de quem as tem por certezas. É uma força tremenda de vigor que não se pode depreciar. Os que estão não podem fechar os olhos nem voltar as costas às realidades que sobem vigorosamente a encosta.

RECTÂNGULOS DA VIDA

O OVO OU O DINOSSAURO?

A velha e gasta pergunta «quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha?» pode ser substituída por outra mais actual: «Quem morreu primeiro, o ovo ou o dinossauro?».

Em poucas palavras: os especialistas em paleontologia têm-se preocupado muito com a causa do desaparecimento, na terceira e última parte do Cretácico, dos dinossauros, bichos de respeito que abandonaram a vida num período relativamente curto, após haverem sido os incontestáveis senhores da Terra durante milhões de anos. Várias hipóteses foram postas a fim de explicar este desaparecimento: má repartição de massas, sensibilidade às mudanças climatéricas, cabeça demasiado pequena, etc. A última hipótese, porém, é verdadeiramente revolucionária, até porque se baseia numa observação directa. É certo que os ovos de dinossauro não andam por aí aos pontapés, mas têm sido encontrados alguns. Há tempos, na Provença, apareceram mesmo bastantes. São ovos do fim do Cretácico, portanto precisamente da época em que se processou a morte dos grandes répteis. E os tais ovos têm uma curiosa conformação. A casca, muitíssimo espessa, tem outra por dentro e outra ainda, sete ao todo, inteiras, perfeitas e de idêntica espessura.

O Prof. Erben um dos paleontologistas mais famosos da actualidade diz que as fêmeas devem ter-se descalcificado grandemente por causa daqueles ovos, e fabricado ao mesmo tempo quantidades enormes de vitamina D. Isto de falar de cálcio e de vitaminas a propósito de dinossauros é um tanto ou quanto esquisito, mas enfim... Elas, as fêmeas, enfraqueceram pois muitíssimo e morreram. Ou terão sido os bebés dinossauros que nunca conseguiram quebrar as sete cascas do ovo?

Enfim, mais um problema para ocupar os sábios. O ovo ou o dinossauro?

Por MARIA JUDITE DE CARVALHO

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

ora diga-nos...

— Já começou a fazer as compras de Natal?

O Natal está à porta. As pessoas começam já a invadir as lojas, a comprar as prendas para oferecer. Mas há muitas que guardam para mais tarde.

● *A sr.ª D. Maria Nazaré dos Santos, doméstica, diz que ainda não pensou no assunto:*
— Comprarei alguma coisa — *afirma.* — Mas por ora é muito cedo.

● *O sr. Fidélio da Silva Barrocas, professor de Educação Musical, e casado há um mês, apenas costuma fazer compras uma semana antes do Natal:*
— Este ano — *diz* — não fugirei à regra. E comprarei, sobretudo,

coisas para a minha mulher.

● *O sr. António José Xavier de Almeida Gomes, empregado na Caixa Geral de Depósitos, também nunca tem por hábito comprar as prendas de Natal com muita antecedência:*
— Quatro, cinco dias antes é o suficiente — *declara.* — E comprarei, principalmente, artigos para meu uso pessoal e lembranças para a família.

Artes plásticas

A arte da cerâmica ou a exposição de Maria Manuela Madureira

Entre nós levam tempo a tomar vulto os movimentos e, em geral, só se lhes mede o tamanho muito depois de eles terem passado; e alguns, muito depois de desfeitos e arrasados até as instalações onde se concretizaram e que a eles assistiram. Poderiam ser testemunho autêntico e fidedigno e veras estelas comemorativas deles. Mas, em geral, foram destruídos antes.

Está neste caso, presentemente — não ainda destruído, mas em plena laboração, sem que todavia esteja longe o camartelo municipal a arrazar tudo e todos — aquela Fábrica da Viúva Lamego, em Palma de Cima. Entre hortas e quintais, terrenos à espera de prédios e outros, com os prédios a erguerem-se já, esse estabelecimento fabril poderia ser hoje em dia uma escola autêntica. E ainda o é, não sabemos por quanto tempo; e dentro de anos se lamentará que não tenha havido um estímulo, um elemento catalizador oficial ou oficioso, a fazer da fábrica e a preservá-la, como autêntica escola da moderna cerâmica portuguesa.

É que, desde a azulejaria ao gosto dos séculos XVII e XVIII que o dr. Alves de Sá, pondo de lado o seu curso de Direito e agarrando-se aos pincéis, ali tem realizado, à verdadeira renovação da arte da pintura em cerâmica que há mais de quarto de século ali empreendeu mestre Jorge Barradas, o arauto do novo movimento hoje bem enraizado, seguido da geração de Querubim Lapa, com todas as ensanchas da arte moderna, ao Julio Santos desaparecido há dias, e aos da mais moderna geração, como Cecília e Artur José, a Fábrica da Viúva Lamego tem sido um viveiro da tradicional arte cerâmica peninsular e sobretudo portuguesa. É uma escola esse estabelecimento industrial. Alguns lá deram os primeiros passos; outros para lá foram já artistas e querendo apenas entrar por novo rumo.

Entre os da geração que marcou na última dezena, temos em primeiro plano, a artista que ora se apresenta na galeria onde primeiro expôs ao público. Em dez anos, Maria Manuela Madureira passou da ceramista que vimos, ali mesmo, no Chiado em 1960, com seus pratos covos, suas travessas, seus palhaços, à decoradora de hoteis e teatros, como o Estoril-Sol, com um friso magnífico, e ao Maria Matos, com uma composição de grande saliência.

Maria Manuela Madureira oscila entre a escultura e a pintura, que ambas elas participam da cerâmica; e tanto numa como noutra, a sua personalidade é a mesma, não sendo necessária a assinatura para que a peça nos diga de quem é. Da sua exposição, que tem de ser vista, sobressaem naturalmente algumas obras, como aqueles «Novos Voos», em que a ave de tons baços tem uma força verdadeiramente tentacular e a «Rapariga dos balões», á entrada em que as cores preferidas da artista, desde o começo da sua carreira alternam com os mesmos baços ora tão da sua predilecção.

Nas placas e nas jarras, algumas de belo efeito decorativo, Maria Manuela Madureira prossegue na sua arte de sempre e com as formas e processos que a trouxeram à primeira fila dos artistas. Salientemos também os baços terrosos de algumas das suas jarras.

A artista voltou á galeria de onde partiu e voltou firme na sua arte e mais animosa do que nunca, sem se deixar deslumbrar pelos êxitos até hoje conseguidos.

O XV Salão de Outono na Costa do Sol

Tem sido muito visitado o XV Salão do Outono, promovido pela Junta de Turismo da Costa do Sol.

Trata-se de um certame que reune uma colecção de interessantes trabalhos de escultura, aguarela, desenho, óleo, colagem e gravura.

Estão representados no Salão Elmano Raposo, Stella de Brito, Ruy Acácio, Fernando Grade, Hernani Lopes, Miguel Dafranca, Mário Varela, Victor Pinheiro de Figueiredo, Jorge Vidal, António Maria da Conceição Junior, Adão Rodrigues, Carlos Lança, Mário Silva, Criner Y Dimtel e Pires Vieira.

A selecção e apreciação dos trabalhos foi efectuada por um juri de que faziam parte o pintor Artur Bual e o escultor João Fragoso. Do mesmo faziam parte, por inerência do cargo, o presidente da Junta de Turismo da Costa do Sol, sr. Serra e Moura, e o consultor artístico daquele organismo, Oscar Pinto Lobo (sem voto).

A exposição pode ser visitada, todos os dias, das 10 ás 22 horas.

Hilário expõe no Palácio Foz

Amanhã, ás 16 horas, será inaugurada, numa das salas do Palácio Foz, uma exposição de pintura de Hilário.

Carlos Ramos na S.N.B.A.

Amanhã, ás 17 horas, é inaugurada na Sociedade Nacional de Belas-Artes a exposição de pintura do artista conimbricense Carlos Ramos.

Como todos os anos, Carlos Ramos vem a Lisboa com suas paisagens portuguesas e seus costumes típicos ribeirinhos.

A exposição fica aberta até o dia 22.

Madalena Pina na Galeria Nucleo

Na Galeria Nucleo, na Parede, é inaugurada amanhã a exposição de painéis de pano, colagens, da pintora Madalena Pina.

A inauguração está marcada para as 18 horas.

Guaches e colagens na Galeria Judite DaCruz

No Palácio Farrobo, á Rua do Alecrim a nova Galeria Judite DaCruz que tanto êxito teve com a sua exposição de abertura, inaugura no próximo dia 10, nova exposição de guaches e colagens.

No dia 9, ás 22 horas, efectua-se uma recepção a artistas, coleccionadores e jornalistas.

O NATAL VISTO PELAS CRIANÇAS

PROPOSTA UMA TOTAL LIBERDADE CRIADORA

Elevam-se já a vários milhares os trabalhos recebidos até agora com destino a «O Natal visto pelas crianças», iniciativa de grande interesse que o «Diário de Lisboa» promove pela 12.ª vez consecutiva. Isso demonstra que os nossos jovens leitores, e os educadores, têm atendido com magnífica compreensão — o que nos cumpre agradecer — o pedido que lhes fizemos no sentido de nos enviarem as suas produções literárias e plásticas logo que as tivessem prontas.

Entretanto, lembramos que o prazo para a entrega dos trabalhos está quase a terminar: 15 deste mês. Uma outra nota queremos hoje salientar de novo. Como já afirmámos, as crianças têm absoluta liberdade para, dentro do tema proposto escolherem o aspecto que desejem tratar, seja por escrito, seja com o carvão o pincel ou o barro.

Assim, desde os Reis Magos aos pastores, das festas do Natal — nas casas (a ceia, a árvore, a confraternização da família), nas ruas, etc. — ás janeiras, dos filhós ás oferendas, da missa-do-galo a uma humanidade inspirada pela lição do que esta quadra representa, tudo pode ser a base dos trabalhos para o nosso concurso.

Mas já estarão fora do tema proposto, por exemplo, a última ceia, a crucificação ou algo de semelhante.

Entretanto, a lista dos prémios continua a aumentar. Além dos já anunciados (patrocínios do Ministério da Educação Nacional e da Fundação Gulbenkian; duas bicicletas da marca «Vilar»; prémio «Delfim Ferreira», para os concorrentes do Porto, etc.), outros apoios estão a chegar ao «Diário de Lisboa». Deles daremos notícia por estes dias.

AOS AGENTES TÉCNICOS

A Secção de Antigos Alunos da **Associação dos Alunos do IIL convoca os colegas a comparecer na** Reunião Geral de Antigos Alunos a **efectuar-se no IIL no próximo dia 9, pelas 21 horas.**

Serão abordados diversos assuntos, nomeadamente as Jornadas do Ensino Médio de Engenharia; **e proceder-se-á à eleição dos corpos gerentes da SAA para 69/70.**

SENHOR ESTUDANTE!

Prefira as COLAS e GOUACHES SINO

e veja se dentro está um tubo com 1 senha.

Está, poderá dar-lhe: 1 Bicicleta, ou 1 Bola, ou 1 Par de patins, ou 1 Lego, etc.—além dos Sinos e emblemas dos Clubes

A. FERREIRA, LDA.

233 — RUA JUNQUEIRA — 233

uma escolha de mestre

Aprenda este segredo secular, o segredo da perfeição. Aprenda a desejar o melhor dos sabores. Aprenda a conhecer o whisky que passará a ser **o seu whisky.**

TEACHER'S Highland Cream

o mestre entre os whiskies

Soc. Com. Blandy Brothers (Lisboa) Lda.

R. Victor Cordon, 31-1.º — Telef. 36 65 51

O CONCURSO «ÁLBUM DE LISBOA»

(Continuação da 1.ª página)

Siemens, instituídos como prémios da nossa iniciativa, e que se definem pelas seguintes características:

O novo modelo de 61 cm, possui «écran» rectangular saliente em caixa de madeira exótica, oferecendo imagem insuperável pela máxima supressão de retorno de linhas. Dispõe de comandos e altifalantes frontais e seis teclas para programas diferentes (VHF e UGF) e ainda sincronismos automáticos para correcção manual.

O NOVO MODELO ESTORIL ENTRE OS PRÉMIOS

Entre os televisores que são prémios do nosso concurso, encontra-se, também, o modelo Estoril, criado pela Siemens em homenagem a Portugal e é o mais moderno televisor importado com «écran» de 51 cm. Autêntico televisor europeu para o lar português, o novo modelo Estoril, de imagem insuperável (qualidade que a Siemens justamente se orgulha), possui 6 teclas para programas diferentes (VHF e UGF), sincronismos automáticos para correcção manual e reguladores horizontais para luminosidade e tonalidade.

Mais três modelos de televisores Siemens são prémios do nosso concurso: o S-359, com «ecran» de 59 cm, circuito automático e cinescópio autoprotegido, circuito de UHF, completo sincronismo de imagem e adaptação automática às variações de tensão, comandos frontais com escala para UGF. O S-348 e o S-248, ambos com «ecran» de 48 cm e as qualidades técnicas que impõem a Siemens a um nível de preferência de invulgar relevo. Justificadamente se popularizou que a qualidade alemã vem da Siemens.

«OS 5 AVISOS DE SATANÁS» EM ANTESTREIA DE GALA

Dentro de dias, no Casino Estoril, efectua-se a antestreia de gala da película portuguesa «Os 5 avisos de Satanás», produzida pela Ibérica Filmes e por Francisco Castro, com o patrocínio da Sociedade Estoril-Sol. A receita deste espectáculo reverterá a favor da Casa da Imprensa.

«Os 5 avisos de Satanás» é uma comédia de Jardiel Poncela, adaptada por Martinho Simões e por José Luís Merino (que também assina a realização). No elenco figuram Américo Coimbra, Madalena Iglésias, Luís Filipe, Cristina Galbo, Artur Fernandez e Eduardo Fajardo. O filme foi rodado a cores e em cinemascope, estando a ser distribuído no estrangeiro pela Universal Pictures: ainda em Dezembro estreará em Barcelona para, no mês seguinte, ser apresentado em Madrid.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO POLITEAMA

Título: «Como roubar o Mundo» («How to Steal the World»).
Realização: Sutton Roley, 1968 (E.U.A.).
Intérpretes: Robert Vaughn, David McCallum, Barry Sullivan, Eleanor Parker, etc.

Robert Vaughn e «Napoleão Solo», mais conhecido por «Mr. Solo». Não vem do frio, mas começou pelo éter. A sua popularidade foi alcançada (nos E.U.A.) através da série televisionada que depois também apareceu na nossa R.T.P.

David McCallum, o louro, é «Illya Kuryatin», seu infatigável companheiro.

Napoleão Solo e Illya Kurya in trabalham em estreita colaboração e ambos são os defensores do ocidente. «Gur Men from the U. N. C. L. E.»

Desta vez (sim, já houve muitas outras vezes...), Mr. Solo e Illya lutam contra um poderoso inimigo que pretende roubar o Mundo. Um golpe genial! Mas, para cérebros geniais, a U.N.C.L.E. tem o antídoto necessário: espiões geniais, invulneráveis, invencíveis, intocáveis, etc. Mais tiro, menos pontapé, mais beijoca, menos corridinha, a receita está servida e pronta ao paladar do aficionado. Basta digerir...

Resta dizer qeu Sutton Roley, o realizador, é homem de recursos diminutos e talento a condizer. Mas, se calhar é ele quem sabe como roubar o Mundo...

L. A.

Maria José Valério (na imagem) é uma das cançonetistas que se deslocam na época natalícia a Paris, onde vai actuar para os emigrantes portugueses ali radicados. Outros nomes do elenco: António Mourão, Maria da Fé, Tino Costa, Antónia Tonicha, Daniel Garcia, Mafalda Sofia, Gabriel Cardoso, Lena Branco, Xavier de Oliveira, Sissi, o maestro Tavares Belo, os guitarristas José Maria Nobrega e Fontes Rocha e o locutor Artur Agostinho. Maria José Valério gravou, recentemente, as composições «Férias em Lisboa» (Helena Moreira Viana-António José), «Longos dias» (Vítor Manuel Rodrigues), «Lisboa, menina vaidosa» (Helena Moreira Viana-António Coimbra) e «Nunca mais» (Jair Amorim-Evaldo Gouveia)

O VIII FESTIVAL DO FOLCLORE NACIONAL

Com a presença dos melhores ranchos das províncias do Minho, Trás-os-Montes, Douro Litoral, Beira Alta e Beira Baixa, realiza-se no próximo dia 13, no Porto, a última eliminatória do VIII Festival do Folclore Nacional.

O espectáculo decorre no Palácio de Cristal e servirá para apurar os vencedores que estarão presentes na «finalíssima» do certame, a promover em Janeiro, em Lisboa.

VINHOS DA MADEIRA
LEACOCK
OS SEUS DISTRIBUIDORES:
J. A. DA COSTA PINA, LDA.
LISBOA
e COSTA PINA & VILAVERDE, LDA.
PORTO, COIMBRA e FARO
ENTREGAM NO ESTRANGEIRO AO DOMICÍLIO
estes afamados vinhos mundialmente conhecidos
Uma elegante OFERTA DE NATAL
a amigos residentes no estrangeiro

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
ADULTOS
HOJE, ás 21.45
Domingo e Segunda, ás 16 horas e ás 21.45 horas
Desconto para estudantes
SÓ ATÉ DIA 8
encenada por ADOLFO GUTKIN
VOLPONE
DE BEN JONSON
pelo GRUPO CÉNICO DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DA FACULDADE DE DIREITO DE LISBOA
A peça que obteve da crítica a mais alta pontuação

NOVO CASINO ESTORIL
SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 ÀS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS
DIANA COLE
vedeta da canção e da TV inglesa
SINO
ilusão e fantasia
LIDIA RIBEIRO
DORISS DANCERS
DO "MOULIN ROUGE" DE PARIS
CONJUNTO BOBY CAMPOS com ERIKA HOLM
FILARMÓNICA FRAUDE
FERRER TRINDADE e sua orquestra
ao grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos
no wonder bar à 1.00h m/21anos
TAMARA KISS
SÓ NO WONDER BAR
OS ASSASSINOS DE KARATE
NO CINEMA, às 17 e 21.30
(M. 12 anos)
NO SALÃO RESTAURANTE, ÀS 23 HORAS, EM NOITE DE GALA COM FINS BENEFICENTES, ACTUA TAMBÉM O ARTISTA VICENTE DA CÂMARA. NO «WONDER-BAR» O ESPECTÁCULO NORMAL COMEÇA À MEIA-NOITE.

PHILIPS
PHILIPS PORTUGUESA, S. A. R. L. comunica a todos os seus Exmos. Clientes que os serviços dos departamentos de Electroacústica, Telecomunicações, Indústria e Electrónica foram transferidos para a Avenida Duarte Pacheco, N.º 6, em Lisboa, Telefone 65 45 21

ABC Às 20.45 e 23 h. Adultos
ENA, JÁ FALA!

AUTO RALI, S. A. R. L.
Devido às obras do METROPOLITANO o trânsito de veículos em frente ao n/ STAND, da Av.ª Alm. Reis, 130 A/E, estará vedado até ao próximo dia 12.
Assim, agradecemos aos nossos clientes se dirijam, durante este período, às nossas instalações da Rua Carlos Mardel, 12 onde encontrarão à sua disposição VENDEDORES e CONDUTORES que tomarão conta do seu automóvel.

ARRABAL EM CASCAIS

Decorre hoje a ultima representação, em Cascais, do grande dramaturgo espanhol Fernando Arrabal, que Carlos Avilez, em espectáculo duplo, manteve em cena durante cerca de dois meses e meio. A carreira de «Oração» e «Os dois verdugos» justificava um prolongamento no «Gil Vicente», onde o publico continua a afluir com assinalável regularidade todas as noites. Tal não é possível, entretanto, porque o T. E. C. vai perder um óptimo elemento dentro de breves dias. Referimo-nos a Eunice Munoz, que tornou possível a concretização desta arrojada iniciativa de Avilez. Só com dois grandes actores, o jovem director do Teatro Experimental de Cascais poderia ter pensado em Arrabal e na sua «Oração», onde o diálogo, muito curto e, simultaneamente, denso, exigia intérpretes que soubessem transmitir, em movimentos de corpo e de rosto, todo o dramatismo de uma linguagem salpicada da crueldade da criança, capaz de provocar o riso mais amargo.

José Viana teve mais uma notável interpretação em «Fado» (quadro com acompanhamento do guitarrista Carvalhinho) momento alto da revista «Esperteza Saloia», em cena no Teatro Maria Vitória. Ao lado de José Viana, outros artistas populares: Eugénio Salvador Mariema, Barroso Lopes, Dora Leal, Helena Tavares, Victor Mendes e o duo filipino «The Melodies».

DIANA COLE
— VEDETA DO «SHOW» DO CASINO ESTORIL

A canção inglesa abandonou há muito os limites insulares da terra onde nasceu, galgou a Mancha, infiltrou-se no velho continente e deste saltou para os outros, numa rápida conquista das sete partidas do Mundo. A ampla difusão da língua facilitou-lhe a tarefa e do resto se encarregaram compositores eximios, poetas inspirados e intérpretes competentes, como esta Diana Cole que presentemente actua no Casino Estoril. Jovem e bonita (*meio caminho andado para o êxito*) põe a sua bela voz ao serviço de um escolhido repertório de melodias — conhecidas umas, desconhecidas outras, mas todas elas de bom nível musical e poemas válidos. Se somarmos a estes predicados o complemento indispensável do profissionalismo competente de Diana Cole fácilmente se encontrará justificação plena para a favorável reacção do publico em face desta simpática inglesinha. A completar o novo «show» do Casino actuam alli todas as noites, a artista portuguesa Lídia Ribeiro e o ilusionista alemão Sino. À primeira compete defender os créditos da canção nacional, o que consegue plenamente; e ao segundo entusiasmar a assistência com exercícios de ilusionismo, bem concebidos e melhor executados.

Para enquadrar este trio de artistas, mantém-se a presença das espectaculares Dorliss Dancers — as mesmas que em Paris, habitualmente, servem de cenário humano aos espectáculos do «Moulin Rouge».

Mas o espectáculo do Casino amplia-se pela noite toda, com a música constante de que se encarregam a orquestra de Ferrer Trindade, o conjunto de Boby Campos e a Filarmónica Fraude. E há, ainda, no «Wander Bar», a atracção Tamara Kiss — verdadeiramente só para maiores de 21 anos.

Maria do Espírito Santo voltou a gravar. O seu novo disco (para a etiqueta «Fado e Folclores, de Cortez e Nicholson) inclui composições de Eugénio Peje. Em Março, Maria do Espírito Santo deve actuar no restaurante típico «Lisboa á noite», no Rio de Janeiro.

COLISEU

HOJE, às 21.30
(Maiores de 12 anos)
GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO
AS MAIORES ATRACÇÕES

Amanhã, à tarde entrada gratuita às crianças até 10 anos. À noite podem assistir crianças a partir dos 6 anos

CAPITÓLIO
Tel. 320379
Às 21.45 h.
O PECADO DE JOÃO AGONIA
de BERNARDO SANTARENO
pelo Companhia do Teatro Nacional D. Maria II
— ADULTOS —
Sábado e Domingo Tardes às 16 horas

MAIORES 17 ANOS
Teatro Maria Matos
AV. FREI MIGUEL CONTREIRAS (à av. ROMA) TELEF. 717017
Todas as noites às 21.45 h.
EM 2.º MÊS
prossegue o êxito de
TOMBO NO INFERNO
de AQUILINO RIBEIRO
direcção de Igrejas Caeiro
Sábado às 6 horas «TARDE POPULAR» a preços reduzidos
Domingo e Segunda-feira à tarde e à noite desconto aos jovens dos 17 aos 21 anos

GIL VICENTE — Cascais telef 280919
TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL
APRESENTA AS 22 HORAS
EUNICE MUÑOZ interpretando ARRABAL
com SANTOS MANUEL, VITOR DE SOUSA e CARLOS PAULO
Trad ANTONIO BARAHONA DA FONSECA
Encenação CARLOS AVILEZ
SUBS FUNDO TEATRO — FUNDAÇÃO GULBENKIAN — ADULTOS

EM 200 FILMES ESTA É A MELHOR INTERPRETAÇÃO DE JOHN WAYNE

HOJE Às 21.30 e 21.45
ESTREIA nos cinemas
SÃO LUIZ ALVALADE

teatro VARIEDADES TELEF 32 60 37
AS 20.45 E 23 HORAS

AIDA BAPTISTA

CARLOS COELHO

ADULTOS

UM SENSACIONAL «BALLET» INTERNACIONAL

ÊXITO TOTAL!
DA NOVA REVISTA POPULAR
PEÇO A PALAVRA!
ORIGINAL DE PAULO DA FONSECA, CÉSAR DE OLIVEIRA E ROGÉRIO BRACINHA — MÚSICA DE JOÃO NOBRE E CARLOS DIAS
UMA PRODUÇÃO DE GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO
Aida Baptista • Carlos Coelho
Eloina • Spina
Max • Anita Guerreiro
A GRANDE ATRACÇÃO NACIONAL
António Calvário
A FRENTE DE UM GRANDE ELENCO

ANTÓNIO CALVÁRIO

DOMINGO e 2.ª-FEIRA: «MATINÉE» ÀS 16 H.

DISCOS Estab. MELODIA
LISBOA — R. DO CARMO, 28
PORTO — R. DE S.TA CATARINA, 360
R. DE S.TO ANTÓNIO, 95

HOTEL DOM CARLOS
A reputação do nosso RESTAURANTE é feita pelos seus próprios clientes. A par da cozinha internacional há sempre uma especialidade portuguesa á sua disposição.
AMANHÃ AO ALMOÇO:
FRANGO À MODA DE MONCHIQUE
AV. DUQUE DE LOULÉ, 121 — TEL. 53-90 71 — LISBOA

DORA LEAL na «Menina do Coro»

• UM GRANDE ESPECTÁCULO DE REVISTA É O DO
MARIA VITÓRIA
ADULTOS
Onde se representa, todas as noites, às 20,45 e às 23 horas:
• Uma revista onde o público Ri, Ri, Ri, como nunca!!!
• ATENÇÃO: EM VIRTUDE DE A PRÓXIMA 2.ª FEIRA SER FERIADO, O DESCANSO DA COMPANHIA É NA 3.ª FEIRA.
• DOMINGO E 2.ª FEIRA, «MATINÉES» AS 16 HORAS
ESPERTEZA SALOIA
com:
SALVADOR • JOSÉ VIANA • MARIEMA • BARROSO LOPES • DORA LEAL
A ATRACÇÃO NACIONAL HELENA TAVARES
A ATRACÇÃO FILIPINA «THE MELODIES»
À FRENTE DE UMA GRANDE COMPANHIA

«PEÇO A PALAVRA», NO VARIEDADES

Espadinha finalmente actor e uma certa amargura para rir

Quase quatro horas de espectáculo para aviar; muita laracha, por vezes desprovida de graça, e algumas «charges» ao momento sócio-político-sexo-artístico português onde frequentemente uma certa amargura se descortina; uma cortina com a assinatura do professor Manuel Lima, executada por José Manuel e Rebocho; uma clara intenção de varrer meia dúzia de mitos para que a revista á portuguesa não seja sempre a bajulice disfarçada de crítica; Eloína, a brasileira que queria ser «vacinada» em pleno palco (Brasil, Brasil...); Calvário evocando o tanganho n.º 1, Gardel-o-sempre-falecido; Anita Guerreiro trisando «Cheira a Lisboa» com lágrimas; a deliciosa falta de talento de Vítor Espadinha ameaçando não se dar por ela, ou, então, o actor á força tem mesmo algum talento, e só agora é que o mostra; enfim, uma co-produção de Giuseppe Bastos e Vasco Morgado, «os dois grandes impulsionadores do Teatro Português», que «escolheram os mais válidos e prestigiosos elementos, os nomes de mais amplas e rutilantes credenciais» — segundo o programa. Isto (e outras coisas) foi ontem a estreia da nova revista do Variedades, «Peço a palavra», frondosa árvore de fruto a precisar de podador. Com o que muito ganhará.

Falemos, então, da revista. Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinha, três autores em parceria, conhecem bastante bem os segredos da receita. Porque sabemos que assim é, não percebemos a razão de um espectáculo de estreia tão longo: afinal criaram-se quadros em vão (duas horas de inutilidade!) e forçou-se o público a receber uma medalha de paciência. Foi chiste propositado? Aida Baptista, para só mencionar o seu nome, chegou a defender com brio o que ontem caiu fragorosamente e sem remédio. Profissional até ao verniz das unhas, aguentou o paquete e engoliu em seco — mas tinha de ser assim?

Claro, a revista convencional de duas horas vai transformar-se noutra coisa e então há-de sobrar o vinho do lavrador (sem químico). Então Fonseca, Oliveira e Bracinha receberão a justa paga do seu trabalho, que aplaudimos, também na medida justa, quando o mereceu. Gostámos, sobretudo, de um certo humor entre pícaro e desencantado com que eles se referiram aos Bancos, ás obras do Nacional, ás eleições, á Gulbenkian, á F. N. A. T., á classificação dos filmes (a discórdia de «Helga»), a D. Cidália Meireles e D. Amália Rodrigues. A nós também, que de ordinário vamos á revista ouvir em boca alheia

VÍTOR ESPADINHA

essas verdades como punhos que poderiam causticar-nos as gengivas.

«Peço a palavra»: um certo humor amargo em Dezembro de 1969.

A música? A música serve bem o espectáculo, o que está bem, e propõe uma curiosa melodia na voz de Anita Guerreiro: «Cheira a Lisboa», com refrão entoado pelo público á segunda e terceira vez. (A música, entre parêntesis, podia ter prescindido da «Mula da Cooperativa» — estava lá o Max e chegava.)

Montagem e guarda-roupa? São ricos. São de Pinto de Campos, isto é, espectaculares, imaginosos, evitando a repetição de colheitas anteriores. A sério, gostámos.

Quanto ao elenco, dê-se a Coelho (Carlos) o que é de Coelho, pois muito lutou — mais do que ninguém — e foi perfeito no «Zé Votante» e na «Coscuvilheira ao telefone». Aida Baptista teve um único quadro para brilhar («Esquecida»), defendendo o resto por ossos do ofício: a pena que dá escrever isto. Spina demorou a arrancar, porque «Empregado de confiança» e «Brasileiro do Metro» são números frouxos, mas depois entusiasmou-se e deu uma excelente «Coscuvilheira» e um «Professor» bem traçado. A sua voz de buzina é girissima.

Anita, promovida a actriz, vale essencialmente pela interpretação musical. O porte lembra já o de Maysa Matarazzo, mas a voz não perdeu qualidades e prende o ouvido. Ah, sim, encheu a sala. E chorou, claro: quem não gosta de palmas agradadas? António Calvário foi, sem abusar, António Calvário. Isto é um elogio, pois há tentações do diabo (Que é o outro). Calvário leva gente á revista, as pessoas gostam de Calvário. Calvário profissional, certo, metódico. Vimo-lo assim.

Houve, também, Max, aquele Max vilão da Madeira, malandrão ou bom-serás, conforme as ocasiões. Nem altos nem baixos: Max igualmente metódico, certo, profissional. Ele sabe como é. E houve Helena Cardinalli, sim senhor, azougada; e Mariano Franco, sim senhor, valente; e Tânia Mota, sim senhor, capitosa; e Eloína, sim senhor, sim senhor (sim senhor e etc., tudo no seu sítio), cheio de mimos tropicais nas conversinhas para engodar o burguês; e Nelo, o do «twist», sim senhor — mas cantou sem microfone e pronto.

Bom, seriamos chatos se não falássemos de Espadinha. Espadinha foi a revelação. Quanto ganha Espadinha? Ora, ora, têm de lhe aumentar o ordenado! Espadinha descobriu-se: é o magrizela ridículo e linfático, o dez réis de gente com as costelas á mostra, o sonso do terceiro andar que ri a despropósito e se esquece de rir quando devia. O público não chupa Espadinha mas riu com Espadinha. E esta?

Ainda uma lembrança, só de passagem, sobre a apoteose final. Nada de xaropadas: uma casa galante á velha maneira! Como se disse de Espadinha terá que dizer-se da apoteose — e esta?

«Os dois grandes impulsionadores do Teatro Português (...), continuando uma associação que tão magníficos frutos tem doado ao Teatro Português», vão ganhar o deles. «Peço a palavra» já hoje deve ser reduzida de tamanho: esse é o problema. Resolvido, entra muita guita na bilheteira para bem do Teatro Português.

FERNANDO ASSIS PACHECO

Em RIO MAIOR o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na TABACARIA SANTANA, de Abílio Carreira Santana.

CINEMA DE PARIS

FRANÇA, ANOS 30

Três filmes antigos, esquecidos ou «invisíveis» foram reunidos, com grande êxito, num mesmo programa — e os anos 30 da França vêm até nós, doces ou amargos anos, de uma vida amável, ou de uma severa consciência das dificuldades que se atravessavam e das lutas que era preciso vencer.

Carné, no seu primeiro filme. Renoir, director e intérprete numa obra de encargo propagandístico, Lurçat, realizador e protagonista doutro filme em que Kosma se estreava como músico de cinema — as curiosidades assim anunciadas junta-se algo mais, que é dimensão estética e moral também.

Nogent, Eldorado du Dimanche, *estreia de Carné, data de 1929,* La Marche de Faim, *de Lurçat, de 1933;* La Vie est á Nous, *de Renoir, foi realizado em 1936. Entre 1929 e 1936 o destino da França se pode considerar jogado — e ganho. Ganho e perdido também, por ter sido incompleta a vitória. A vida não fora nossa, como o título de Renoir pretendia — e a guerra foi ainda uma vitória dos outros...*

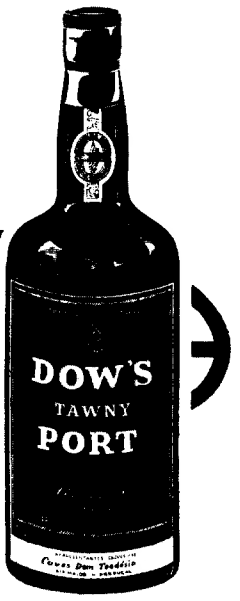
A doce França de 29, domingueiramente satisfeita nos bailes populares de Nogent, eldorado e paraíso á beira do Marne, em tardes de Verão, tal como a viu o jovem Marcel Carné, é a mesma que pouco antes o jovem Renoir observara em Une Tartie de Campagne, *num idêntico teor impressionista. Quando, sete anos depois, Renoir lançaria o seu apelo de* La Vie est á Nous *(ao mesmo tempo que filmava* La Grande Ilusion...*), Carné acompanhava já o destino trágico dos seus heróis, numa «chienne de vie» que o poético desespero de Prévert intemporalizava.*

Renoir verifica-se aqui mais uma vez, e com uma clareza perfeita, o contrário de Carné, na mitologia cinematográfica francesa dos anos 30. A desesperança deste opõe ele uma esperança política, num filme de encomenda, sinceramente feito, com entusiasmo e ingenuidade. Após a grande crise de 29, com os seus arrastados reflexos na sociedade capitalista das «200 famílias» então denunciadas em França, impunha-se um grande movimento de unidade, na defesa dos valores e dos interesses populares severamente atingidos e ameaçados por um fascismo cuja aparência caricata escondia um grave perigo. (E porque a vitória não foi completa, se tornou possível, em 40, a «kolaboração» de Pétain...). La Vie est á Nous *foi um filme de propaganda para essa unidade que viria a ser o «Front Populaire». Um filme simples e simplista, sem dúvida — mas levado num grande e generoso élan a que não é estranha, aqui e ali, a lembrança de Eisenstein.*

«Lido» antes dele, La Marche de la Faim, *com a presença sensível e dramática de Lurçat, descrevendo o martírio dum «chômeur» de 1935, justifica-o sentimentalmente — e éticamente também. E ainda estéticamente, ao apagar o seu estilo mais rebuscado perante a directa comunicabilidade da obra de Renoir. Da notável e desconhecida obra de Renoir, agora finalmente vista.*

J. A. FRANÇA

VINHO DO PORTO



DOW'S PORT

Apreciado em todo o mundo

Um produto de Silva Cosens Ltd.

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: CAVES DOM TEODÓSIO — RIO MAIOR

VIDA MUSICAL

A Banda da G. N. R. no Trindade

No domingo, ás 11 horas, a Banda da Guarda Nacional Republicana dá um concerto no Teatro da Trindade

Em virtude da época invernosa em que vamos entrar, pouco propícia para concertos ao ar livre, e a exemplo dos anos anteriores, a Banda da G N R vai deixar de executar os seus concertos de sábado no Quartel do Carmo durante os meses de Dezembro, Janeiro e Fevereiro, substituindo-os, no entanto, por concertos dominicais que realizará quinzenalmente no teatro acima referido

Concerto de Outono dedicado à juventude

Por iniciativa da Secretaria de Estado de Informação e Turismo, vai realizar-se, no dia 8, um concerto expressamente dedicado aos jovens.

Nesse concerto, o público juvenil vai tomar contacto directo com uma obra-prima daquele que tem sido considerado a maior personalidade musical do século XX: «As Bodas», de Igor Stravinsky, para quarteto de solistas-cantores, coro misto, instrumentos de percussão e quatro pianistas.

A segunda parte do programa é dedicada á «4.ª Sinfonia» de Joly Braga Santos. Proporciona-se, assim, a oportunidade de um convívio directo com o movimento criador nacional, através da música de um compositor que tem dado aos problemas da juventude o melhor do seu talento e do seu esforço. O último andamento desta sinfonia contém o «Hino á Juventude», que, num dos recentes congressos da organização internacional «Juventudes Musicais», um grupo de delegados de diversos países propôs que fosse adoptado em todo o mundo como o «Hino da Juventude».

O concerto será dirigido pelo maestro Piero Bellugi, que conduzirá o Coro Gulbenkian e a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional. O quarteto de cantores é constituído por artistas que se têm especializado nelas suas interpretações das «Bodas» de Stravinsky, o soprano Rae Woodland, a contralto Norma Procter o tenor Alexander Oliver e o baixo Richard Angas. Além dos instrumentistas de percussão da Orquestra Sinfónica Nacional estarão presentes os pianistas Manuela Araújo, Helena Matos, Regina Cascais e Olga Prats

Este concerto de Outono dedicado á juventude, a que se procurou dar um carácter o mais possível informal, será orientado e comentado pelo dr João de Freitas Branco, que assim estabelecerá comunicação entre os artistas e o público

O concerto realiza-se, na próxima segunda-feira, ás 18 e 30, no Tivoli. O custo dos bilhetes é propositadamente muito acessível, variando de 5 a 10 escudos.

ARTISTAS PORTUGUESES EM PARIS

De 18 a 22 do corrente, um conjunto de artistas portugueses vai exibir-se em Paris, em quatro espectáculos destinados a emigrantes. A iniciativa pertence ao nosso prezado colega «Diário Popular» e os artistas que se deslocam são os seguintes: António Mourão, Maria José Valério, Xavier de Oliveira, Maria da Fé, Daniel Garcia, Antónia Tomicha, Tino Costa, Mafalda Sofia, Gabriel Cardoso, Lena Branco, Sissi, o mestro Tavares Belo e o locutor Artur Agostinho.

«OS LAGARTOS DA RUA FRESCA»

Amanhã, á noite, o grupo «Os Lagartos da Rua Fresca» promove uma festa a favor da sua secção de beneficência, no Grupo Dramático Lisbonense, na Rua Cruz dos Poiais, 33.

Colaboram artistas da Rádio, Fado e Teatro.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

III ENCONTRO NACIONAL DA IMPRENSA NÃO DIÁRIA

Por iniciativa do Grémio Nacional da Imprensa Não Diária, com o patrocínio da Secretaria de Estado da Informação e Turismo e com a colaboração da Corporação da Imprensa e Artes Gráficas, vai realizar-se, em Lisboa, nos próximos dias 11, 12 e 13 de Dezembro o III Encontro Nacional da Imprensa Não Diária, incluindo os representantes oficiais de todas as publicações periódicas do Continente e das Ilhas inscritas no Grémio.

O encontro efectuar-se-á na Sala da Imprensa do Palácio Foz, iniciando-se o programa com uma sessão solene, na noite de 11 de Dezembro, para a abertura do Encontro — a qual será presidida pelo director-geral da Informação, dr. Clemente Rogeiro.

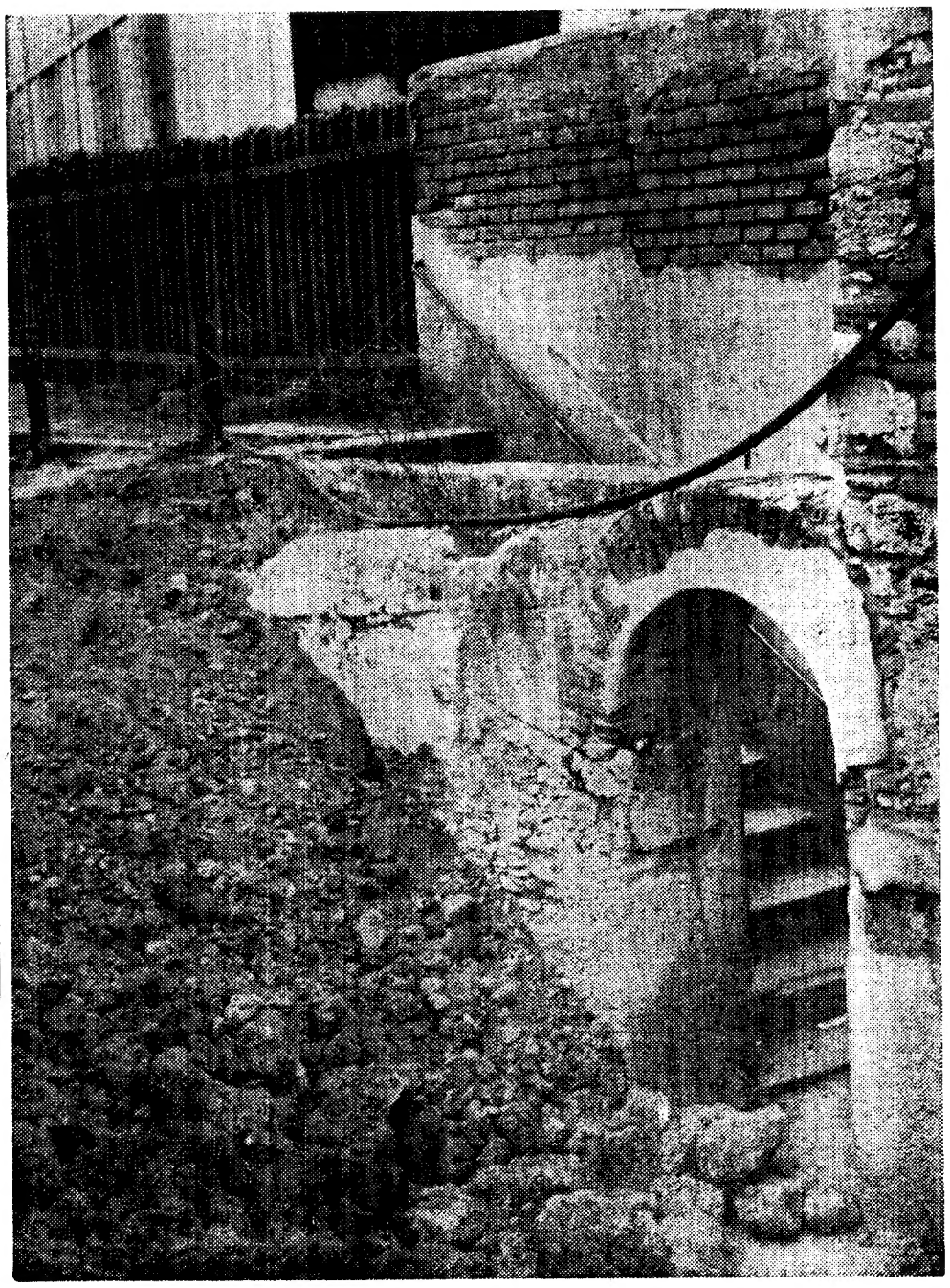
O encontro terminará com um grande almoço de confraternização, oferecido a todos os inscritos e outros convidados oficiais.

Conforme está estipulado pelo próprio Regulamento Geral deste III Encontro Nacional da Imprensa Não Diária sómente poderão assistir ás sessões de trabalho os inscritos devidamente credenciados pelo Grémio.

Todos os pedidos de informações ou esclarecimento devem ser solicitados para o Grémio Nacional da Imprensa Não Diária (Avenida Almirante Reis, 100, 3.º F. — Lisboa-1 — Telefone 53 47 43) ou, a partir do dia 11 inclusive, também para a Secretaria do Encontro, instalada no próprio Palácio Foz — Restauradores — Lisboa-2.

QUEM TOMA PROVIDÊNCIAS URGENTES?

Este é um dos acessos à estação dos caminhos-de-ferro de Campolide e única comunicação entre o Bairro da Liberdade e Campolide de Cima. Como as nossas gravuras bem documentam, a porta encontra-se já quase totalmente obstruída por terra e por pedras. Com a chuva, é evidente que deixou de poder ser utilizada e as muitas pessoas que necessitam de servir-se dela têm de ir pela terra solta (que a nossa gravura de cima também mostra), a qual, como é evidente, se transforma num lamaçal completamente intransitável. Impõem-se por isso providências urgentes... Por outro lado, e para chegar ao mesmo local, vindo do outro lado da Avenida Gulbenkian «da parte mais alta da Calçada dos Mestres, por exemplo) devem as pessoas utilizar o tunel subterraneo — que, como era indispensável, em devido tempo se construiu. Porém, o certo é que, apesar de nele já haver instalação eléctrica, ainda não foi ligada — pelo que, á noite, as pessoas não se podem servir dele. Assim, têm de atravessar pela própria Avenida Gulbenkian com todos os riscos inerentes — dada, além de mais, a velocidade com que, normalmente, os automóveis ali circulam.



NOVIDADES LITERÁRIAS

Roger Peyrefitte
OS AMERICANOS
Colecção
Autores Universais
Série Monumental
90$00

Jean Lartéguy
AS MURALHAS DE ISRAEL
Colecção
Documentos de Todos os Tempos
60$00

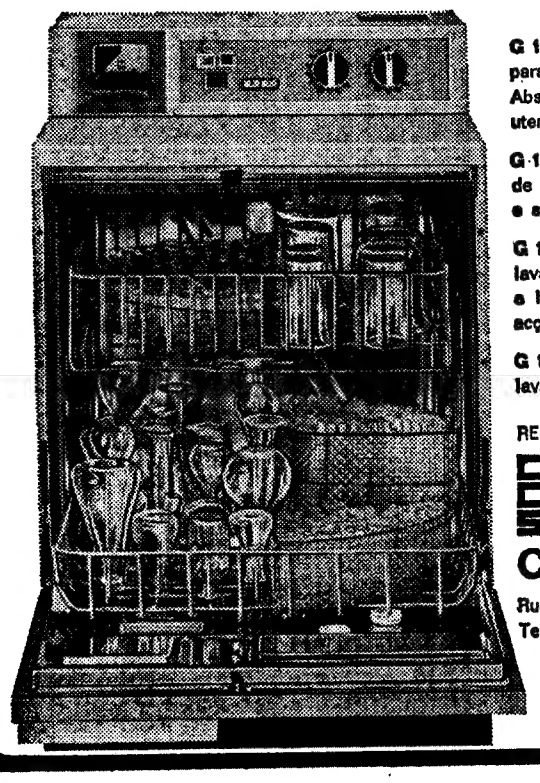
Julio Verne
A ILHA MISTERIOSA
Volumes I e II
Nova edição ilustrada
cada volume: 25$00

LIVRARIA BERTRAND

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

Miele®

4 novas versões para laboratórios e hospitais



G 19 LABOR Máquina automática para lavagem de vidraria de laboratório. Absoluta eficácia para quaisquer utensílios.

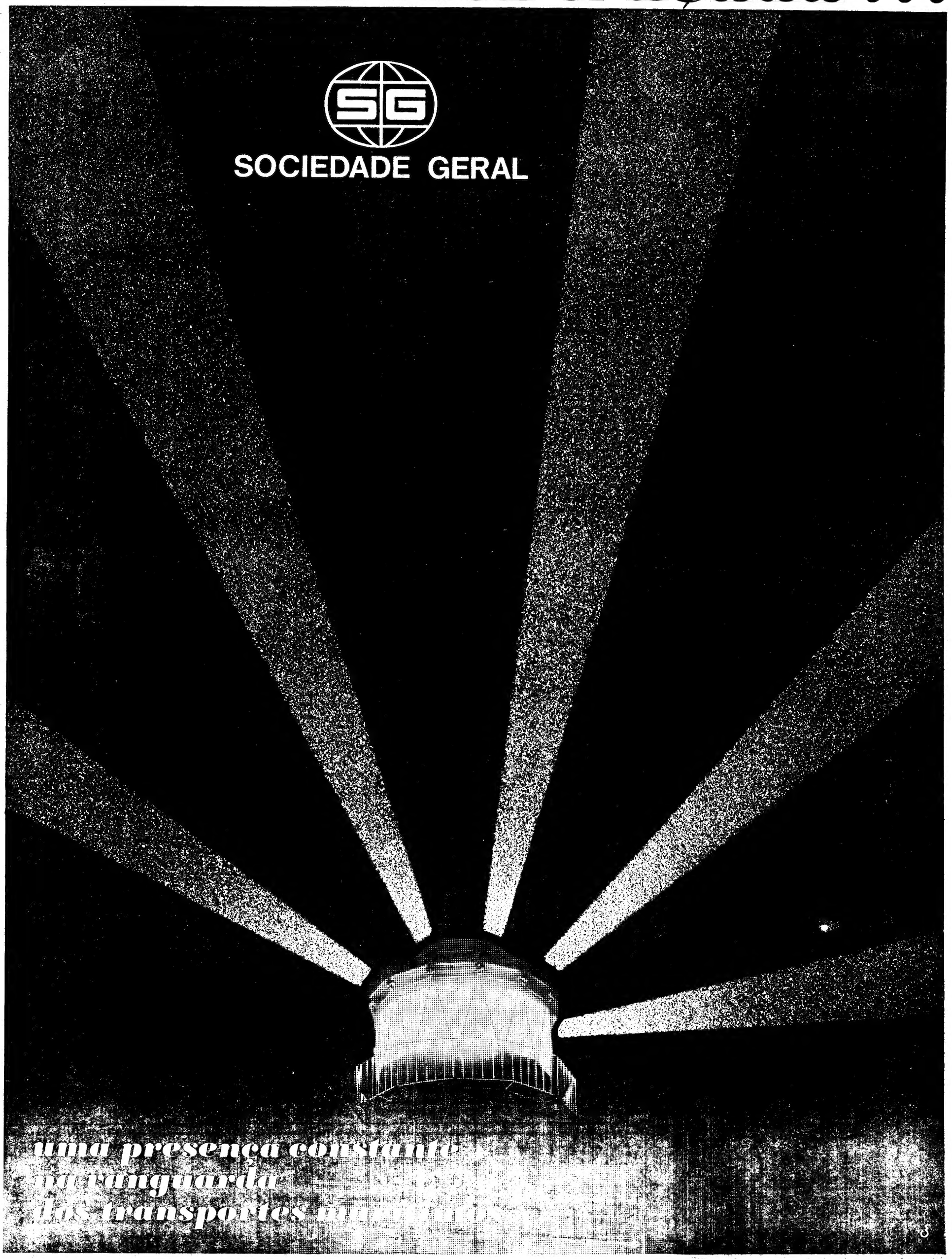
G 19 Máquina automática para lavagem de biberões. Lava, enxagua, neutraliza e seca 87 biberões de cada vez.

G 18 TD Máquina automática para lavagem de louça em clínicas e hospitais. Desinfecção radical por acção químico-térmica prolongada.

G 17 OP Máquina automática para lavagem de instrumentos cirúrgicos

REPRESENTANTE EXCLUSIVO
CONCESSUS, S.A.R.L.
Rua D. Francisco Manuel de Melo, 9, 9-A
Tel. 652406/7 - Lisboa 1

firmes na rota traçada...



PROPOSTA DE LEI ENVIADA À CÂMARA CORPORATIVA

PODERÃO SER CONVOCADOS OS OFICIAIS MILICIANOS COM MAIS DE 40 ANOS

O Governo enviou ontem para a Câmara Corporativa a seguinte proposta de lei:

«O artigo 47.º da Lei n.º 2135, de 11 de Julho de 1968, ao prever a possibilidade de prestação de serviço militar no período complementar de serviço, apenas permite a convocação de indivíduos, fora das 4 classes mais recentes das tropas licenciadas, em caso de guerra ou de emergência, e na dependência da prévia declaração de estado de sítio.

Este regime não satisfaz completamente ás necessidades actuais das forças armadas que, no respeitante a oficiais dos quadros de complemento com certos cursos — como o caso dos médicos e farmacêuticos — começam a necessitar de recorrer a oficiais de classes mais antigas para se obterem os quantitativos suficientes de mobilização, desde que se não queira obrigar os mais modernos a repetir comissões no Ultramar, o que se afigura injusto, enquanto houver mais antigos sem as terem cumprido.

A lei que se propõe agora permitirá habilitar o Governo a chamar para comissões militares oficiais dos quadros de complemento com mais de 40 anos, sempre que reconheça não ter outra forma de obter os militares das especialidades precisas, depois de se rever cuidadosamente o aproveitamento dos oficiais em serviço e o dispositivo das forças, e de se ter assegurado da insuficiência do voluntariado, em regime de contrato especial.

Atenta a idade dos convocados e a época das suas vidas, fixam-se bases para a prestação do serviço que se julgam justas, especialmente:

— duração de prestação do serviço não superior a 28 meses;

— desempenho do serviço em estabelecimentos militares fixos (hospitais, etc.);

— graduação em postos superiores ao de cada oficial para os equiparar aos do quadro permanente do mesmo curso de origem;

— respeito pelo limite de idade para passagem á reserva, com termo automático da comissão;

— verificação da aptidão para serviço no Ultramar, tendo em atenção a idade respectiva dos convocados.

Nestes termos, o Governo apresenta á Assembleia Nacional a seguinte proposta de lei:

Artigo único — O artigo 47.º da Lei n.º 2135, de 11 de Julho de 1968 — Lei do Serviço Militar — passa a ter a seguinte redacção:

Artigo 47.º — 1. A convocação, sucessiva ou simultânea, das classes incluídas nas tropas licenciadas ou territoriais depende, salvo caso de agressão efectiva ou iminente por forças estrangeiras, da prévia declaração de estado de sítio.

2. Os indivíduos que se encontrem nas quatro classes mais recentes das tropas licenciadas podem, por determinação do Conselho de Ministros, sob proposta do Ministro da Defesa Nacional, ser convocados nominalmente para a prestação de serviço efectivo quando, independentemente da prévia declaração de estado de sítio, circunstâncias anormais de segurança ou de defesa o imponham e tornem necessário.

Nos mesmos termos, os oficiais do quadro de complemento das restantes classes dos escalões de mobilização podem ser convocados para a prestação do serviço efectivo por período que não exceda 28 meses, desde que

a) estejam habilitados com licenciatura ou curso que seja essencial para o funcionamento dos serviços das forças militares em operações;

b) se encontrem aptos para o serviço militar no Ultramar.

3. Os oficiais do quadro de complemento convocados nos termos do número anterior são graduados nos postos até tenente-coronel ou capitão-de-fragata, conforme o ramo das forças armadas a que pertençam, desde que os oficiais do quadro permanente habilitados com o mesmo curso, formados no mesmo ano e ingressados normalmente no respectivo ramo das forças armadas, tenham já ascendido ao mesmo posto. O Ministro da Defesa Nacional regulará as condições gerais de prestação de serviço destes oficiais, que normalmente serão destinados a estabelecimentos militares fixos, sem prejuízo de ser considerado como limite de idade para passagem á situação de reserva o do posto que possuiam antes da graduação.

4. Serão considerados desertores os que, convocados individual ou colectivamente, não se apresentem nos locais, unidades e prazos designados, podendo a falta ser justificada no respectivo processo.

5. Em tempo de guerra ou de emergência, podem ser dispensados de convocação os indivíduos que exerçam funções consideradas em diploma especial, indispensáveis ao funcionamento de serviços publicos essenciais ou de actividades privadas imprescindíveis á vida da Nação ou ás necessidades das forças armadas, ficando porém, sujeitos ás leis militares enquanto não for desmobilizada a classe a que pertençam.

6. Poderão ser autorizados á prestação de serviço efectivo os indivíduos pertencentes aos escalões de mobilização que o requeiram. Este serviço é normalmente prestado em regime de contrato e não dispensa nem substituí o que vier a ser imposto.»

Esta proposta de lei terá de ser discutida pela Assembleia Nacional, após o parecer da Câmara Corporativa

DIA-A-DIA PARLAMENTAR

- *O Conselho da Presidência da Câmara Corporativa, sob a presidência do dr. Supico Pinto, reuniu-se, esta tarde, para distribuir pelas secções respectivas os projectos de duas propostas de lei: o que se refere á criação dos tribunais de família e o de alteração á lei militar.*
- *A Secção Permanente da Câmara Corporativa, reunida esta tarde, designou o conselheiro dr. Trigo de Negreiros como relator do parecer sobre o projecto de decreto-lei sobre servidões administrativas.*
- *As subsecções de Finanças e Economia Geral e de Turismo e Indústria Hoteleira devem escolher ainda hoje o relator da proposta de lei sobre o desenvolvimento da região de turismo da serra da Estrela.*
- *As comissões de Finanças e de Economia da Assembleia Nacional continuaram a reunir-se para elaboração dos respectivos pareceres sobre a Lei de Meios.*

O LISBOETA VAI PODER VER UM BOCADO DA LUA

Durante uma semana e ainda este mês, a Embaixada dos Estados Unidos, por intermédio dos Serviços de Informação e Assuntos Culturais dos Estados Unidos (U. S. I. S.), vai expor, numa das salas do novo «Centro Cultural Americano», situado na Avenida Duque de Loulé, 22-B, em Lisboa, uma rocha lunar trazida para a Terra pelos astronautas da missão Apolo-11. Lisboa será assim uma das primeiras capitais da Europa a ver um rocha lunar.

Posteriormente, em data também a anunciar, esta rocha estará patente ao publico numa das salas da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, no Palácio Foz, que deste modo colabora com a Embaixada dos E. U. Simultâneamente, serão exibidos filmes das missões Apolo 11 e 12.

Conseguimos também saber que, no primeiro dia da exposição da rocha lunar, deslocar-se-ão ao Centro Cultural Americano várias entidades oficiais de acordo com uma lista que está a ser elaborada.

O novo Centro Cultural Americano está destinado a desempenhar um papel de grande relevo no campo das relações culturais entre os Estados Unidos e Portugal, pois as suas actividades, entre outras, incluirão conferências, seminários, projecção de filmes, sessões de musica gravada, utilização de meios audiovisuais de ensino em cursos de aperfeiçoamento de inglês, exposições e empréstimo de livros da sua biblioteca, etc.

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS EM ANGOLA

LUANDA, 5. (A. N. I.) — Foi distribuído o comunicado semanal, relativo á actuação das Forças Armadas, com o seguinte texto:

«No período de 23 a 29 de Novembro, as forças da ordem desenvolveram intensa actividade operacional, repartida pelas regiões Norte e Leste e caracterizada por buscas, referenciações e assaltos aos locais de refugio dos bandoleiros, por emboscadas e nomadizações nas zonas de passagem dos grupos terroristas e por actividades normais de protecção aos trabalhadores, ás instalações económicas e ás populações.

Os resultados obtidos situam-se ao nível habitual dos períodos anteriores, salientando-se o facto de se terem capturado duas metralhadoras de origem checoslovaca e provocado cerca de duas dezenas de mortos aos terroristas. De mencionar, também, a apresentação de indivíduos da população refugiada na Republica Democrática do Congo (Kinshasa), que procuram no território nacional, melhores condições de vida.

Por sua vez, a actividade dos terroristas revelou-se, segundo as formas e processos habituais, actuando por ataques, raptos e assassínios entre as populações, como tentativas para dominar pelo terror, por reacções ás nossas tropas e pela implantação de engenhos explosivos.

No Norte de Angola as operações decorreram na região de Mucondo, Zala, Quixico e Ucua. Foram assaltados e destruídos vários locais de refugio dos bandoleiros, capturado material de guerra e provocadas baixas. Na região de Quitexe, os terroristas assassinaram dois civis, que se dedicavam a prospecção de madeira, e cujos corpos foram, mais tarde, encontrados e recolhidos pelas nossas tropas.

Na região do Leste, um grupo de terroristas atacou a aldeia de Muene Choco, na área da Nova Chaves, causando oito mortos e nove feridos, na maioria crianças, saqueando os haveres da população e incendiando conto e duas casas.

A população retirou, em consequência da intervenção das milícias, que responderam decididamente, até ao esgotamento das munições.

Utilizando o terror, numa tentativa para assegurar o domínio da população, os bandoleiros atacaram, também, o aldeamento de Nhatepa, na área de Leua, e o povo chilombo, na região de Lovua, tendo causado baixas e efectuado saques. Incendiando cerca de quarenta casas e raptando alguns indivíduos, aos quais roubou utensílios domésticos e criação.

As nossas forças acorreram em socorro da população, mas não conseguiram, no entanto, capturar os componentes do grupo.

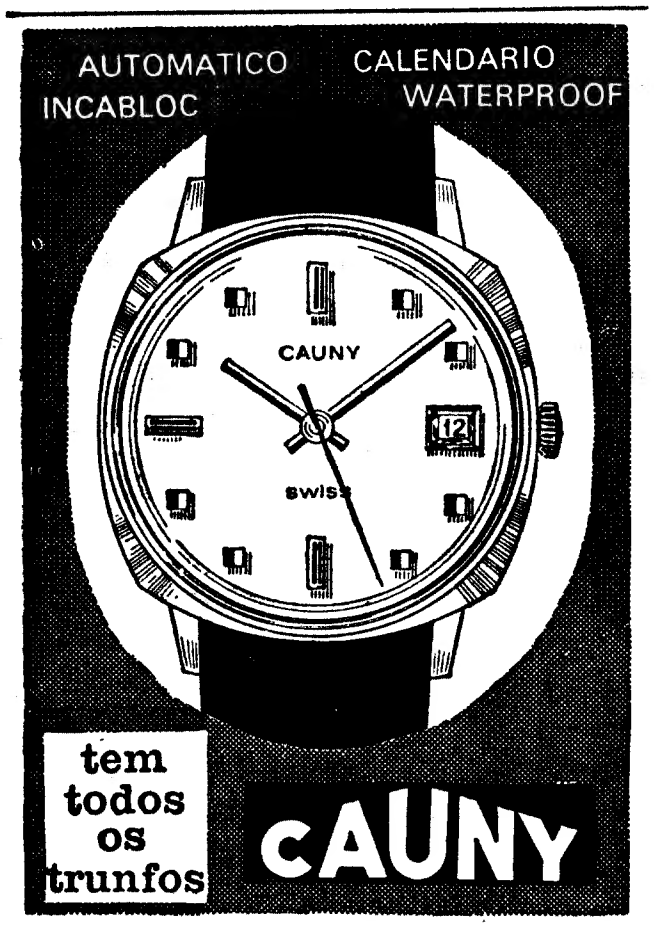
Também na região de Leua, um grupo de bandoleiros atacou o aldeamento de Chindupo, mas retirou perante a reacção de fogo e de manobra, levada a cabo pelas milícias do aldeamento.

Numa operação que decorreu na região de Lupire, foram assaltados e destruídos vários locais de refugio dos bandoleiros e contactados grupos isolados de terroristas, causadas baixas e capturado armamento, munições e diverso material.

Na região de Cuito Cuanavale, durante uma batida efectuada pelas nossas tropas, para a referenciação dos inimigos, foram contactados vários grupos, que opuseram resistência, mas sofreram baixas e a captura de armamento, de munições e de diverso material.

As nossas tropas efectuaram, ainda, um reconhecimento ofensivo na região de Lunache, que levou á descoberta de um «quartel» dos terroristas, que foi assaltado e destruído, com a captura de diverso material.

As nossas forças sofreram dois mortos e um ferido em combate. Lamentam-se, ainda, dez mortos e dezassete feridos entre a população civil.»



CYCLONE
o «Tigre mexicano»
CONTRA
JAYMERI
o «Hércules português»
Um combate que terá a sua história, quando os dois colossos estiverem frente a frente dentro das 12 cordas do «ring».
(M. 17 anos)
SUSPENSAS AS ENTRADAS DE FAVOR

LUTA LIVRE AMERICANA
Hoje, às 21,45 h., no Pavilhão dos Desportos
Um combate autorizado e sancionado pela Federação Internacional, no qual estará em jogo o TITULO EUROPEU DOS PESADOS
TARZAN TABORDA
contra CHAUSSON

DESCAMPS — ALVAREZ
CONTRA
TÁGUA — ALCON PERUANO
Dois grandes «duos» que se defrontam pela 1.ª vez na emotiva luta a quatro.
GALLARZA contra OLIVER
A exemplo dos anos anteriores, esta sessão não será televisionada
VENDA DE BILHETES NA AGÊNCIA DOS RESTAURADORES

Se suspeita estar com gripe
(a epidemia tem aspecto benigno)
recolha à cama e chame o médico

Diàriamente (ou quase) a Imprensa nacional e estrangeira tem publicado notícias sobre a epidemia da gripe que vem grassando em vários países. Regiões há onde somam milhares de pessoas atingidas, verificando-se, como consequência, perturbação no funcionamento de diversas actividades, em pequenos e grandes centros.

A esse propósito, o Centro Nacional da Gripe esclarece e informa

«1 — A epidemia da gripe actual é devida a uma variedade do vírus A2, antigénicamente semelhante ao vírus A2, variedade Hong-Kong.

2 — A epidemia da gripe tem aspecto benigno, pelo que não há motivo para alarme.

3 — A forma clínica dos casos de gripe não difere da observada habitualmente.

4 — O Centro Nacional da Gripe não isolou ultimamente o vírus da gripe, mas foi informado de que em vários pontos do País, sobretudo nos distritos do Norte, tem grassado uma infecção respiratória com sintomatologia semelhante á usualmente observada na gripe. Recebeu já as primeiras colheitas de soros de doentes atacados de «gripe clínica» e aguarda as segundas colheitas para caracterizar laboratorialmente a infecção.

5 — Aproveita-se a ocasião para apelar para todos os médicos que sejam chamados para «casos de gripe», no sentido de comunicarem com o Centro Nacional da Gripe (telefone 53 43 78), a fim de se tentar o isolamento do vírus causador.

6 — Renova-se a informação de que a gripe não tem tratamento específico, pelo que se aconselha que não sejam usados antibióticos, a não ser que surjam complicações que os indiquem.

7 — No caso de alguém suspeitar de que está infectado pelo vírus da gripe, deve recolher á cama e chamar o médico.

8 — Faz-se notar que o único meio de valor profiláctico contra a gripe é a vacinação específica. Todavia, dado o carácter benigno de que se está a revestir a doença, não se aconselha a vacinação em massa.

9 — O Centro Nacional da Gripe distribui vacina por mal para a vacinação (afecções bronco-pulmonares, cardíacas, renais, diabetes graves, etc.). Aos indivíduos nestas condições, e que foram vacinados no princípio do ano, aconselha-se a revacinação.»

10 — A vacinação só será feita a pessoas idosas e àqueles que sofram de doenças em que haja indicação for-

Em três linhas

Uma portaria do Ministério da Marinha designa os ramos em que se agrupam os serviços médicos do Hospital da Marinha e regula o provimento dos cargos de chefes e de assistentes dos referidos serviços.

///

A E. N. contratou como locutor de 2.ª classe o profissional Carlos Alberto dos Santos.

///

Foi condecorado com a medalha da cruz de guerra de 2.ª classe o soldado n. 62811/68, Angelo Ferreira Gandarês, da Companhia de Caçadores n.º 2455, do Batalhão de Caçadores n.º 2858, do Regimento de Infantaria n.º 1.

///

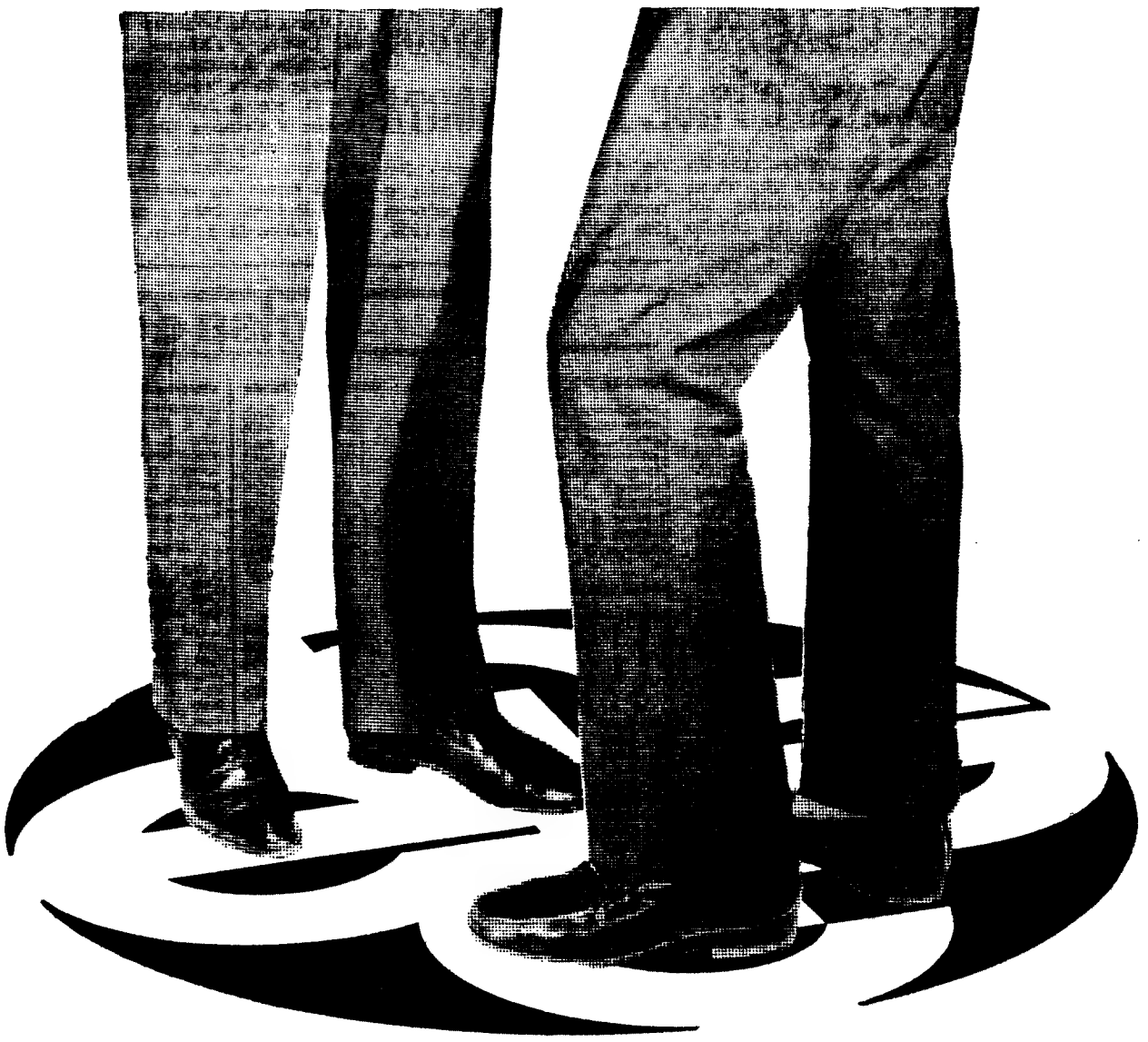
Foi nomeado professor provisório do Colégio Militar o dr. João de Almeida dos Santos.

///

Foi nomeado director do Instituto Geofísico anexo à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, o dr. Alexandre Augusto Pires de Carvalho, professor catedrático daquele estabelecimento de ensino superior.

///

O subsecretário de Estado da Administração Escolar delegou, nos directores-gerais e nos dirigentes superiores dos organismos dotados de autonomia administrativa ou financeira, competência para a prática de determinados actos.



ENCONTRE
O SUCESSO
ENCONTRANDO-SE
CONNOSCO!

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
onde cada um conta mais do que a sua conta

CORONEL
DE ENGENHARIA

ALFREDO DE SOUSA GHIRA

FALECEU

Sua Mulher, Filhos, Noras, Genros e mais família, participam que foi Deus servido chamá-lo á Sua Divina presença, e que o funeral se realiza amanhã ás 12 horas, da Igreja de S. João de Deus, para o cemitério do Alto de S. João.

Às 11,30 horas, será celebrada Missa de corpo presente.

P. N. A. M.

AGÊNCIA BARATA

A educação permanente no desenvolvimento regional

Prosseguiu hoje de manhã, numa sessão extra-programa, a comunicação que o dr Perry Vidal apresentou no «Colóquio sobre Planeamento Regional da Educação» que tem estado a decorrer no Instituto de Meios Audio Visuais de Ensino, por iniciativa do Gabinete de Estudos e Planeamento e Acção Educativa

O orador, que versou o tema «A Educação Permanente como factor do Desenvolvimento Regional», referiu-se á Educação no sentido clássico e actual, á produção do saber aos imperativos da actualização e á incidência da Educação Permanente no desenvolvimento regional. Tratou ainda dos métodos da Educação permanente, sua aplicação prática e, por último, apresentou as suas conclusões.

A sessão foi presidida pelo eng.º Prostes da Fonseca, director de Serviços da G. E. P. A. E.

No final, estabeleceu-se um debate em que participaram, além do autor da exposição, o eng. Frausto da Silva, presidente da direcção do G. E. P. A. E., o dr. Manuel Alambre dos Santos, director do mesmo organismo a dr.ª Helena Cidade de Moura e outras individualidades.

O encontro com o dr. Jean Lessard, consultor da O. C. D. E., que estava marcado para esta manhã, não se realizou em virtude de este ter adoecido

É INQUIETANTE A SITUAÇÃO DAS RELAÇÕES COM A JUVENTUDE SEGUNDO O PROF. JORGE HORTA

Um apelo aos homens da sua geração para que dêem exemplo á juventude, foi ontem lançado, na sessão inaugural do ano académico da Sociedade de Ciências Médicas, pelo respectivo presidente, prof. Jorge da Silva Horta.

«Estamos em presença de uma situação inquietante, onde a lei que confere autoridade ao conformismo de uma boa parte de uma geração, tem sido a única arma a opor ao inconformismo juvenil» — afirmou o antigo bastonário da Ordem dos Médicos, no seu discurso, intitulado «Uma geração que não se pode demitir».

«Que os homens da minha geração não se demitam, olhem para dentro de si próprios, cumpram aquilo que se comprometeram ao ocupar um qualquer posto de chefia por mais alto que esteja situado», disse o orador, a terminar, escutado por uma assistência na sua maioria constituída por médicos, afirmando ser «este o primeiro, mas indispensável, passo, o exemplo a dar aos mais jovens».

No decorrer da sessão, presidida pelo subsecretário de Estado da Administração Escolar, foram, ainda, distribuídos os prémios Sanitas de 1968 e 1969, e proclamados os vencedores dos Prémios Pfizzer de 1969.

SERVIÇOS DE ANESTESIA DOS H. C. L.

Assumiram a directoria dos Serviços de Anestesia dos Hospitais Civis de Lisboa os drs. Avelino Fortes Espinheira, Eusébio Lopes Soares, Hugo Gomes, João de Castro Joaquim Gonçalves Marieta Soveral Rodrigues e Mário Santos, que ficaram colocados, respectivamente, nos hospitais de Santa Marta, de Santo António dos Capuchos, de São José, de D. Estefania, de Arrolos, do Desterro e de Curry Cabral.

Enciclopédia «Verbo»

Saiu o volume n.º 9 da «Verbo — Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura». Inclui as palavras desde Gacon (Samuel) a Hermenegildo (Santo). A mesma excelente apresentação gráfica dos números anteriores.

«Verbo — Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura» constitui uma notável (e bem conseguida) iniciativa da editorial daquele nome; e é valioso elemento de consulta, indispensável em todas as bibliotecas

Um terminal temporário da «Pan American»

Em consequência da grande afluência de passageiros que congestionam o movimento do aeroporto internacional John Kennedy, de Nova York, a Pan American decidiu construir um terminal temporário para passageiros, no valor de 2 milhões de dólares.

Esse terminal acomodará os passageiros das rotas da Bermuda, São João de Porto Rico, Ilhas Virgens e Nassau, pois nesses voos diários chegam e partem mais de 3000 passageiros. As outras linhas continuarão a utilizar o «International Arrivals Building».

O novo terminal estará concluído em Dezembro próximo, tendo capacidade para cinco jactos Boeing 707 ou um 707 e dois superjactos 747, com capacidade, estes últimos, de 362 passageiros cada. O novo terminal ficará situado na entrada de Van Wyck Expressway para o aeroporto.

Provas para especialista do L. N. E. C.

Têm estado a decorrer no anfiteatro do Laboratório Nacional de Engenharia Civil as provas publicas para obtenção do certificado de estágio para especialistas daquele organismo de investigação, sendo concorrentes a dr.ª Maria Amália Nogueira e os eng.os Loureiro Pinto, Almeida Pereira, Guedes de Melo, Vasconcelos Paiva, Maronha das Neves, Pereira da Costa, Janeiro Borges e Gonçalves Barroso.

O concurso termina amanhã com a apreciação das teses dos ultimos candidatos reunindo-se o juri á tarde, para deliberar sobre os respectivos resultados.

Recepção aos caloiros do Instituto Comercial

O baile de recepção aos caloiros do Instituto Comercial de Lisboa realiza-se amanhã no salão nobre da Sociedade de Belas-Artes, na rua Barata Salgueiro.

Os pares dançarão ao som de ritmos tocados pelos conjuntos «Quinteto Académico + 2» e Shegundo Galarza.

Dão-se informações pelo telefone 34154.

Necrologia

FALECIMENTOS

Coronel Alfredo de Sousa Ghira

Faleceu Alfredo de Sousa Ghira, de 66 anos, coronel de Engenharia, natural de Lisboa. O extinto, casado com a sr.ª D. Maria Elisa Ottolini Coelho e Campos Ghira, era pai das sr.as D. Maria Teresa Coelho e Campos Ghira Borges, casada com o sr. eng.º Amandio Alves Borges, e D. Maria Margarida Coelho e Campos Ghira, e dos srs. Alfredo Manue. Coelho e Campos Ghira, casado com a sr.ª D. Maria João Loureiro Brandão Coelho e Campos Ghira, e Manuel António Coelho e Campos Ghira, casado com a sr.ª D. Maria João Figueira Coelho e Campos Ghira.

O funeral, a cargo da Agência Barata, realiza-se amanhã, ás 12 horas, da igreja de S. João de Deus para o cemitério do Alto de S. João. Ás 11 e 30 será celebrada missa de corpo presente.

Dr. José Francisco César

Faleceu o sr. dr. José Francisco César, de 79 anos, tenente-coronel médico, viuvo, sem filhos residente na Avenida Marquês de Tomar, 25, 3., nesta cidade. Acometido de doença subita quando seguia num autocarro, na Praça Marquês de Pombal, foi conduzido ao Hospital de São Jose onde já chegou morto. O cadáver recolheu ao Instituto de Medicina Legal.

SUFRÁGIOS

D. Carolina Dezonne Servais Pereira de Almeida

Por alma de D. Carolina Dezonne Servais Pereira de Almeida, na passagem do 30.º dia do seu falecimento, celebra-se amanhã na igreja das Chagas, ás 12 e 30, missa de sufrágio.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Vendo
Consolidado 4 3/4%	—	—	518$
Consolidado 3%	539$	538$	540$
Consolidado 3 1/2%	—	—	630$
Centenários 4%	1 500$	500$	1.505$
Obrigs Tesouro 5%	—	—	1.003$
Externo 1.ª Série	—	710$	750$
Externo Série c	—	830$	850$
Externo 3.ª Série	—	700$	740$
Externo 3.ª Série c	—	—	870$
Cautelas 3.ª Série	—	150$	160$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	470$	—
A P I 5% 56	—	—	950$
A P I 5% 58	—	—	950$
C P 4 1/2% 65	—	—	895$
C P 5 1/2% 67	990$	—	—
C U F 6%	995$	995$	998$
C U F 6% 68	—	1.000$	—
Gás Elect 4% 48	—	770$	—
Gás Elect 4 1/2% 51	—	760$	—
Gás Elect 5% 52	—	880$	900$
Gás Elect 5% 58	—	880$	900$
Gás Elect 5% 59	—	880$	—
Gás Elect 5% 62	—	—	—
Gás Elect 5% 63	—	—	—
Gás Elect 5% 65	—	—	—
Gás Elect 6% 67	1.005$	—	1.005$
H E A Alentejo 5%	—	820$	—
H E Cávado 5%	—	—	—
H E Cávado 6%	—	—	—
H E Douro 5%	840$	835$	845$
H E Douro 6%	—	1.017$	—
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E S Estrela 6%	—	1.012$	1.013$
H E Zêzere 5% 55	—	820$	—
H E Zêzere 5% 57	—	820$	—
Lisnave 6%	—	1.020$	1.030$
Metropolitano 4%	890$	890$	900$
Metropolitano 5 3/4%	—	—	1.003$
Moçambique 5%	—	—	—
Nac Electr 5%	—	840$	—
Nitratos 5%	—	800$	—
Nitratos 5% 60	—	780$	—
Petroquímica 5%	—	860$	—
Port Celul 5%	—	950$	—
Sacor 5% 54	930$	930$	—
Sacor 5% 60	—	890$	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	825$
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonefe 5%	—	850$	—
T A P 4%	—	—	—
Termoelect Port 5%	—	815$	830$
U E P 3 3/4%	—	84$	—
U E P 4%	—	84$	—
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	82$5	82$	82$
U E P 5% 60	—	—	825$
U E P 5% 63	—	—	—
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	2.255$	2.250$	2.260$
Alentejo	1.045$	1.045$	1.050$
Angola	3.750$	3.750$	3.800$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	5.000$	5.000$	—
E Santo	—	—	—
E Santo n	—	—	—
Fonsecas S. p	—	20.000$	30.000$
L G Açores p	7.400$	7.350$	7.450$
L G Açores n.	—	—	—
P Atlântico p	7.000$	6.950$	7.000$
Portugal n.	—	3.200$	3.300$
Portugal p	—	—	4.400$
Totta Aliança	6.700$	6.600$	6.800$
Ultramarino n.	3.600$	3.570$	3.620$
Ultramarino p	4.000$	3.990$	4.020$
Seguros			
Alentejo	81$	80$	82$
Douro	—	1.500$	—
Mundial	875$	870$	880$
Sagres	—	—	2.700$
Tranquilidade	—	50.000$	—
Ultramarino	—	15.000$	30.000$
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	880$	880$	900$
Ag Cassequel	795$	790$	800$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	—	450$	500$
Ag S Tomé e Príncipe	—	350$	380$
Boror	—	—	—
Buzi	—	85$	88$
Cabinda	239$	238$	240$

Ultramarinas	Efec	Compra	Vendo
Diamantes Angola	2.480$	2.470$	2.490$
H E Revué	655$	650$	660$
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	85$	83$	86$
Sonefe n	420$	—	—
Sonefe p	440$	440$	442$
Zambézia	—	88$	—
Angolano	—	—	—
Diversas			
Ciclo	—	—	—
Cim Leiria	—	5 000$	5.500$
Cim Tejo	7 250$	—	—
Col Navegação	—	1.450$	1.500$
C U F	1.550$	1.530$	—
Ina Aliança	—	—	—
Nac Navegação	—	—	3.850$
Petroquímica	2.100$	4.050$	2.140$
Port e Colónias	—	1.460$	—
Port Celulose	—	—	4.700$
Port Pesca	1.250$	—	1.280$
Port Tabacos	788$	787$	790$
Sacor	4.850$	4.850$	4.870$
Siderurgia Nac	1.800$	1.780$	1.800$
Socel	3.420$	3.415$	3.450$
Tabacos de Portugal	—	1.855$	1.950$
Tabaqueira	—	—	8.500$
U F Azoto	875$	870$	875$
Aguas, Electr e Gás			
Aguas Lisboa p	—	435$	—
Aguas Lisboa 34	—	435$	—
Aguas Lisboa 36	—	390$	400$
Eléct Beiras	1.630$	630$	1.640$
Gás Electr	423$	422$5	423$5
H E Alto Alentejo	155$	154$5	155$5
H E Cávado	1.285$	1.285$	1.290$
H E Douro	1.285$	1.285$	1.290$
H E Norte Portugal	—	307$	325$
H E S Estrela	—	—	—
H E Zêzere	1.285$	1.285$	1.290$
Nac Electricidade	1.285$	1.285$	1.290$
Termoeléctr Port	1.285$	1.285$	—
U E P	192$	191$	192$5
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	209$2	215$5
F I D E S	—	1028$9	132$8

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez 65 100)

	28/11/69	4/12/69	5/12/69
GERAL	155,8	156,4	156,1
METRÓPOL.	147,4	147,9	147,7
ULTRAM.	217,0	218,8	218,0

PAISES	Compras	Vendas
África do Sul — Rands	37$30	39$30
América:		
— Dollars de 1 a 2	28$35	28$75
— Dollars de 5 a 1000	28$55	28$95
Canadá — Dollar	26$40	26$90
Alemanha — Marco	7$65	7$95
Áustria — Schilling	1$08	1$15
Argentina — Peso	$06	$09
Brasil — Cruzeiro Novo	5$20	7$20
Espanha — Peseta	$40	$41,5
Holanda — Florim	7$85	8$15
Inglaterra — Libra	68$50	70$50
Itália — Lira	$0,45	$04,7
Bélgica — Franco	$55	$58
França — Franco	4$75	5$15
Suiça — Franco	6$58	6$78
Marrocos — Dirham	4$90	5$40
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Noruega — Coroa	3$90	4$20
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	250$00	270$00
Inglaterra — 1/2 Libra	280$00	300$00
Ouro fino — Barra	32$70	34$70

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

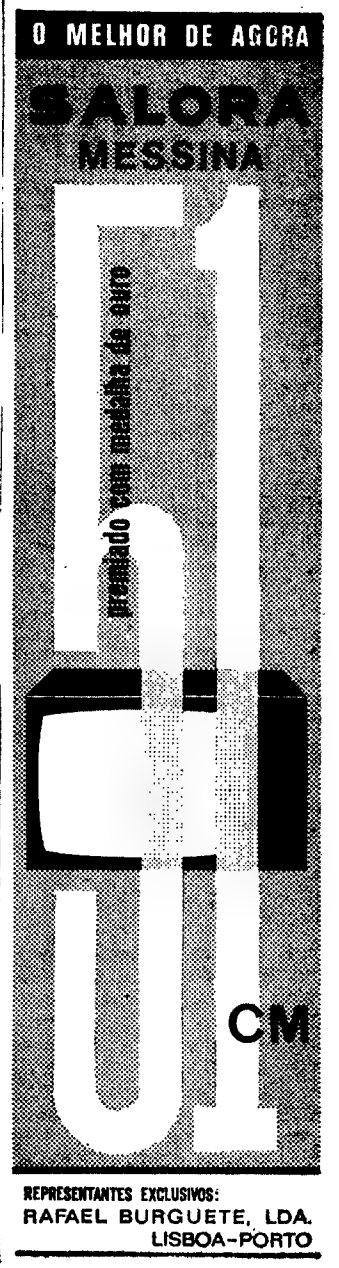
PORTUGAL APOIA A REPRESSÃO AOS «PIRATAS DO ESPAÇO»

Sempre que, ilicitamente e através da violência ou ameaça de violência alguém se apoderar de uma aeronave ou interferir no seu *contrôle* em voo todas as partes signatárias serão obrigadas a tomar as medidas adequadas para que o comandante legítimo do avião reassuma ou conserve o seu comando

Esta é uma das cláusulas da convenção internacional sobre infracções e outros actos sobrevindos a bordo de aeronaves, que ontem entrou em vigor depois de ratificada pelos doze estados membros da O. A. C. I (entre os quais Portugal) A convenção estipula, nas suas linhas gerais, que o Estado em que esteja matriculado o avião é que tem competência no reconhecimento das infracções cometidas a bordo, o que valle, por exemplo para fins de extradição Algumas semanas atrás, o ítalo-americano Raffaele Minicchiello poderia segundo a letra da convenção (se ela já vigorasse, claro) ter sido extraditado para os Estados Unidos: a Itália também ratificou o documento

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS

Na Academia das Ciências procedeu-se á eleição dos cargos académicos para o ano de 1970: presidente da Academia e da Classe de Letras, prof. Moses Amzalak; vice-presidente da Academia e presidente da Classe de Ciências, prof. Amorim Ferreira; tesoureiro, prof. Ramos e Costa.



REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
RAFAEL BURGUETE, LDA.
LISBOA-PORTO

Sugerida a criação de novos cursos técnicos no nosso País

PORTO, 5 — Os contabilistas do Norte, que nomearam há tempos uma comissão para se ocupar dos problemas que mais constrangem a actualização e desenvolvimento do nosso Ensino Técnico, decidiram enviar ao presidente do colóquio sobre o Planeamento Regional da Educação, o seguinte telegrama:

«Contabilistas titulados pelo Estado, preparando esquema de ante-projecto para moderna Universidade Artes e Técnicas, com sede no Porto, e suas Escolas Superiores disseminadas por todo o território português, cumprimentam V. Ex.ª e manifestam vivas esperanças que os resultados da brilhante iniciativa de amplo Colóquio sobre Planeamento Regional Educação conduzam a proporcionar-se aos estudantes do Ensino Técnico, ou seja, dois terços da população, do ensino secundário nacional, muito maiores possibilidades de acesso ao Ensino Superior, terminando-se, definitivamente, com a presente situação, a qual lhes exige deslocação para o Porto, Coimbra ou Lisboa, mesmo quando não pretendam ultrapassar habilitação equivalente ao sétimo ano dos Liceus, o que se tem traduzido num enorme desfavor para dezenas de milhar de jovens, com indiscutível prejuízo nacional. Colaborando, permitem-se sugerir a V. Ex.ª, a solução imediata, viável e fàcilmente exequível: a transferência para escolas técnicas das capitais de distrito dos estudos de generalidades, actualmente professados em metade do primeiro e do segundo anos dos Institutos Industriais e Comerciais, a qual representaria uma apreciável economia para os cofres do Estado, pois os professores dos Institutos recebem vencimentos superiores, em 50 por cento aos das escolas técnicas secundárias. Não se compreende bem como tal solução — prática e mais económica — e de grande alcance social, não tenha ainda sido posta em execução, pois já foi ventilada há muito tempo, preferindo-se insistir nos exames de admissão aos institutos, de orgânica obsoleta, bem patente no caso verificado no presente ano lectivo, de 90 por cento dos candidatos ao Instituto Comercial do Porto, terem reprovado.

Também formulam votos para que seja analisada a injusta situação da população do Norte — 4 milhões de portugueses desfrutando, presentemente, como há meio século atrás, de uma só Universidade, no Porto, com quadro estudos inadaptados á multiforme preparação requerida pela evolução tecnológica dos últimos tempos. Lembram, ainda, que Portugal é o único país Europeu sem Cursos Superiores de Comércio, Gestão e Peritagem Contabilística, Relações Públicas e Publicidade, Medicina Dentária, Engenharia Têxtil de Fiação, Tecelagem ou Acabamentos, Engenharia Petroquímica, de Fundição, plásticos, Construção e Mecânica-auto, Enologia, Engenharia Rural, Industrias Alimentares, Técnicas do Frio e Condicionamento de Ar, Peritos de Turismo, Secretárias-intérpretes (bilingue ou trilingue), Construção Naval Civil, etc., sendo evidentes as desvantagens no plano da nossa concorrência internacional e as repercussões prejudiciais ao nosso desenvolvimento socioeconómico.

Subscrevem-se com distinta consideração e formulam votos de pleno êxito.

aa) *Rodrigues Paiva, Constantino Gomes, Lopes Vinga, Oliveira e Sá.*

Actividades da Casa do Pessoal da Mobil

Na sequência do programa de actividades culturais da Casa do Pessoal da Mobil, vai realizar-se, amanhã, ás 21 horas, na sala de cinema do Palácio Foz, com a colaboração da Secretaria de Estado de Informação e Turismo, uma sessão cultural, com o seguinte programa, em que actuará o Grupo «Choral Phydellius», sob a direcção do maestro Fernando Cardoso, e será exibido o filme de «ballet» «O pequeno cavalo corcunda», para maiores de seis anos, interpretado pela bailarina russa Maya Plisse-tskaya.

A COMPANHIA DAS ÁGUAS VAI EMITIR OBRIGAÇÕES NO TOTAL DE 120 MIL CONTOS

A Companhia das Águas de Lisboa foi autorizada a emitir 120 mil obrigações do valor nominal de 1000 escudos cada uma.

A emissão será lançada em duas fases de 60 mil obrigações, a primeira das quais vai ser oferecida á subscrição pública ainda este ano, em data préviamente autorizada pelo secretário de Estado do Tesouro.

Curso pós-graduado para médicos em Alcoitão

Vai realizar-se, de 15 a 20 deste mês, no Centro de Medicina de Reabilitação da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, o 2.º curso pós-graduado para médicos sobre «Princípios básicos de medicina de reabilitação», para o qual se encontram já inscritos médicos de diferentes pontos do País.

O objectivo do curso é dar aos médicos, particularmente ao clínico geral, um conjunto de conhecimentos básicos especializados, que lhes permita estar aptos a prevenir o aparecimento de complicações ou a evitar o possível agravamento da diminuição física existente, uma vez que a reabilitação começa no próprio lugar do acidente ou na cama do doente.

Além do pessoal médico e paramédico do Centro de Medicina de Reabilitação, colaboram, neste curso, os profs. drs. Miller Guerra e Thomé Villar, e drs. Vasconcelos Marques, Alfredo Franco, Leonel Cabral, Cunha e Sá, Rodrigues Luzes, Caldeira Migueéns, Serra Costa, Paiva Chaves, Martins da Cunha, Fernando Nascimento, Amorim Ferreira, Almeida Dias e Matilde Sampaio Maya.

A abertura do curso, destinado apenas aos médicos inscritos, efectuar-se-á, ás 9 horas do próximo dia 15, com uma lição do director clínico.

Hospital da Universidade de Lourenço Marques

Foi nomeada a comissão administrativa e instaladora do Hospital da Universidade de Lourenço Marques.

Preside á comissão o sr. prof. dr. João José Lobato Guimarães, servindo de director da Faculdade de Medicina da mesma Universidade. Para vogais foram nomeados os srs. prof. dr. Artur Manuel Giesteira de Almeida e dr. Alberto Machado, administrador do Hospital de S. João, no Porto, em comissão de serviço na Universidade de Lourenço Marques.

Exame para licenciatura em Janeiro

A exemplo do ultimo ano lectivo, foi agora autorizada superiormente a realização, no mês de Janeiro, do exame de uma disciplina aos estudantes do ensino superior que nela hajam obtido frequência válida e que tenham a conclusão dos seus cursos unicamente dependentes de aprovação no respectivo exame.

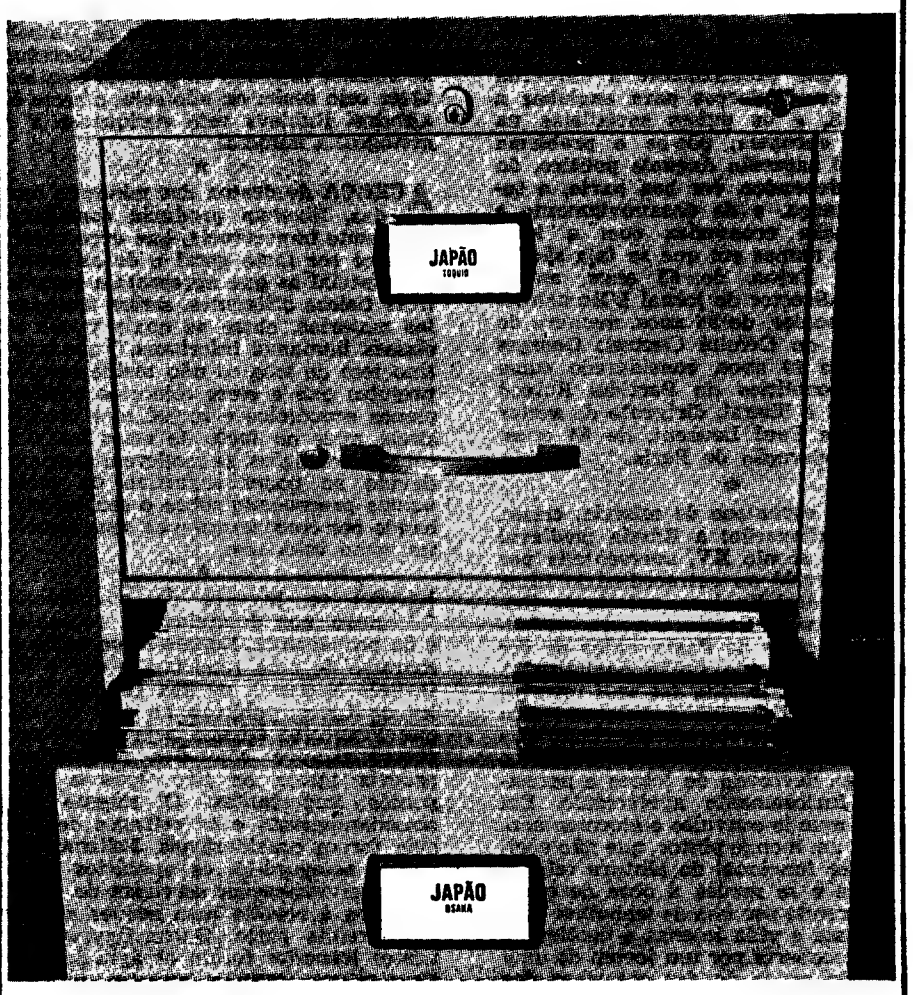
Apanhado a cortar linhas telefónicas

Andava a cortar as linhas telefónicas na encosta da Mata de Monsanto, junto do Instituto dos Pupilos do Exército. Foi o comerciante José Augusto das Neves, de 46 anos, casado, quem o encontrou nessa tarefa e o apresentou á P. S. P., na 20.ª esquadra. Apurou-se, então, tratar-se de Isabelino dos Santos, solteiro, servente de pedreiro, natural de Pendilho, Vila Nova de Paiva, e residente na Rua A, n.º 13, ao Bairro da Serafina. Este confessou o facto (testemunhado por João Martins Ramajal, de 59 anos, casado, mestre florestal 2.º) e seguiu para a Polícia Judiciária.

Congresso Nacional de Otorrinolaringologia

Amanhã, ás 18 horas, na Casa do Leão do Castelo de São José, o presidente da Câmara Municipal de Lisboa oferece uma recepção em honra dos participantes no V Congresso Nacional de Otorrinolaringologia.

Ao seu dispor



os nossos conhecimentos sobre o comércio externo japonês

SE PRETENDE ESTABELECER CONTACTOS COM COMERCIANTES E INDUSTRIAIS JAPONESES, RECORRA AOS NOSSOS SERVIÇOS ESPECIALIZADOS

153 DEPENDÊNCIAS DO B. N. U. ESTÃO AO SEU SERVIÇO

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
o Banco do Povo ao serviço de Portugal

PRESENTE NO JAPÃO DURANTE A EXPO'70 EM OSAKA

ECOS

ENCONTRANDO-SE doente já há meses o secretário-geral do Partido Comunista Francês, Waldeck Rochet, no momento em que precisamente a esquerda envida os seus esforços para englobar a U. R. S. S. e os países socialistas na construção europeia, põe-se o problema da provável sucessão daquele político, da qual pode depender, em boa parte, o futuro da França, o do desanuviamento e da cooperação económica com o leste europeu. Os nomes em que se fala são os de Étienne Fajon, de 63 anos, antigo deputado e director do jornal **L'Humanité**; Gaston Plissonier, de 56 anos, membro do secretariado do Comité Central; Georges Marchais, de 49 anos, considerado como elemento monolítico do Partido; Roland Leroy, subtil e liberal, dirigente do sector intelectual, e Paul Laurent, de 44 anos, **leader** da federação de Paris.

★

UM afresco espantoso de miséria, crime, guerra, alienação: a Rússia medieval de inícios do século XV, apresentada por Andrei Tarkovski no extraordinário filme soviético «Andrei Rublev», prémio da Crítica no Festival de Cannes e agora em exibição nos cinemas de Paris, antes de ser projectado na própria União Soviética. A terra russa na majestade dos seus imensos rios, das suas florestas ondulantes. Um ritmo lento que parece vir do fundo das eras, o cântico ardente de um povo místico e misterioso, devorado de febres e parasitas, mas furiosamente apaixonado. Em meio desse mundo convulso e atormentado, um artista, um monge pintor, que não aceita o carácter funcional da pintura religiosa da época e se recusa á obra de encomenda, deixando por isso de trabalhar com os pincéis, até a vida intensa e caótica do povo e a descoberta por um jovem de uma liga metálica capaz de dar aos sinos das catedrais uma mais profunda sonoridade a restituem á alegria da criação. Há quem veja neste autêntico bosque de símbolos e alegorias algumas alusões á literatura e ao cinema tabelado do período estaliniano. Quer seja assim ou não seja, o certo é que «Andrei Rublev» veio enriquecer a cinematografia mundial.

★

ACERCA do drama das minorias oprimidas, Einstein produziu considerações de grande importância, que urge recordar: «Parece ser facto geral o de as minorias, em especial as que apresentam características físicas diferentes, serem tratadas pelas maiorias, entre as quais vivem como classes humanas inferiores. O que este destino tem de trágico não reside apenas no prejuízo que a essas minorias advêm nos planos económico e social, mas também e ainda mais no facto de esses indivíduos, em tais condições, se renderem geralmente, devido ao poder sugestivo da maioria, àquele preconceito sobre o seu valor, acabando por considerarem os seus semelhantes como inferiores.

★

NADA se inventa de completamente novo nos domínios da comunicação e da propaganda. Repare-se no estilo deste extracto de uma reportagem que o jornal francês National, **na sua rubrica** Nouvelles de Lyon, **publicou no ano de 1834 e que Françoise Giroud reproduziu no** Express: «Houve combates sangrentos na própria igreja de São João e noutros pontos importantes. O sangue correu abundantemente e os estragos do canhoneio foram consideráveis. Felizmente, podemos assegurá-lo, os operários tecelões, cujas reivindicações serviram de pretensa bandeira à revolta nem sequer nela tiveram grande parte. Quem figurou nestas tristes jornadas foram os agitadores políticos e um grande número de estrangeiros »

Lyon de Castro anuncia a criação do «Prémio Alves Redol»

«Prémio Alves Redol»

(no valor de 35 contos)

criado por Lyon de Castro

— *Além das nossas relações de autor e editor, fomos, durante trinta anos, Alves Redol e eu, camaradas de ideal* — disse Lyon de Castro, director das Publicações Europa-América, esta manhã, no decurso de uma reunião com os órgãos de Informação, para apresentação de uma série de iniciativas que perpetuem o grande romancista de «Barranco de cegos». — *Deste modo, a casa editora que dirijo acaba de criar o «Prémio Alves Redol», no valor de 35 contos, a atribuir de dois em dois anos.*

Lyon de Castro, que se encontrava ladeado por Rogério de Freitas, colaborador de Publicações Europa-América e pelo escritor João Palma Ferreira, afirmou que o prémio seria atribuído já em 1970. Presentemente estuda-se o regulamento e prepara-se a constituição do júri, que deverá ser composto «por pessoas versadas na obra de Redol».

— *Todavia* — acentuou o editor — *poderão concorrer ao prémio obras que não sejam precisamente neo-realistas. Não há, pois, qualquer limitação de criação literária.*

A obra premiada, que terá de ser, necessàriamente, um romance (nunca menos de duzentas folhas dactilografadas), será imediatamenet traduzida para francês ou para inglês, de maneira que «possa ser exposta na Feira do Livro de Francfort, onde o autor será convidado a ir.»

— *Só assim* — sublinhou Lyon de Castro — *é que se conseguirá a divulgação de autores portugueses.*

O galardão (35 contos, que constituem uma antecipação dos direitos a conceder ao autor sobre uma tiragem de 5 mil exemplares) será atribuído exclusivamente a escritores portugueses que apresentem trabalhos inéditos.

— *O autor* — disse Lyon de Castro — *não perde, no entanto, o direito á propriedade do livro e, por consequência, continuará a beneficiar das tiragens que a obra possa vir a ter.*

Finalmente, foi dito aos jornalistas que, «sob o patrocínio das Publicações Europa-América, será realizada, em Lisboa, em local e data a anunciar oportunamente, uma exposição bibliográfica e iconográfica sobre o escritor Alves Redol, patente ao público, e na qual se exibirá numerosa documentação referente á vida e obra do grande escritor».

Vinte a de ser a «Forja»

A «Forja» tem vinte anos. Redol morreu há dias. E, entre estas datas, houve um mundo de coisas que vão, amanhã, ser invocadas (secretamente, pelos espectadores) quando a peça subir á cena do Laura Alves. Muitas deporão contra o que se deixou que fosse Teatro em Portugal. Algumas, contra o gosto descapsulado de um público desviado do eixo do seu próprio interesse. Nenhuma, contra Alves Redol.

E o importante é que esta verdade está claramente exposta nas palavras do encenador, Jorge Listopad, no que escreveu para as páginas do programa que «acompanha» o espectáculo.

Comecemos por elas esta reportagem do último ensaio da «Forja» — um bater texto e marcações que antecedem o ensaio-geral que, hoje á noite, se realiza, já que a estreia será definitivamente amanhã (um amanhã que é, se ele, autor, fosse de ser assim, a missa de sétimo dia do grande romancista do povo que ainda se «avieira» nos braços estagnados do Tejo).

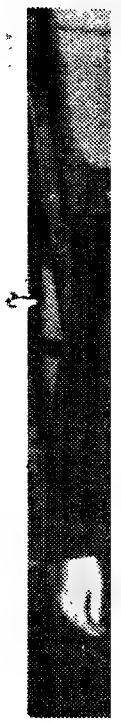
E aqui está o que diz o encenador:

Honrou-me Alves Redol com a confiança de erguer em espectáculo o texto dramático «Forja» tanto tempo condenado a ser apenas letra sem corpo. Deu-me, espontâneamente e com seu sorriso algo tímido, liberdade para rever a estrutura e a escrita da «Forja» em função da encenação. Usei dela, estou certo, com respeito e com lealdade pessoal e oxalá também com fidelidade artística.

Queria deste modo pagar a dívida para com toda a arte portuguesa, genuína, visceral, telúrica, cujas dificuldades de viver me pareceram sempre patéticas; queria pagar a dívida para com tudo o que nasce difícilmente.

Que diz concretamente:

a) escolhi o caminho da



Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

BRILHANTES
De qualquer tamanho e preços compramos. Pagamos muito bem
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

SENSACIONAL NOVIDADE EDITORIAL
finalmente á venda em todas as livrarias

HELGA
o segredo da maternidade
por ERICH F. BENDER

O maior êxito mundial dos últimos anos.
A obra de que se extraiu o argumento do filme mais discutido da actualidade.

256 págs. de texto e 26 de ilustrações a 4 cores — 120$

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
Apartado 8 — Mem Martins
Delegação em Lisboa: Rua das Flores, 45, 2.º
Delegação no Porto: Rua de Entreparedes, 6, 2.º

PRÉDIO
ALMADA
No melhor local, construção em cimento armado, composta de magníficas hab. de 4 div. soalhadas, cozinha, casa de banho, despensa, hall, marquise.
Rendimento: 160.800$00. Preço: 2.800.000$00.
MOSTRA E TRATA
«A CONFIDENTE»
ROSSIO, 3, 2.º — TELEFS.: 369384/5 - 328232/3 - 561756

COM TAKY NÃO HÁ PROBLEMAS PARA A MULHER MODERNA
TAKY
O DEPILATÓRIO FRANCÊS QUE ELIMINA OS PÊLOS EM POUCOS MINUTOS
SEM DÔR
SEM IRRITAÇÃO

CAMPANHA DO
Ford à fren
Ford
12M · 15M · 17M · 20
APROVEITE AS VANTAGENS QUE LHE OFERECEMOS NES
CONSULTE OS CONCESSIONÁ
LINCURI
AV. da REPÚBLICA, 32
R. D. FILIPA de VILHENA, 20 LISBOA

anos depois
er escrita
a» vai à cena

sobriedade, e mais, da austeridade tão perto da alma popular;

b) dividi o texto em sequências quase cinematográficas;

c) transformei a «tragédia» em balada eivada de trágico mas rasgando o futuro;

d) em vez de coro estático imaginei um narrador-comentador, de viola na mão, o nosso companheiro, a nossa testemunha. Não é por acaso que a melodia da primeira «canção» é o hino dos prisioneiros do campo de concentração da Alemanha hitleriana, da minha primeira memória política;

e) insisti na solidão do pai — símbolo de certa sociedade — como o verdadeiro mobil do mal. Homem que se separa dos outros, se perde e nos perde;

f) queria que os intérpretes assumissem o peso da verdade sem cair no populismo e no naturalismo;

g) por fim tentei por todos os meios que considerei artísticamente justos que o espectáculo com um atraso de mais de vinte anos ganhasse a sua batalha: «Há sangue que gera a vida», cantamos tràgicamente com Redol.

Obrigado a todos que me ajudaram. Obrigado a todos que me puseram obstáculos.

Eis o ponto de partida do espectáculo, que o resto é o enredo da peça. Uma história do povo. Um ferreiro que, à forja, matou os seus filhos. Ou melhor, entregou-os á morte — aqui, um personagem feminino, sedutor e real, que namora e se dá aos que não se dão à vida. Um pai, que tutela e esmaga, que manda no todo e mata aos poucos, que cava no peito da mulher as sepulturas dos filhos e a sua própria. Ela aí está, por Esperança, a matar o marido. A libertação tràgicamente consumada. Conseguida. Certa e, logo, justa, porque, assim, salva o filho mais novo. A criança. O único que teve, mais do que a escola da forja, a Escola das letras — ainda que fossem as primeiras a serem aprendidas.

Seis actores e três actrizes para «contarem» a história que ainda se «forja» em certos meios rurais, portugueses como o nosso próprio povo:

PAI: Jacinto Ramos
MAE: Carmen Dolores
FILHOS: Sinde Filipe, António Montez, Luis António, Alexandre Careto
MORTE: Manuela de Freitas
CORO: (em forma de Trovador): Norberto de Sousa
VIZINHA: Maria Margarida.

Um narrador-comentador de viola na mão (Norberto de Sousa) acompanha a acção da «Forja»

Manuela de Freitas e Jacinto Ramos: a morte ronda o ferreiro da «Forja»

E nesta ficha técnica não devemos deixar de meter dois nomes, os do cenógrafo João Vieira e o do arranjador musical Francisco D'Orey. O primeiro teve a virtude de «abrir» o palco, prolongando-o por uma escada com passadeira e esqueleto externo: um achado. O segundo deu conteúdo melódico ás baladas construídas, como recitativo de coro, pelo autor: uma forma de testemunho e intervenção actual — ou que, pelo menos, actualiza, em grande parte, uma peça que impedimentos soberbos envelheceram de vinte anos.

Seria, pois, o momento de falar do ensaio. Preferimos que a estreia, a crítica e a própria representação de amanhã e dos dias seguintes falem, por si e em plenas tábuas, que é onde se faz o Teatro. O resto é trabalho. Dedicação. Apuro. E, afinal, a «Forja».

EM FOCO A EMBAIXATRIZ DE PORTUGAL NO BRASIL

RIO DE JANEIRO, 5 — (A. N. I.). — A embaixatriz de Portugal no Brasil, D. Joana Fragoso, foi uma das quinze personalidades femininas que este ano mais se destacaram, segundo um juri formado por quinze jornalistas e profissionais de televisão.

A festa de homenagem a essas personalidades decorreu agora no Golden Room do Copacabana Palace do Rio de Janeiro, sendo a respectiva receita revertido a favor do Instituto Brasileiro de Reeducação Motora.

No dizer do «Jornal do Brasil», as escolhidas «representam o que há de expressivo nos campos da beleza, das artes plásticas, da benemerência, do jornalismo, da literatura da elegancia, da educação, do teatro, do cinema, do «charme», da jovem guarda, da diplomacia, da recepção, da musica popular e das profissões liberais.

«No sector do corpo diplomático» — observa ainda o «Jornal do Brasil» — o nome de Joana Fragoso, embaixatriz de Portugal, obteve votação quase unanime. Fez muitos amigos no Brasil, gosta de ir á praia, é inglesa de nascimento, embora fale com sotaque de Lisboa, tem o cuidado de não esquecer o nome das pessoas que lhe são apresentadas. E', por excelência, a mulher do diplomata».

Entre as «quinze mais» encontram-se D. Iolanda Costa e Silva, pelas suas actividades de benemerência, e a romancista Lina Silveira de Queirós, que publicou este ano «Livro dos Transportes».

Posse do novo reitor da Universidade Técnica

No salão nobre do Instituto Superior Técnico tomará posse, no próximo dia 9, pelas 11 e 30, o novo reitor da Universidade Técnica de Lisboa, prof. eng.º Fernando Vaz Costa, catedrático daquele estabelecimento de ensino superior. A posse deve-lhe ser conferida pelo vice-reitor da mesma Universidade, prof. dr. António Maria Godinho.

DO NATAL
frente
20 M·Transit
QUE EXCEPCIONALME
NESTE PERÍODO
IONÁRIOS Ford
STAND MODERNO
R. JOÃO SARAIVA, 15
AV. FONTES PEREIRA de MELO, 15

Actualidade internacional

Lodge: Última participação na conferência de Paris

PARIS, 5 — (F. P.) — Henry Cabot Lodge dirigiu ontem pela ultima vez a delegação americana na 45.ª sessão da conferência de Paris, aproveitando para ter uma entrevista de despedida, de meia hora, com o chefe da delegação norte-vietnamiana, Xuan Thuy.

Durante o intervalo do chá, Cabot Lodge e Xuan Thuy reuniram-se, acompanhados apenas por Ha Van Lau, adjunto de Xuan Thuy e especialista dos «encontros secretos» do ano passado. Esta breve entrevista particular foi talvez o unico «contacto substancial» do dia.

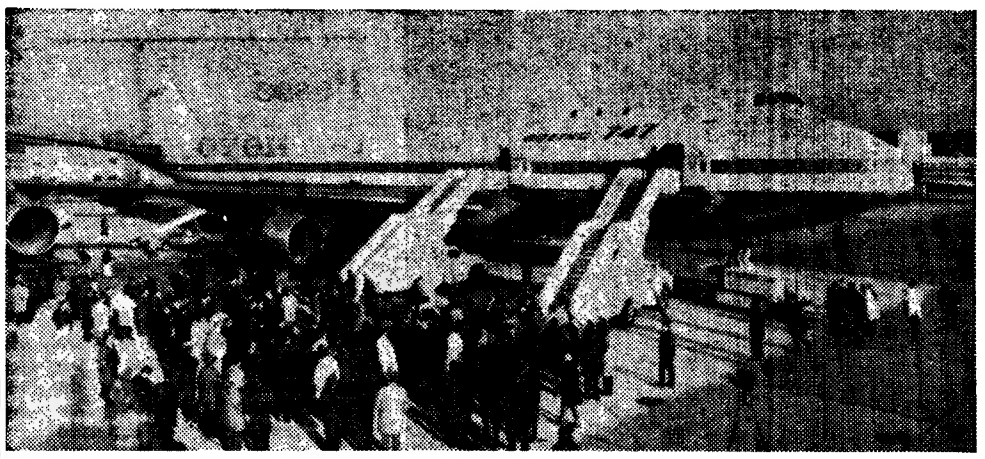
A sessão propriamente dita foi uma confissão de malogro. Os representantes de Hanói e Washington atribuiram-se reciprocamente a responsabilidade pela actual estagnação das discussões e voltaram a apresentar todos os argumentos repetidos ao longo das 44 sessões precedentes.

Por seu lado, o delegado do Governo Revolucionário Provisório, Dinh Ba Thi, denunciou violentamente o massacre de Song My, o qual Cabot Lodge qualificou de «incidente».

FARDA ANTIATÓMICA

PARIS, 5 — (F. P.) — O soldado francês disporá de futuro de uma capa de poliamida e polietileno para se proteger dos efeitos das armas nucleares, bacteriológicas e químicas (NBC). Esta peça de vestuário deve ser deitada fora depois de usada.

Na nova farda de campanha o capote foi substituído pela «parka», veste ampla, direita, com forro e capuz amoviveis, e o dolman por um traje de combate, de cetim e algodão hidrófugo.



O MAIOR AVIÃO DE PASSAGEIROS DO MUNDO, o Boeing-747, que pode transportar 490 pessoas, realizou agora um voo de demonstração de Seattle, na costa ocidental dos E. U. A., até Nova York, na costa oriental, em quatro horas e cinco minutos. Ei-lo no aeroporto da grande metrópole norte-americana

Houve outros massacres

—afirmou em Budapeste a sr.ª Thi Dinh

BUDAPESTE, 5 — (F. P.) — «Massacres idênticos ao de My Lai foram efectuados pelos americanos no Vietnam», afirmou hoje em Budapeste a sr.ª Nguyen Thi Binh, ministro dos Negócios Estrangeiros do Governo Revolucionário Provisório sul-vietnamiano, durante uma conferência de Imprensa.

A sr.ª Binh disse que o Governo Revolucionário Provisório sul-vietnamiano possui provas dos massacres americanos.

Abordando a seguir o problema da partida das tropas americanas do Vietnam do Sul, a sr.ª Binh declarou que se os Estados Unidos aceitarem uma retirada incondicional das suas tropas, o Governo Revolucionário Provisório estará pronto a abrir negociações para fixar as modalidades dessa retirada.

GENRO DE JOHNSON ACUSADO

LAS VEGAS, 5 — (F. P.) — O major Charles Robb, genro do antigo presidente Johnson, declarou ontem não ter conhecimento de que soldados sob as suas ordens tivessem morto ou ferido civis vietnamianos. No entanto, Robb acrescentou: «Seria ingénuo se dissesse que nenhum civil inocente foi morto por algum dos 200 soldados que tinha sob o meu comando».

Robb, que serviu 13 meses no Vietnam como oficial de fuzileiros, foi acusado de participar em massacres por um jornalista, Martin Trigona, que visitou no Vietnam a companhia comandada pelo genro de Johnson. A acusação foi formulada numa carta que Trigona enviou ao senador Charles Percy, o qual a transmitiu ao Pentágono para investigações.

MEDINA DESMENTE

WASHINGTON, 5 — (R.) — O capitão Ernest Medina, comandante da companhia do Exército envolvida no alegado massacre de aldeões sul-vietnamianos, afirmou a noite passada que não ordenara a morte dos civis nem testemunhara qualquer massacre.

O capitão Medina, que não foi acusado por causa do caso, quebrou o seu silêncio anterior sobre o assunto, realizando uma conferência de Imprensa no Pentágono.

DUAS ÉPOCAS, DOIS TEMAS, A MESMA ACTUALIDADE

MOHAMED V
FERHAT ABBAS
SÉKU TURÉ

Por **Jean Lacouture** — Col. Testemunhos

A África turbulenta
em três magistrais biografias políticas

A MÃE

de **Máximo Gorki** — Col. Ficção

Edição completa de um dos mais belos romances da literatura russa

A venda nas livrarias

Edições da
EDITORIAL INÍCIO — Av. Almirante Reis, 21-2.º-E
Telef. 40032/3 LISBOA

Reunião do Conselho de Segurança

(Continuação da 1.ª página)

do, há poucos dias, pelas tropas portuguesas.

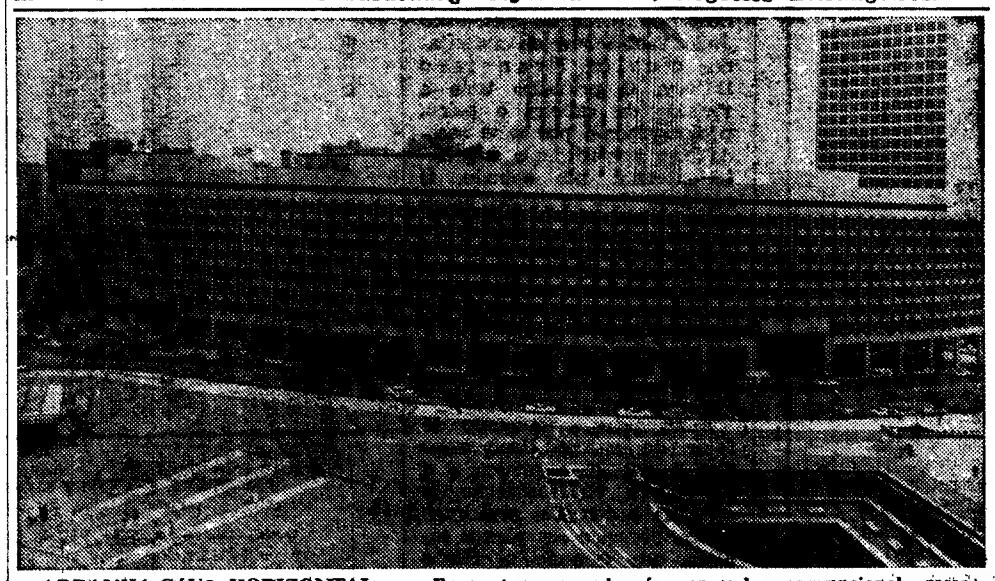
O Conselho fora já convocado para se reunir dentro de algumas horas, a fim de considerar uma queixa semelhante contra Portugal apresentada pelo Senegal.

O encarregado de Negócios da República da Guiné, Mamady Lamine Conde, deve ser recebido em breve pelo secretário-geral, U Thant, a fim de o informar dos ultimos incidentes que, segundo se afirma, se verificaram na fronteira entre aquele país e o território da Guiné portuguesa.

O Conselho deve reunir-se para apreciar a queixa da República da Guiné imediatamente depois de ter tomado conhecimento do protesto apresentado pelo Senegal.

Numa carta enviada ao presidente do Conselho de Segurança, Vernon Johnson Mwaanga, da Zâmbia, Lamine Conde afirmou que duas aldeias «foram bombardeadas repetidamente, há alguns dias, por unidades regulares do Exército português».

Num telegrama que enviou ao presidente do Conselho de Segurança, o primeiro-ministro e o ministro interino dos Negócios Estrangeiros de Portugal, dr. Marcelo Caetano, declarou ter sido nomeado para representar o seu Governo na reunião do Conselho de Segurança o dr. Bonifácio de Miranda, director-geral dos Negócios Políticos do Ministério dos Negócios Estrangeiros.



«ARRANHA-CÉUS HORIZONTAL» — Enquanto o arranha-céus normal e convencional cresce em direcção aos céus, este prédio corre (evolui) ao longo de uma rua. Situado em Boston, no Massachusetts, o edifício responde pelo nome próprio de Centre Plaza Office Building, e será inaugurado na próxima Primavera

Terminou a reunião comunista

(Continuação da 1.ª página)

de. «A aplicação da lei internacional», contudo, significa soberania para a BDA, segundo certas afirmações que os «leaders» leste-alemães tinham no mês passado. A margem entre as duas frases pode ser negociável. Seja como for, não se exige reconhecimento *de jure* anterior a quaisquer outras negociações.

Bonn já indicou estar pronta a aceitar a fronteira Oder-Neisse entre a Polónia e a Alemanha de Leste, o que significa desistir de qualquer pretensão no sentido de recuperar o território que a Polónia conquistou á Alemanha de antes da guerra.

Esperam-se, para já, negociações sobre a forma desta aceitação entre a Alemanha Ocidental e a Polónia.

Dizia-se também no comunicado que as eleições que possibilitaram a ascensão de Willy Brandt ao poder fazem prova «das tendências para uma política realista de cooperação e compreensão mutua entre estados».

No comunicado considera-se *positiva* a assinatura do tratado de não-proliferação nuclear por Bonn.

Como sempre, novamente se apela para a vigilancia contra o «revanchismo e a actividade das forças neo-nazis na Alemanha Ocidental», mas o estilo de agora é muito mais suave.

Á margem desta cimeira Moscovo já deu plenas provas do seu interesse em negociações bilaterais com Bonn.

Neste ultimo fim-de-semana, os representantes russos e alemães ocidentais estiveram reunidos toda a noite até ás 6 da manhã de domingo para chegarem a um acordo sobre fornecimento de gás siberiano á Republica Federal Alemã, durante 20 anos. Os alemães pagarão o gás com aparelhagem que permitirá aos russos a abertura de novas fontes de gás. O «pipe-line» passará, ao que se espera, pela Checoslováquia.

Ulbricht parece muito perturbado com o tom «amigável» das actuais relações entre a U. R. S. S. e a Alemanha Ocidental. Já declarou, aliás, que não confia em Bonn e que considera a segurança da Alemanha de Leste em perigo, enquanto Bonn e outros países ocidentais não a reconhecerem *de jure*.

O comunicado não dá notícia de qualquer debate. Contudo fala de «troca de pontos de vista» e de «identidade de pontos de vista» dos sete países participantes. Declara também que a reunião se efectuou num clima de amizade, acordo e cooperação», o que constitui um eufemismo para esconder um certo desacordo, pelo menos quanto a alguns dos assuntos.

Ulbricht deve ter recebido garantias (que não vieram a publico) de que o seu regime continuaria no Poder.

A verdade é que alguma coisa foi concedida a Bonn, em troca das diligências diplomáticas que esta tem vindo a fazer para melhorar as suas relações com Leste. As concessões feitas a Bonn teve que se resignar Ulbricht...

Quais foram essas concessões?

1 — Oferecer a Bonn uma participação nos assuntos europeus, particularmente na Conferência Europeia de Segurança, sem que para tal se lhe exija um prévio reconhecimento da Alemanha de Leste.

2 — Encorajar o crescimento do comércio alemão ocidental com a Europa do Leste e persuadir — talvez! — a RDA a pôr termo aos obstáculos no comércio e tráfego entre as duas Alemanhas e os dois sectores de Berlim.

O comunicado pouco disse acerca da Conferência Europeia de Segurança, tendo-se limitado práticamente a pedir todo o apoio para ela.

Falou novamente de coexistência pacífica e boa vizinhança, mas não mencionou «o internacionalismo proletário», que é a palavra-chave da doutrina de Brejnev, segundo a qual qualquer país socialista tem o direito de intervir nos assuntos de outro país socialista.

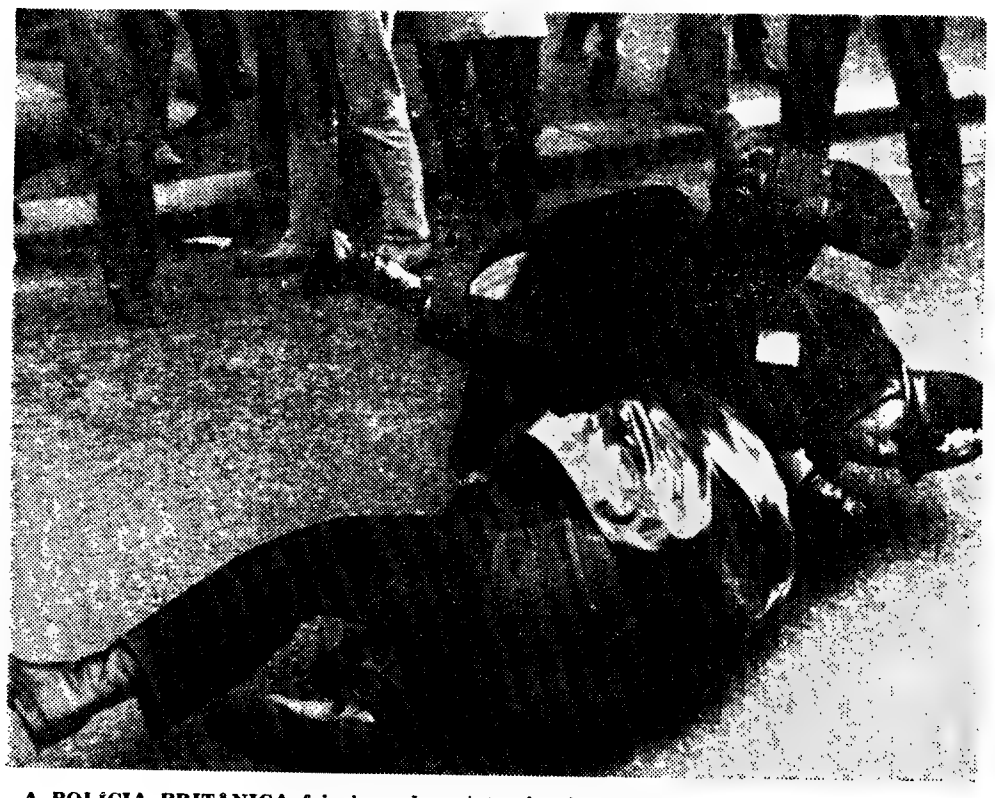
Guerra inevitável nos anos 70

—diz Heykal

CAIRO, 5 — (R.). — O proeminente comentador político egípcio Mohamed Hassamein Heykal avisou hoje que a guerra era inevitável nos anos 70.

Na sua coluna semanal no influente jornal «Al Ahram», na qual analisa os acontecimentos da ultima década e prevê os das próxima, Heykal declara: «O Egipto enfrenta a experiência inevitável da guerra nos anos 70, não porque a deseje, mas porque é inevitável devido a parte da nossa pátria estar ocupada e em consequência de todas as nossas diligências para acabar pacificamente com a ocupação terem conduzido a nada e se esperar a nada levarem».

ITÁLIA: diminuiram as esperanças de um fim rápido do «Outono Quente»



A POLÍCIA BRITANICA foi chamada a intervir (ás vezes aplicando golpes como o da foto) para dispersar uma pequena multidão que protestava contra a realização do jogo de «rugby» entre as equipas do Springboks (Africa do Sul) e do Nort-West Counties. Foram presos 150 manifestantes. Entretanto, 4500 pessoas assistiam ao jogo, que o Springboks venceu por 12-9

ROMA, 5 — (R.) — Diminuiram hoje as esperanças de um fim rápido do «Outono Quente» em Itália, após dirigentes dos metalúrgicos em greve rejeitarem a noite passada as últimas propostas das entidades patronais sobre aumentos de salários e outros benefícios, classificadas como «uma ofensa imperdoável».

As conversações deverão prosseguir amanhã, mas a indignação manifestada pelos dirigentes de um milhão de metalúrgicos, na sua comunicação redigida em termos enérgicos, indicava que um acordo ainda estava muito distante.

A tensão aumentou ainda mais devido a um aviso da fábrica de automóveis Fiat, de Turim, de que poderá ter de despedir um número não especificado de operários — notícias indicam um total de 20 000 — na próxima semana se a greve que afecta uma linha de montagem não acabar.

Uma medida semelhante tomada em Setembro provocou forte reacção dos sindicatos e o Governo e observadores julgavam que ela podia azedar ainda mais as relações entre sindicatos e entidades patronais.

Entretanto, empregados do Estado — indo desde ferroviários a carteiros e professores — estavam a planear realizar em 15 de Dezembro uma greve geral de um dia como protesto contra uma lei governamental para aumentar e reformar as suas escalas de salários.

Afirmam que o plano contrasta acentuadamente com um acordo sobre o assunto firmado em Junho passado entre os sindicatos e o Governo.

A Sibéria poderá ser aberta aos voos internacionais

MOSCOVO, 5 — (F. P.) — As grandes companhias ocidentais de aviação, obrigadas a passar pelo Equador ou pelo Pólo Norte para fazerem a volta ao Mundo vão talvez ter o problema resolvido obtendo passagem pela Sibéria.

Com efeito, Alexandre Bessedine, director das Relações Exteriores do Ministério da Aviação Civil soviético, numa entrevista a «Tempo Novo», diz que a companhia soviética Aeroflot abrirá em Abril em colaboração com a Air France, uma nova linha Tóquio-Moscovo-Paris-Montreal e, em Maio, em cooperação com a BOAC uma linha Tóquio-Moscovo-Londres-Nova York.

A introdução no arranjo da companhia escandinava SAS e, eventualmente, de outras companhias ocidentais entre as quais companhias americanas, faria de Moscovo um entroncamento do tráfego aéreo internacional e da Sibéria uma das linhas mais intensivamente exploradas.

O traçado da linha, com o comprimento de 8030 km cobertos sem escala, foi desenhado, ao que parece, em função dos aeroportos de socorro e dos imperativos estratégicos da U R S. S.

Homens-rãs vão procurar a «caixa negra» do avião que se despenhou com 62 pessoas a bordo

CARACAS, 5 — (A. N. I.) — Homens-rãs venezuelanos vão mergulhar no mar das Caraíbas para procurarem a máquina de registo de voo (caixa negra) do Boeing-707 de uma companhia francesa, que ontem se despenhou, a fim de ser esclarecida a causa do desastre, no qual morreram 62 pessoas.

Nas operações de salvamento de superfície, iniciadas menos de uma hora depois de se ter despenhado o jacto que se dirigia a Paris e pouco antes descolara do aeroporto de Maiquetia, recuperaram-se 26 corpos e muitos destroços, assim como objectos pessoais das vítimas.

Os corpos removidos da água não estão mutilados, o que indica que o avião não explodiu em voo, embora alguns corpos tivessem sinais de ferimentos na cabeça, possìvelmente devidos ao embate do aparelho na água.

A investigação é prejudicada por correntes traiçoeiras e pelo receio dos tubarões, que infestam a área.

Nas últimas palavras do piloto, capitão Henry Valter, mencionava-se uma avaria mecânica, que deve ter sido a causa do desastre.

O «ESQUADRÃO DA MORTE» ENCERROU OUTRO «CASO»

RIO DE JANEIRO, 5. — (R.) — Um assaltante de bancos e duas mulheres, cujos cadáveres foram encontrados numa estrada perto desta cidade, foram mortos aparentemente por assassinos que se julga serem responsáveis pela execução de dezenas de criminosos nos ultimos dois anos.

Os três corpos, crivados de balas de metralhadora, tinham a marca que identifica os assassinos: uma caveira e tíbias.

Num rio perto do local onde os cadáveres foram descobertos anteontem encontravam-se mais cinco corpos, segundo revelavam notícias.

Os assassinos são conhecidos como o «Esquadrão da Morte» e anteontem, á noite, a Polícia recebeu um telefonema, em que um desconhecido disse: «O «Esquadrão da Morte» encerrou outro caso».

Protesto do Cambodja nas Nações Unidas

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 5 — (F. P.) — Huot Sambath, representante do Cambodja nas Nações Unidas, protestou ontem contra os ataques e bombardeamentos efectuados entre 16 e 19 de Novembro pela artilharia americana contra o porto militar cambodjiano de Dak Tam, a 7 km da fronteira entre o Vietnam e o Cambodja, a partir de território vietnamiano. Estes ataques, afirmou, causaram 25 mortos e oito feridos, todos cambodjianos, e dois desaparecidos.

A «propaganda americana», declarou o representante do Cambodja, quis enganar a opinião publica estaduniduense e mundial fazendo crer que havia inimigos neste sector e que a fronteira entre o Vietnam e o Cambodja está mal definida naquela zona. Recordou que o Governo americano reconheceu as fronteiras do Cambodja no momento do restabelecimento das relações diplomáticas entre Pnom Penh e Washington, no Verão passado, e se comprometeu a respeitá-las.

«O ataque americano a Dak Tam» — acrescentou o representante do Cambodja — «foi criminoso, premeditado e deliberado. As forças armadas americanas querem provávelmente fazer recuar as forças cambodjianas no sector a fim de poder ocupar o nosso território para prosseguirem as suas operações militares contra as forças patrióticas do Vietnam.»

Sambath declarou que o seu Governo ainda não decidiu se apresentará a questão perante o Conselho de Segurança. Mas fará distribuir um livro branco sobre as agressões americanas ao Cambodja de 1952 a Maio de 1969, que já causaram 293 mortos e 691 feridos. O território cambodjiano já foi violado mais de sete mil vezes.

POLÍCIAS INGLESES ACUSADOS DE CHANTAGEM E DE CORRUPÇÃO

LONDRES, 5 — (F. P.) — Quatro polícias foram suspensos ontem das suas funções devido ás acusações de chantagem e de corrupção feitas na semana passada pelo «Times» contra certos membros da Polícia londrina.

Os quatro polícias são: o inspector Bernard Robson e os detectives Gordon Harris, John Symonds e Harold Hughes.

Na passada semana o «Times» havia dirigido á direcção da Scotland Yard fitas magnéticas gravadas por dois jornalistas e tendentes a provar que Robson, Harris e Symonds fizeram «falar» um jovem cadastrado e que outros polícias se encontravam envolvidos em questões semelhantes.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

Ecumenismo e macumba

JOÃO PESSOA (Brasil), 5. — (R.) — Um arcebispo católico romano, desta cidade, tem praticado uma nova forma de ecumenismo — um concílio na sua catedral com poderosos sacerdotes locais da Macumba.

O «babalorixa» (sacerdote) Carlos Leal Rodrigues ofereceu ao arcebispo José Maria Pires, do Estado de Paraíba, uma imagem de Iemanja, a deusa dos mares.

A fortuna de JOHN KENNEDY: quase dois milhões de dólares

ROGER MOORE, herói da série da TV «O Santo», confessou, durante uma visita que efectuou a um armazém de Southampton, que sempre desejara vestir-se de Pai Natal. A vontade foi-lhe satisfeita e uma menina de 4 anos, Melanie Ingham, logo se ofereceu para posar com o famoso «Santo»

BOSTON, 5 — (F. P.) — No momento da sua morte, o presidente John Kennedy tinha uma fortuna avaliada em 1 890 646 dólares (cerca de 55 mil contos), como indicam os arquivos do Departamento dos Direitos de Sucessão publicados na quinta-feira. Esta quantia não inclui os vários milhões de dólares que o antigo presidente tinha colocado em nome da sua mulher e dos seus filhos.

O inventário dos bens do presidente mostra que consistiam principalmente em valores, acções e obrigações, ou seja, 715 239 dólares, a casa de Hyannis Port, móveis, quadros, hipotecas, créditos vários e o resto em dinheiro líquido.

Êxito «Tory»

LONDRES, 5 — (F. P.) — Os conservadores ganharam o lugar de Wellingborough (Northamptonshire), que foi objecto de uma eleição parcial hoje. É o 15.º lugar perdido pelos trabalhistas desde as eleições gerais de 1966. A deslocação de votos a favor dos conservadores foi de 9,7 por cento.

NORMA

Sociedade de Estudos para o Desenvolvimento de Empresas, S. A. R. L.

Av. Duque de Loulé, 47 - LISBOA

DEP. PSICOLOGIA APLICADA

HIGHLY DIVERSIFIED WORLDWIDE AMERICAN CORPORATION HAS A VANCACY IN ITS ORGANISATION FOR A

CONTROLLER

WHO WILL REPORT DIRECTLY TO THE GENERAL MANAGER IN PORTUGAL

The successful candidate will possess a high degree of expertise in the field of finance, accounting and budgeting and a strong personality.
He will be expected to make a positive contribution to the development of the Company by successfully handling the Controller's function in its broadest sense.

●

THE IDEAL MAN

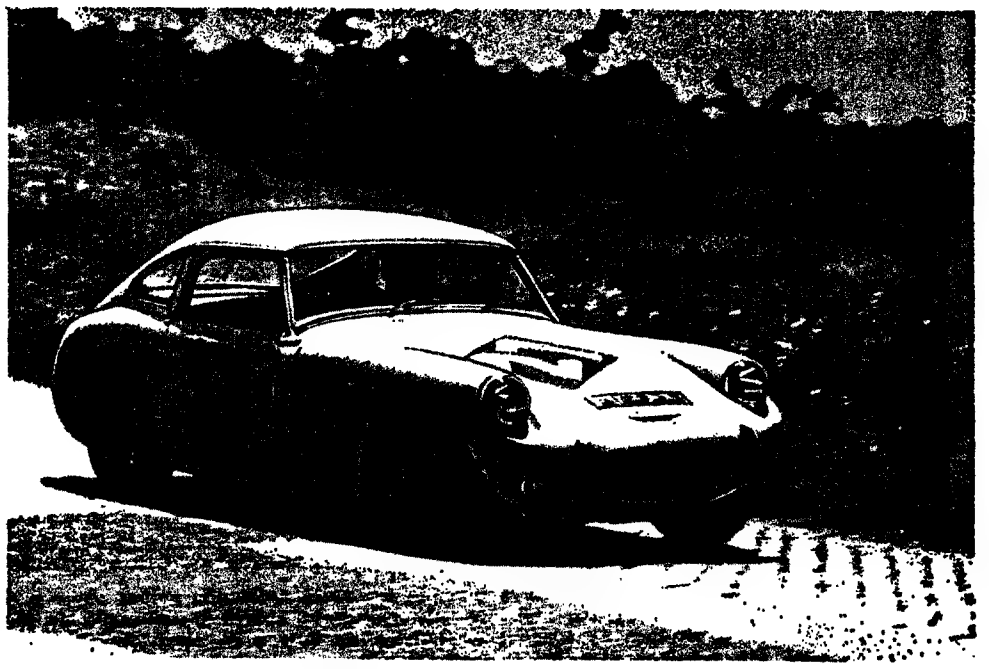
Nationality:	Portuguese
Age:	28-40 years
Education:	A university degree or broadly equivalent qualification in business administration or accounting, finance and budgets.
Language:	Must be fluent in English written and spoken.
Personality:	A well-balanced, tactful yet strong person who possesses sound business acumen.
Required Business Experience:	Close to five years experience as a member of an accounting and finance team, preferably in an international retail organisation. Knowledge of Portuguese fiscal regulations.
Salary:	Flexible enough to attract the right man.
Location:	Lisbon.

●

Please apply in the English language giving specific details of education and actual responsabilities in present and past positions to NORMA (ref.ª 128/CE5).
All replies will be treated in strictest confidence.

KONI

O temperamento de um triunfador



o amortecedor mais barato por Km. percorrido

Distribuidores:
SOGERIM · SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.
AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 23 · ABC · LISBOA
TEL. 56 01 56

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

NAVIOS	SAÍDAS	PORTOS DE DESTINO
«P. PERFEITO»	9 de Dezembro	Luanda, Lobito, Durban, Lourenço Marques e Beira.
«ANGOLA»	9 de Dezembro	Funchal, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Cabo, Durban, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia.
«NACALA» *	17 de Dezembro	Luanda, Lourenço Marques, Beira e Nacala.
«S. THOMÉ»	17 de Dezembro	Leixões, Luanda, Lobito e Cabinda.
«TIMOR» *	22 de Dezembro	Luanda, Lobito, Lourenço Marques, Beira (se necessário), Singapura, Hong-Kong, Dili.

* Com escala prévia por Leixões.

Reserva de Passagens: 34764 - 369172

LISBOA — R. DO COMERCIO, 85, TEL. 323021
PORTO — R. INFANTE D. HENRIQUE, 63, TEL. 22438

COMBOIOS ESPECIAIS PARA MILITARES

Comunica-nos a C. P. que, por motivo dos trabalhos de renovação da via, o comboio dos sábados com partida de Lisboa (Santa Apolónia) ás 14-17 horas, a efectuar nos dias 29 de Novembro, 6 e 13 de Dezembro de 1969, só tem ligação em Porto (Campanhã) para as estações e apeadeiros entre esta estação e as de Braga e Marco.

COMBOIOS ESPECIAIS PARA MILITARES

Comunica-nos a C. P. que por motivo dos trabalhos de renovação da via, o comboio dos sábados com partida de Lisboa (Santa Apolónia) às 14-17 horas, a efectuar nos dias 29 de Novembro, 6, 13 e 27 de Dezembro de 1969, só tem ligação em Porto (Campanhã) para as estações e apeadeiros entre esta estação e as de Braga e Marco

✝

Judite Matos Carretero

MISSA DO 30.º DIA E AGRADECIMENTO

Sua família participa que amanhã, dia 6, pelas 10.30 horas, na Igreja de Santo António de Campolide, será celebrada missa pelo seu eterno descanso. Aproveita a oportunidade para agradecer igualmente a todos aqueles que de qualquer forma lhe manifestaram o seu pesar, especialmente àqueles que por desconhecimento de moradas o não podem fazer directamente.

Ag. Augusto de Oliveira

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

SERVIÇO DE AQUISIÇÕES CONCURSOS PARA O ANO DE 1970

1.º TRIMESTRE

N.º 3 — Fornecimento de HORTALIÇAS
N.º 4 — Fornecimento de BATATAS
N.º 5 — Fornecimento de FRUTAS
N.º 6 — Fornecimento de CARNES DIVERSAS, MIUDEZAS e seus DERIVADOS

1.º SEMESTRE

N.º 7 — Fornecimento de CRIAÇÃO
N.º 8 — Fornecimento de AZEITE E ÓLEO DE AMENDOIM
N.º 9 — Fornecimento de BACALHAU
N.º 10 — Fornecimento de BATATA DESIDRATADA
N.º 11 — Fornecimento de BOLACHAS, BISCOITOS e CACAU PURO
N.º 12 — Fornecimento de LEGUMES
N.º 13 — Fornecimento de LACTICÍNIOS (Manteiga e queijo)
N.º 14 — Fornecimento de MARGARINA
N.º 15 — Fornecimento de ARTIGOS DE CONFEITARIA
N.º 16 — Fornecimento de MASSA
N.º 17 — Fornecimento de VINHOS E VINAGRES
N.º 18 — Fornecimento de PEIXE CONGELADO

Recebem-se propostas até ás 9.15 horas do dia 17 do corrente para os mencionados concursos.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em qualquer dia útil das 9 ás 11.30 e das 14 ás 16 horas e aos sábados das 9 ás 12 horas, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa em 2 de Dezembro de 1969

O CHEFE DO SERVIÇO
a) Alexandre Pinheiro

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

CINEMA SEM ESTRELAS: NORMAN McLAREN

Pelas 22 é apresentado o terceiro dos programas dedicados ao cineasta canadiano Norman McLaren, no qual serão exibidos os filmes «Hoppity Pops», «Begone Dull Care» e «Phantasy».

«Hoppity Pops» é um pequeno filme, com o qual Norman McLaren, pretendeu ilustrar uma musica de órgão, a partir de três motivos decorativos.

«Begone Dull Care» é trabalho de grande fôlego, segundo os estudiosos da obra do famoso realizador, na técnica de desenho sobre a película. McLaren, desenhando, pintando e até imprimindo motivos abstractos, ilustrou uma composição de jazz, interpretanda pelo trio de Oscar Peterson.

O ultimo filme a exibir, «Phantasy», é uma obra em que a técnica de animação de pintura a pastel atinge a perfeição máxima. A sua pista sonora com musica de saxofone e sons sintéticos é da autoria de Maurice Blackburn.

CASEI COM UMA FEITICEIRA

Ás 20 e 55, mais um episódio filmado da série de comédia «Casei com uma feiticeira», interpretado por Elizabeth Montgomery (Samantha), Dick York (Darrin) e Alice Pearce (Gladys).

David White interpreta a figura de Larry Tate.

Assina a realização, William Asher.

*

Joe Kovacks prega uma partida a Samantha num restaurante.

Darrin toma a defesa de sua mulher. Esta irritada, fazendo uso das suas feitiçarias, prega com Joe no chão...

DEPARTAMENTO S: «AMNÉSIA»

«Amnésia» é o título do episódio da série policial «Departamento S» a exibir esta noite cerca das 22 e 30.

São intérpretes: Peter Wingarde Joel Fabiani, Neil Hannett, Rosemary, Dennis Alaba Peters, David Sumner e ainda Sue Looyd, actriz conhecida dos nossos leitores, pois ela, é, nem mais nem menos, do que a insinuante secretária do famoso «barão».

«Em Londres, desaparece á saída da ópera, um tal Robin Skecton, aparecendo três dias depois no deserto do México, sem se recordar do que se passou, além da vaga ideia de ter comido tartaruga na concha. Tudo isto, leva os três agentes do «Departamento S» ás Bahamas onde é conhecido e servido o referido prato...

Dick York está esta noite «no ar», no papel de Darrin, marido de Samantha (Elizabeth Montgomery), para interpretar mais um episódio da série «Casei com uma feiticeira»

O escritor e jornalista Jason King (Peter Wingarde), vai até ás Bahamas, a fim de descobrir mais um caso de rapto

II PROGRAMA NOITE DE CINEMA: «A importância de se chamar Ernesto»

Volta a ser exibido pelas 22 horas, o excelente filme «A importância de se chamar Ernesto» («The importance of being Earnest») baseado na célebre obra de Óscar Wilde com Michael Denison, Edith Evans, Joan Greenwood, Milles Malleson, Michael Redgrave, Margaret Rutherford e Dorothy Tvain. Realização de Anthony Asquith.

Este filme foi já apresentado na rede nacional em 3-11-68.

TV JUVENIL

Pelas 19 e 45, o programa «TV Juvenil» inclui a rubrica «Os homens, os livros e as coisas» pelo prof. Joaquim Manuel Magalhães.

Igualmente é transmitida mais uma edição de «Juventude no Mundo» — magazine internacional de actualidades, preenchido com filmes recebidos da Bélgica e da Finlândia.

PROGRAMA DE HOJE

I PROGRAMA — Às 9 e 30: Telejornal; 19 e 45: TV Juvenil; 20 e 15: Cartaz TV; 20 e 30: Aproveitamento Hidroeléctrico no Continente; 20 e 55: Casei com uma Feiticeira; 21 e 30: Telejornal; 22 e 5: Cinema sem Estrelas; 22 e 30: «Departamento S»; 23 e 30: Marcha do Mundo, e Fecho

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Noite de Cinema — «A importancia de se chamar Ernesto»; 23 e 50: Fecho

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — I Programa — Às 14 e 10: Eurovisão: Rugby; 16: «Nós as mulheres»; 16 e 25: TV Infantil; 16 e 50: TV Educativa; 17 e 15: Desporto em Camara Lenta; 17 e 25: «Estudio sem marcação; 18 e 15: Telesdesporto; 18 e 55: Semana da Mocidade Portuguesa Feminina; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Série Juvenil; 20 e 10: «... E a vida continua ...»; 20 e 30: TV Mundo — Lipizzanos; 21 e 30: Telejornal; 22 e 35: Estudio C; 23: Série do Oeste «A Caminho do Oeste»; 24: Marcha do Mundo e Fecho.

canal da crítica

A VIDA, A MORTE, A ARTE E O RESTO

Alves Redol morreu. Teve direito, na morte, áquele mínimo de que em vida não fruiu nunca: ser mencionado na Televisão portuguesa. O acontecimento verificou-se na rubrica «Convergência». Disse-se, entre coisas elogiosas, que «Alves Redol foi o cantor da geesta do povo português.» Palavras bonitas que sem duvida sempre sabe bem ouvir. E que não desfazem esta mágoa de ver partir alguém como Alves Redol sem dele nos ter ficado a mais leve imagem televisiva. Oxalá casos destes não voltem a repetir-se. Ainda não sofremos tão duramente a lição? Um artista não pertence a ninguém em particular: pertence-nos a todos De Gaulle disse que pertencem á Pátria. E não se recusou a lamentar a perda de algum mesmo quando, politicamente, se situava em campo antípoda do seu.

«Convergência» deu-nos ainda uma longa e interessantissima entrevista com Marta de Lima. A descontracção da entrevistada e o plano seguramente cumprido do entrevistador (Mário Dias Ramos) completaram-se de modo a fazer desta entrevista aquilo que nos programas literários parecia impossível: *quase* uma conversa

Desencontros de opinião, não interessa chamá-los para aqui. Permito-me, no entanto, recordar a Marta de Lima que é tão perigoso afirmar-se que «*a literatura não deve estar ao serviço de nada*» como dizer-se que ela «deve» estar ao serviço de alguma coisa. E se nós deixássemos que fosse a autenticidade do artista a decidir?

Outra afirmação sua: «Se a sociedade fosse perfeita, as minhas personagens não existiam». Pois não, minha amiga. Nem as suas, nem as de ninguém. E o que virá a ser isso de sociedade perfeita»?

Quanto ao entrevistador Mário Dias Ramos, a sua actuação foi bastante mais feliz do que nas anteriores entrevistas com Araujo Correia, Gedeão e Virgílio Ferreira. Atenda á necessidade de se orientar cada vez mais no sentido da simples conversa, de preferência á recusa do questionário.

MÚSICA DO NOSSO TEMPO

Esta rubrica valeu especialmente pela garantia de que a aventura artística, nos domínios da música, não morreu entre nós. Jorge Peixinho e Filipe Pires estiveram ali à vossa frente a conversar ou, por outra, a hieroglificar, sobre temas musicalmente revolucionários.

Admito que tenham sido em número reduzidíssimo os telespectadores capazes de seguir o esquema e as explicações de Jorge Peixinho. Daí não se infere matéria para condenação da rubrica. A regra, segundo a qual a televisão é uma actividade dirigida às mais amplas camadas com a tripla finalidade de as informar, de os conquistar para a fruição da riqueza espiritual acumulada continuamente pelos homens, e para a divertir, pode estar sujeita a algumas excepções.

Os cursos de electrónica, de física moderna, dados na TV Educativa, encontram-se nesse caso. Por que não a discussão ontem iniciada por Jorge Peixinho? Há matérias que se atingem pela conquista gradual de materiais. A música proposta por Peixinho estará nesse caso. A rubrica terá valido, pois, na medida em que incitará os músicos, os estudiosos mais jovens a interessarem-se por algumas formas apaixonantes da arte moderna.

Claro que a formação cultural e artística da maioria dos telespectadores, estratificada em determinados níveis, não lhes permite assimilar aqueles «harmónicos». Humildemente, porém, devem curvar-se perante o direito que incumbe a todo o artista de modificar, aperfeiçoar, conquistar novos instrumentos para aceder ao conhecimento do homem e da realidade. Assim — com aplausos para a inicitativa da televisão portuguesa — «Música do nosso tempo», de Jorge Peixinho, foi um saudável arejamento dos programas musicais, sobejamente chopinzados.

Durante o tempo da emissão, o telespectador comum sentiu-se envolvido numa aventura excitante: encerrado num quarto escuro, a tactear as paredes dos acordes antilíricos, na busca desesperada de uma saída. Acabará por encontrá-la conforme lhe derem novos ensejos.

Por outro, foi muito bela a realização de Alfredo Tro-

(Continua na página seguinte)

Rádio

EMISSORA — 1.º Programa — 51 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 5: Luz no Horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Ginástica de pausa — Programa da tarde — Canções do nosso tempo; 17 e 25: A orquestra de...; 17 e 35: Do Chiado até á Lapa; 18 e 10: Programa da mulher; 18 e 40: Música e sonho; 19: Noticiário regional — Cartaz dos espectáculo; 19 e 45: Rádio Rural; Musica, só musica; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40: Folhetim «O Herói da Caridade»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: O acordeonista Filipe de Brito; 21 e 40: Variedades; 22 e 30: Musica ligeira; 23 e 5: Programa da noite; 1: Fecho

RÁDIO CLUBE — 290,3 m — 1034 kc/s — Às 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento texentel; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No Mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 07: Europa musical; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Em foco... 21 03: O Olavo fala consigo; 21 e 15: Musica tradicional e palestra religiosas; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande Roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02; Diário rural; 7 e 03: Talismã

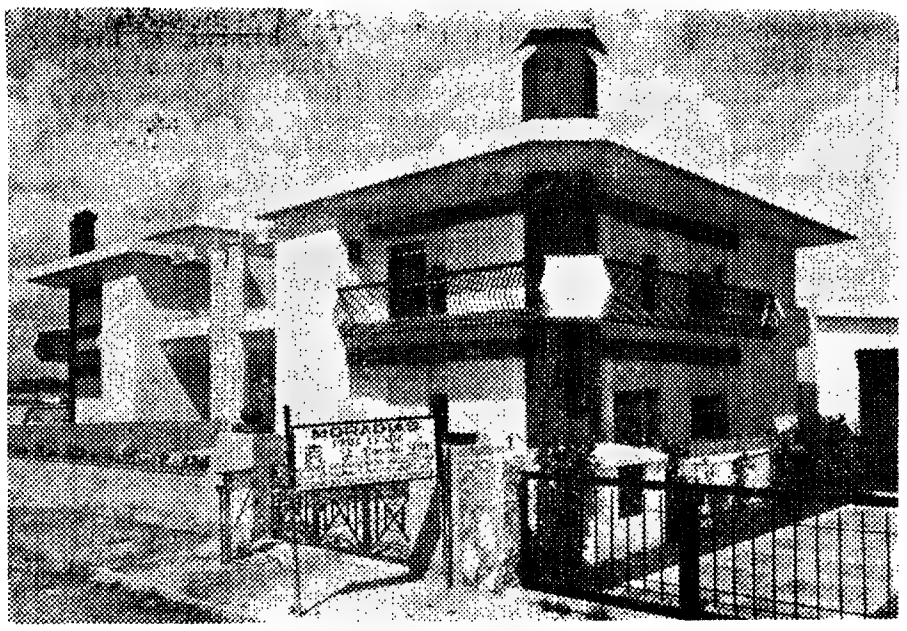
Modulação de frequência — 97, mc/c — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM ... e 02: Programa á Gã-Gã, 0 e 02: Em órbita - dois; ... e 03: Banda Sonora; 2: Fecho

EMISSOR DE MIRAMAR — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C D C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelanea; 19 e 7: Conjunto; 19 e 30: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia, 21 e 03: Rádio Placard; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 45: Mensageiro do Evangelho; 22 e 03: Primeiro plano; 22 e 15: Novas de alegria; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 283,2 b — 1086 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Orquestras e canções; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª Hora; 2: Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8, das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 17 ás 19 e 30 e das 22 ás 2; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 ás 14 e 30; **Rádio Graça** — Das 8 ás 10 e das 14 e 30 ás 17.

Especialmente para si... que tem um gosto requintado...



construímos, em Paço de Arcos, elegantes moradias com acabamentos de luxo

O r/c compõe-se de:

átrio, «hall», sala de jantar, sala de estar, biblioteca, sala de engomados, despensa, quarto, I. S. da criada e zona de lavagem de roupa.

No 1.º andar:

suite, 3 quartos, casa de banho, quarto de recreio, ampla varanda e solário. No espaço envolvente da moradia, cuidadosamente tratado, está localizado o abrigo de viaturas

Facilita-se parte do pagamento

Faça uma visita a estas moradias, na Rua José Ferrão Castelo Branco, e das suas amplas varandas desfrute as magníficas vistas que elas lhe oferecem.

Se não for esta a solução do seu desejo, consulte-nos porque possuimos terrenos em Cascais, com vista de mar e serra, onde podemos construir ao vosso inteiro gosto.

APARTAMENTOS EM EXPOSIÇÃO: Lisboa — Pr. Marquês de Pombal; Reboleira — Rua D. Dinis; Venda Nova — por detrás da Garagem Eduardo Jorge; Paço de Arcos (Espargal) e Cascais (na retaguarda do Hotel Baía

Rendimento de 6 a 10% garantido por escritura pública, durante 6 e até 18 anos, á escolha do cliente

J. PIMENTA, S. A. R. L.

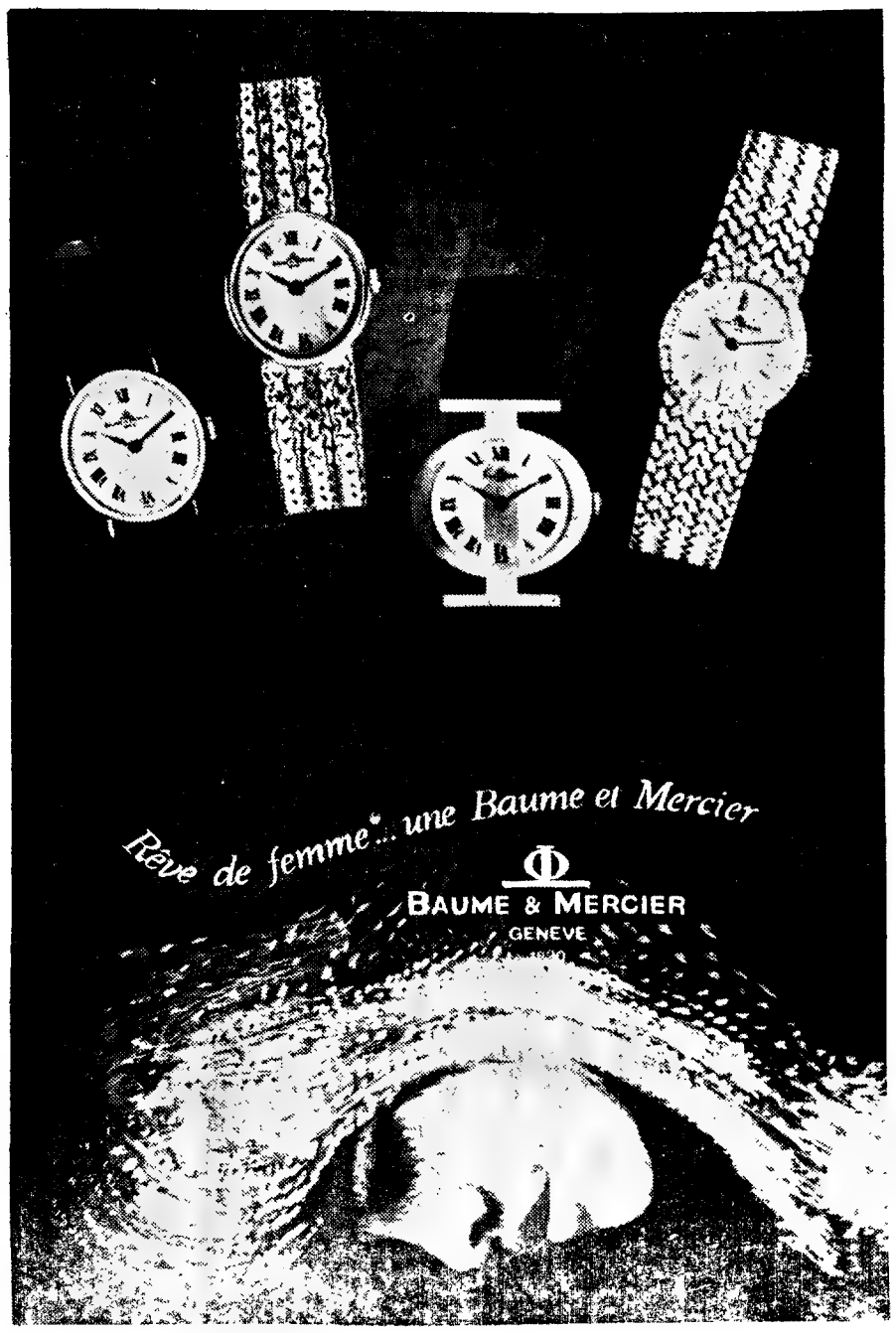
LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telefones 4 58 43 - 4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70

ABONO DE FAMÍLIA AOS RURAIS DO DISTRITO DE BRAGANÇA

BRAGANÇA — Iniciou-se o pagamento do abono de família aos trabalhadores rurais respeitante ao mês de Outubro findo e cuja gestão, como se sabe, está confiada á Caixa de Previdência deste distrito.

Em conjugação de esforços com os elementos periféricos da Organização Corporativa, o subsídio é liquidado, nas diferentes localidades, nas sedes das 40 Casas do Povo espalhadas pela região bragançana, que abrangem no seu ambito mais de 80 freguesias e lugares, e uma população associativa de cerca de 60 000 pessoas, sendo 8710 sócios efectivos, 6450 contribuintes e os restantes familiares daqueles sócios.

O numero de operários constantes em folhas de trabalho duplicou em relação ao mencionado no primeiro mês do início do abono de família, ascendendo a cerca de 5000, e o das entidades patronais registou idêntico acréscimo relativamente áquele primeiro mês, situando-se em 1360. Os descendentes que dão origem ao processamento do benefício — filhos até 14 anos de idade — são, aproximadamente, 45 000. O valor da verba despendida com este subsídio dos trabalhadores agrícolas é de cerca de 400 contos.



PIMENTA JOALHEIROS

Rua Augusta, 253-257 — Telef. 32 45 64

LISBOA (Agência Oficial)

canal da crítica

(Continuação da pág anterior)

pa. Os seus olhos, hipnotizados, não se afastaram do rosto do pianista (uma face, a visível da tensão), dos gravadores (a outra face, a acumulada. da tensão) e do teclado. Desse território, Alfredo Tropa não se afastou, absolutamente integrado no espírito do artista. Foi mais do que uma manifestação de sensibilidade: foi a honradez profissional de quem recusa brilhar com o suor alheio. Para Alfredo Tropa, a arte de Jorge Peixinho foi sempre sujeito, nunca objecto. Alfredo Tropa: um grande realizador em rodagem?

«O JOGO DA VIDA»

Houve revolução na Costa Real, «país» da América Latina, a revolução tinha a finalidade de no entanto Raul Oliva o Presidente (*«ainda não, ainda não»...*) mas o Glenn Howard estava à coca e «todos os sociólogos são revoltosos» Florentino Torres era estudante mas todos o conheciam por Tino e a Marisa fora velha «amiga» de Glenn, tendo ficado, porém, uma grande amizade ou um grande ódio, não percebi lá muito bem, havia também um advogado que se fazia pagar bem porque era o melhor mas aconteceu que o Embaixador da Costa Real claro que o dinheiro dos revoltosos vinha da Polónia, da Checoslováquia e da Hungria, sem contar com uma rapariga e dois rapazes que pertenciam a uma sociedade para detecção e captura de criminosos nazis e o criminoso nazi, carcereiro em Dachau, chamava-se Albrecht mas andava por ali sob o nome suposto de Torres, perdão, Torres era o outro o Tino, o nome do nazi criminoso que fabricava revoluções na Costa Real era Fierro, ora o presidente Raul Oliva estava desejoso de levar novamente a constituição ao seu país revolto, simplesmente encontrava-se muito doente, com um esgotamento cerebral, quem tratava dele era a Marisa, boa pequena e vai o Glenn abriu o elevador e — brrrr! — cai-lhe um cadáver fraternalmente nos braços, foi a partir daí que não sei quê, o cadáver, cadaveríssimo, aliás, trazia tatuado no pulso o número 202891, eu pensava que era o número do telefone, tolo!, era o número da seita, «A Rosa Branca», a tal que perseguia os criminosos nazis (coitados!, nunca mais os deixam em descanso) o Glenn até simpatiza com eles e o carrasco de Dachau vai muito sorridente no avião mas já lá vão dois da «Rosa Branca» para lhe tratarem da saúde e agora é que o Glenn vai fazer uma bela reportagem, e a cabeça a andar-me á roda...

MÁRIO CASTRIM

PARA AS SUAS OFERTAS DE NATAL
ENCONTRA NA
CASA ÂNGULO
— Aparelhos fotográficos de cinema e de projecção.
— Binóculos e [illegible] Grande variedade de artigos para brindes.
— Relógios.
Bijuterias, artigos de fantasia e papelaria, etc.
RUA DA PRATA, 148

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

Dr. Francisco Sampaio Correia de Campos

MISSA DO 30.º DIA

SUA MULHER, FILHOS, NETOS, IRMÃOS E DEMAIS FAMÍLIA PARTICIPAM QUE AMANHÃ, DIA 6, ÀS 17,30 HORAS NA SUA CAPELA DA QUINTA DA PALMEIRA LONGA DO LUMIAR — SANTA, SERÁ REZADA MISSA PELO SEU ETERNO DdescanSO.

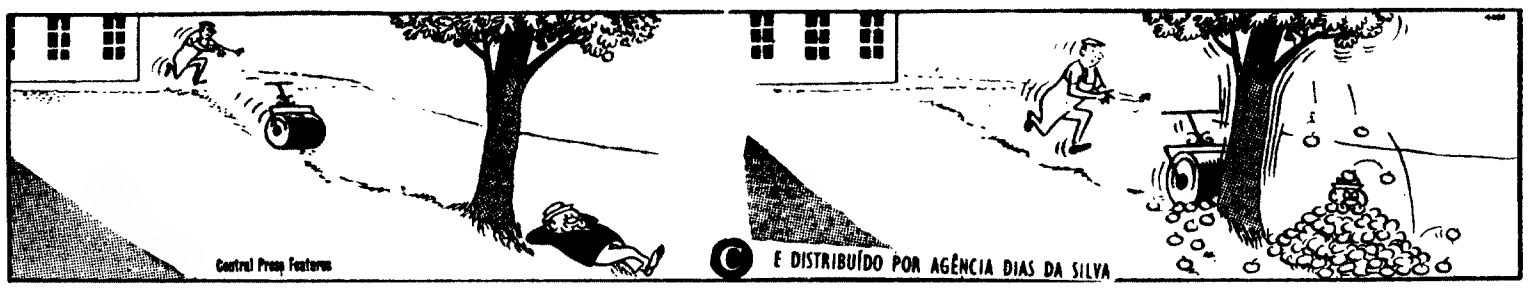
P. N. A. M.

A. NOTA SOLGADO

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 5 de Dezembro de 1939 publicava:

«**LONDRES — Desde que estalou a guerra, foi estabelecida a regra de não dar quaisquer notícias acerca das deslocações da família real, senão depois destas se terem realizado. Porém, o rei Jorge VI, ao chegar ontem a França, disse: «Eu não quero que o meu povo não saiba onde estou.» Por isso, foram dadas ordens no sentido de ser publicada a notícia do meu paradeiro.»**

Admissão de pessoal no Jardim Botânico

Na direcção do Museu, Laboratório e Jardim Botanico da Universidade de Lisboa (Faculdade de Ciências) estão abertas candidaturas para a admissão de guardas de 1.ª classe e pessoal assalariado para prestarem serviço como guardas do jardim e jardineiros, respectivamente, devendo os candidatos dirigirem-se ao respectivo director.

As condições de admissão são as seguintes: para guardas — exame de instrução primária; idade de 21 a 35 anos; para jardineiros — exame de instrução primária e idade superior a 16 anos.

Terão preferência no provimento de lugares de guarda as praças das Forças Armadas, da G. N. R. ou da G. F., e os agentes da P. S. P. ou da P. V. T. em actividade, mas com idade superior a 50 anos.

Palavras cruzadas

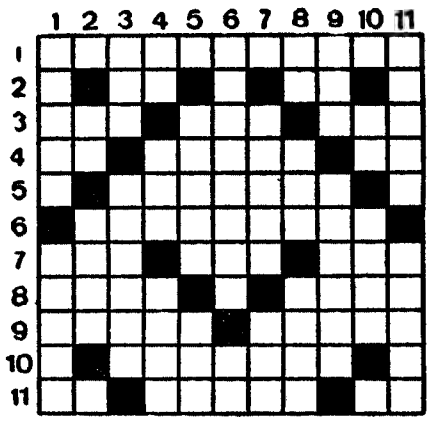
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5378

HORIZONTAIS: 1 — Mondaríamos. 2 — Pertences. Nota musical. 3 — Acrescentei. Trezentos em romano. Rio de Portugal. 4 — Lê. Guindastes. Nota musical. 5 Côdeas. 6 — Convocarias. 7 — Camareira. Medida de superfície. Pequeno poema medieval narrativo ou lírico. 8 — Cobertura. Aquele que no Malabar se emprega em cavar a terra. 9 — Abertura no alto da muralha de uma fortaleza por onde se visava o inimigo. Cidade de Itália. 10 — Sal do ácido urânico. 11 — Artigo definido. Partidário. Isolado.

VERTICAIS: 1 — Nome de flor. Respeita. 2 — Preposição. Remam para trás. 3 — Monarca. Cobertura para a cabeça, geralmente formada de capa e abas. 4 — Post scriptum (abrev.). Grande. Encolerizo. 5 — Intervalo de meio tom. Medida de líquidos usada na Alemanha, Holanda e Suiça. 6 — Rejeitara. Níquel (s. q.). 7 — Leito de viagem. Página (abrev.) 8 — Campeão. Vai para fora. Nascimento. 9 — Um milhar. Larva de mosquito. 10 — Prefixo de negação. Irmãs da mãe. 11 — Pessoa muito parecida com outra. Sacrifício.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5377

HORIZONTAIS: 1 — Lama. Fiar. 2 — Are. Gel. Ore. 3 — Vã. Arnais. DI. 4 — Amurai. Acém. 5 — Saldou. Cama. 6 — Ois. Tal. 7 — Lá. Barcas. 8 — Amua. Areava. 9 — DE. Sellim. Ir. 10 — Ana. MIM. Asa. 11 — SAIU. QUEM.

VERTICAIS: 1 — Lavas. Ladas. 2 — Arama. Amena. 3 — ME. Ulo. Aí. 4 — Andidas. 5 — Grãos. Em. 6 — FERIU. Balin. 7 — Lã. Tanim. 8 — Sacarem. 9 — Ia. Calca. Au. 10 — Ardem. Avise. 11 — Reima. Saram.

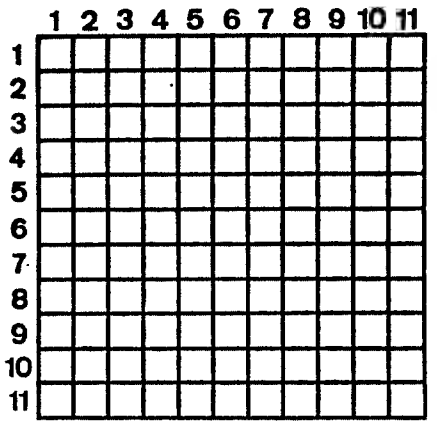
Provérbio: (DE MIM SAIU QUEM ME FERIU).

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9221

HORIZONTAIS: 1 — Faixa estreita de terra que liga duas partes dum continente ou uma península a outra terra, e separa dois mares. Freguesia do concelho de Vila Nova de Gaia. 2 — O espiritual. Moves os remos. 3 — Joeira. Genro de Maomé. 4 — Nascimento dum astro. Negro. 5 — Artéria. Preposição. Suspiros. 6 — Distritos da India Portuguesa. 7 — Estar de acordo. Pressinto. 8 — Rosto. Fechem as asas para descer mais depressa. 9 — Catedrais. 10 — Ato de nova. Culto. 11 — Deste modo. Cérebro.

VERTICAIS: 1 — Obrigar a. Estimula. 2 — Isolado. Destruição. Pertences. 3 — Nome de peixe. Vasos onde os antigos guardavam as cinzas dos mortos. 4 — Bosque. Claridade. Pronome pessoal. 5 — Olé. Igual. Ruído. 6 — Preposição. Cério (s. q.). 7 — Grande Chefe etíope. Figura que simboliza o povo americano. 8 — Espécie de rã. Primeira das três palavras que formam o nome duma freguesia do concelho de Anadia. Vi. 9 — Falsificada. Contracção da preposição em e pronome demonstrativo isto. 10—Neste momento. Peça de ferro em que se apoia o couto da lança, quando se pretende investir. O mais. 11 — Restos mortais. Nome de homem.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9220

HORIZONTAIS: 1 — Arion. Turca. 2 — Peno. Miam. 3 — Ema. Ada. Asa. 4 — Ló. Acelo. Ti. 5 — Ácaro. Arara. 6 — Adir. Sapo. 7 — Aar. Tiré. 8 — Um. Seira. Fé. 9 — Riis. Ria. Air. 10 — Narra. Vagar. 11 — Assem. Alara.

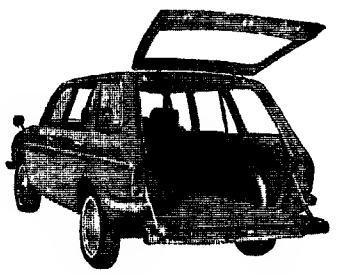
VERTICAIS: 1 — Apela. Furna. 2 — Remoça. Mias. 3 — Ima. Ada. Srs. 4 — Oó. Árias. Re. 5 — Acorreram. 6 — Ide. II. 7 — Alastrava. 8 — Um. Orara. Aí. 9 — Ria. Ape. Agá. 10 — Castro. Fiar. 11 — Amaia. Ferra.

JOMA

A station 1100 de maior espaço

SUBARU FF1 1100

UM SÉRIE FORA DE SÉRIE



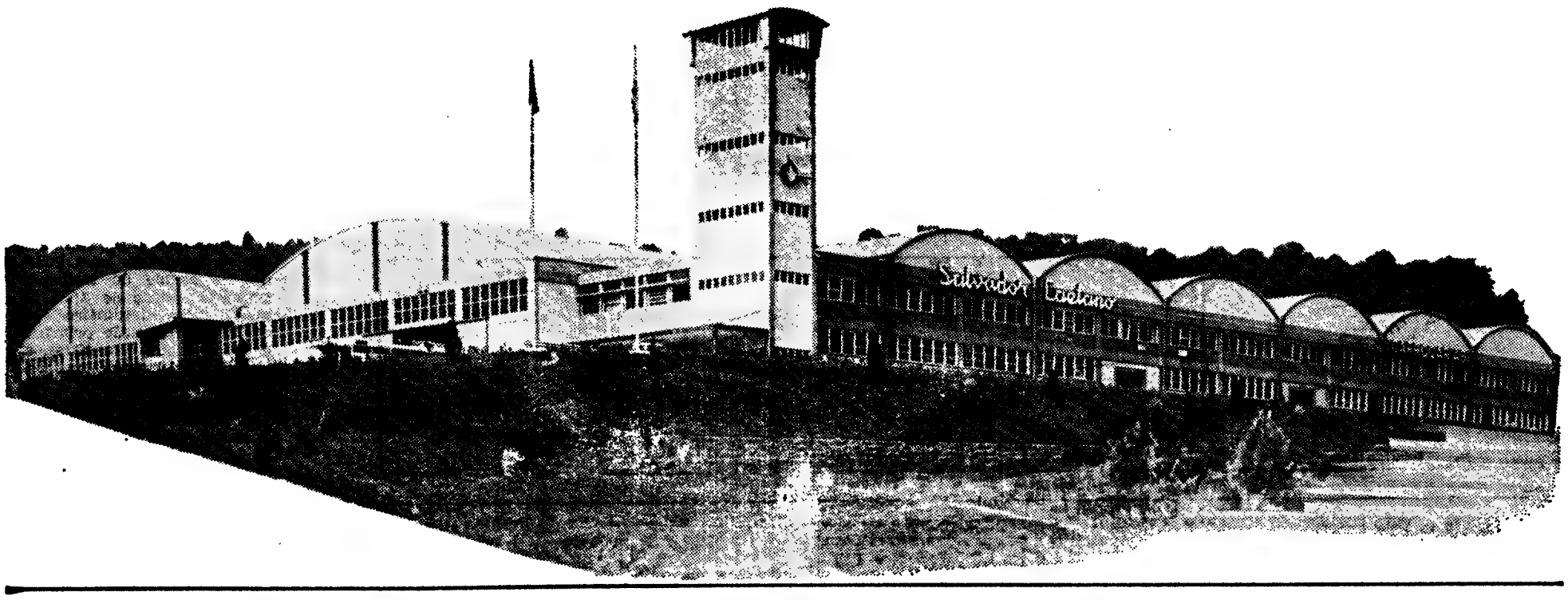
Do Japão, chegou a mista que resolve definitivamente o problema do espaço. Aliando a alta qualidade a um gosto requintado, a Station SUBARU FF1, constitui a mais agradável surpresa.
SUBARU — Uma tentação.

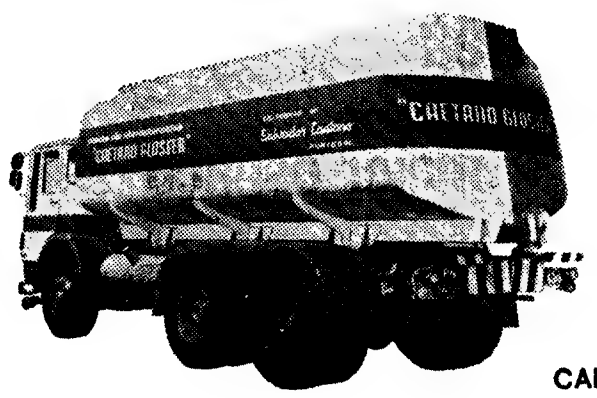
Representante:
SOGERIM · SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.
AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 23·ABC·LISBOA
TEL. 56 01 56

DESDE 1946 PRODUÇÃO DE QUALIDADE

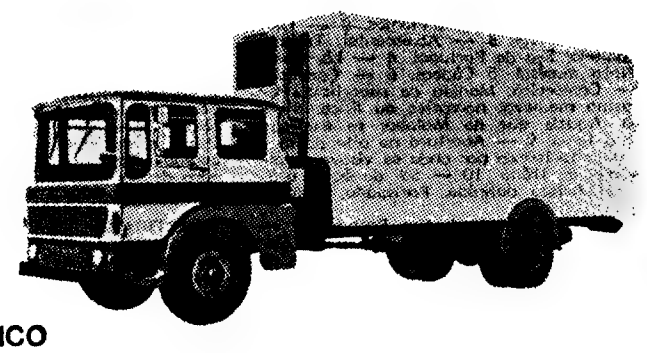
tudo o que construimos anda sobre rodas...

Se um dia for à Jamaica, em férias ou negócios, talvez dê uma volta de autocarro pela capital da ilha, a cidade de Kingston. Provàvelmente esse autocarro foi carroçado por **SALVADOR CAETANO.** Pode acontecer-lhe o mesmo em qualquer ponto da África Portuguesa, ou na Escandinávia ou em Inglaterra (onde já circulam muitas dezenas de autocarros Salvador Caetano — e são fáceis de identificar, pois são os mais luxuosos...).

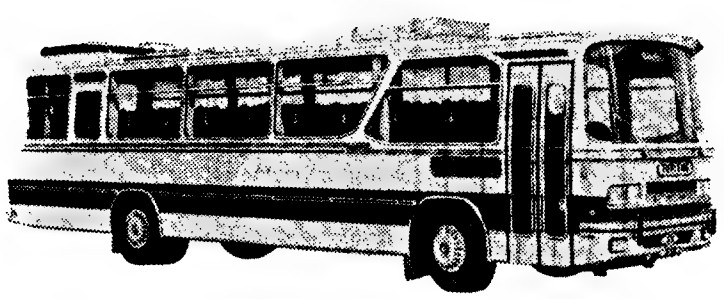




CAMIÃO CISTERNA



CAMIÃO FRIGORÍFICO



AUTOCARROS DE GRANDE TURISMO
os verdadeiros GT do Turismo Colectivo.

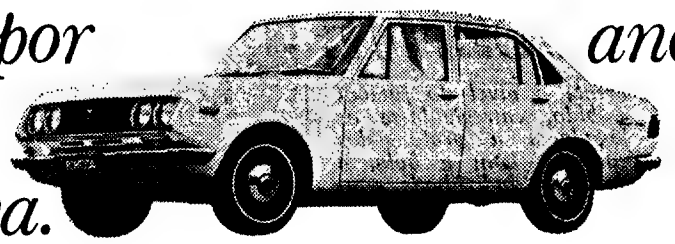
AUTOCARROS INTERURBANOS • AUTOCARROS PARA COLÉGIOS
AUTOCARROS URBANOS DE 1 E 2 PISOS (TAMBÉM TIPO CITYRAMA).

VEÍCULOS ESPECIAIS — Salvador Caetano pode construir QUALQUER carroçaria. Já circulam n... estradas: bibliotecas itinerantes — rádio-rastreio — rádio-fotografia — camions frigoríficos — camions isotérmicos — transporte e distribuição de carnes — camions publicitários — camions oficinas — camions basculantes — ambulâncias — containers para reboques e semi-reboques.

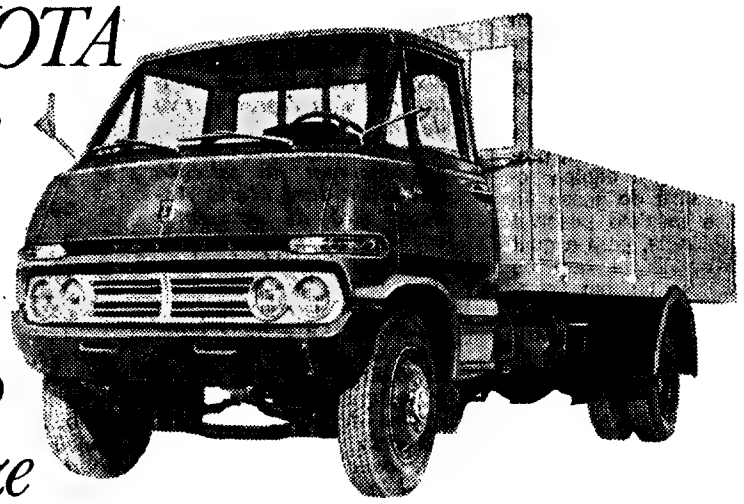
SALVADOR CAETANO, S.A.R.L.

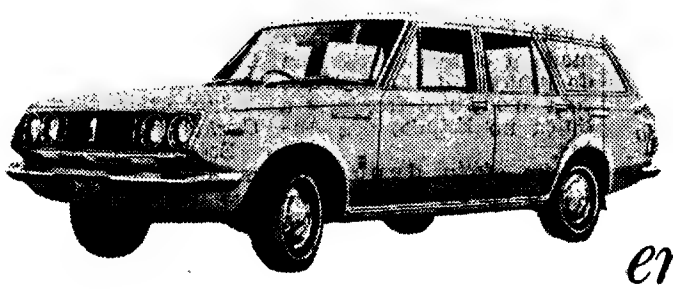
sonarte TOT

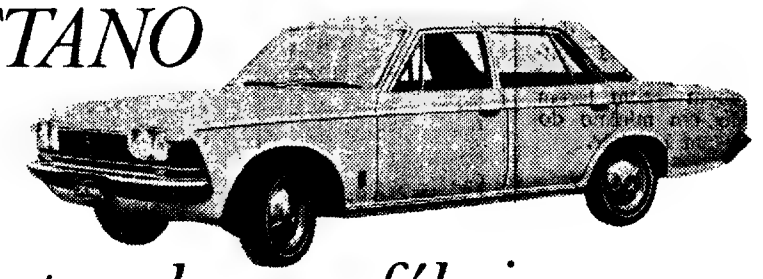
JAPÃO - o segundo construtor de automóveis do mundo, apenas superado pelos Estados Unidos; cerca de 4 milhões de carros por ano com exportação para todo o mundo; uma indústria poderosa e progressiva.

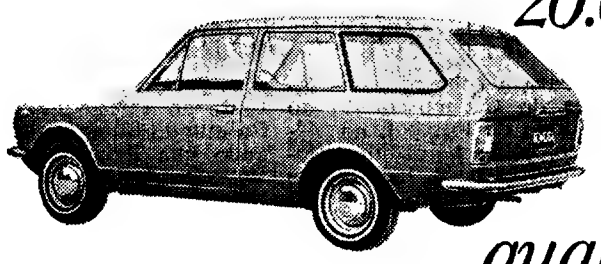


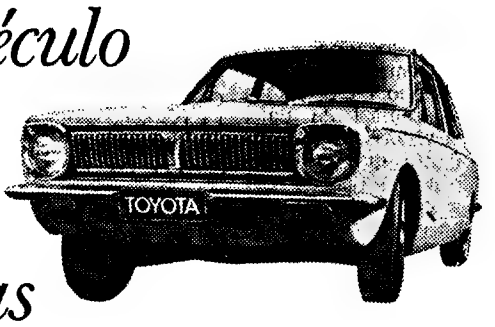
TOYOTA - o maior dessa indústria no JAPÃO; cerca de 1 milhão e meio de carros por ano; mês a mês, ano a ano, batidos sucessivamente os "records" de produção e os "records" de exportação; grupo de onze companhias especializadas fabrica em exclusivo os componentes e as máquinas-ferramenta para os veículos TOYOTA; vendas para 80 países estrangeiros e linhas de montagem em 13 países repartidos pelos 5 continentes. SALVADOR CAETANO - o industrial português que contratou com TOYOTA a montagem e distribuição dos seus veículos em Portugal; uma fábrica com 20.000 m2 de área coberta e mais de 60.000 m2 de área de expansão; mais de 400 operários, quase todos especializados; um padrão de qualidade com um quarto de século de experiência. TOYOTA - escolheu a técnica e o prestígio de SALVADOR CAETANO, já reconhecido no plano internacional. As duas grandes empresas caminham agora de mãos dadas para o progresso do nosso País. PORTUGAL - é assim o primeiro País da EUROPA a montar viaturas











TOYOTA

TOYOTA - veio para ficar!

TOYOTA MOTOR

sonarte TOT 18

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

Selecção e seleccionados

As perspectivas não são boas, isso não são. Cometeram-se muitos erros, acumularam-se negligências e não faltaram os azares a que aqui se aludiu ontem. Estamos a menos de uma semana do jogo Inglaterra-Portugal e só ontem à tarde a selecção efectuou o seu primeiro treino sério, um ensaio para se saber quem joga e como se pretende que joguem os que jogarem.

No entanto, embora tarde e a más horas, procure-se dar à equipa representativa do nosso futebol o máximo possível de eficiência, para a qual é indispensável que os jogadores tenham confiança em si próprios. Sabe-se que não apresentaremos a «selecção ideal», pois alguns (e não poucos) dos considerados *indiscutíveis* não estão fisicamente aptos. Mas os jogadores chamados pertencem ao primeiro plano do nosso futebol e quase todos possuem já experiência destes jogos internacionais.

Aliás, a desconfiança que tem rodeado a selecção nacional (independentemente dos jogadores que a formarem) não é, por eles, jogadores, que podem ser vítimas mas não são culpados da desorganização a que se chegou. E já é confiar neles o esperar que vençam a primeira batalha, que é contra as dificuldades criadas por uma preparação deficiente a todos os níveis.

Será uma vitória dos jogadores, se eles conseguirem jogar o melhor que sabem — sem terem recebido um mínimo do que deviam receber.

M. Z.

NO JOGO INGLATERRA-PORTUGAL, DO DIA 10

ROLANDO—OUTRO AUSENTE

A selecção portuguesa de futebol voltou ontem á tarde ao relvado do Estádio Nacional para ali efectuar mais uma sessão de treino com vista ao encontro que no dia 10 terá de disputar em Londres contra a equipa representativa de Inglaterra.

Entretanto, novas baixas se observam na selecção que o dr. José Maria Antunes terá de apresentar em Wembley. Ontem, o setubalense José Maria abandonou o estágio de Vale de Lobos devido a forte ataque gripal e mais tarde Rolando, do F. C. Porto, também ficou excluído dos trabalhos de preparação da equipa depois de observado pelo dr. Silva Rocha, que concluiu não ser possível a integral recuperação do excelente médio nortenho até ao dia do jogo.

No treino de ontem, contra o Barreirense, já dirigido pelo técnico José Maria Pedroto, a formação inicial da equipa portuguesa foi a seguinte: José Henrique; Conceição, Caló, José Carlos e Pedro Gomes; Tomé, Graça e Toni; Guerreiro, Manuel António e Jacinto João. No segundo período Cardoso entrou para defesa central, ocupando Caló a posição de José Carlos e derivando este para o meio-campo para a posição de Toni. Na linha dianteira, Mário Campos e Figueiredo substituiram, respectivamente, Guerreiro e Jacinto João.

● O médio portista (lesionado) regressou ao Porto e José Maria abandonou o estágio por doença.

● Convocados de última hora: Figueiredo, Murça e Mário Campos.

Numa breve análise ao treino, reconhece-se que os primeiros quarenta e cinco minutos tiveram alguns motivos de agrado por virtude da actuação de Jaime Graça, de novo a caminho da boa forma. Também o estudante Manuel António teve comportamento meritório pela agressividade e oportunismo que demonstrou, marcando três dos cinco tentos que a selecção obteve durante todo o treino.

Na segunda parte da sessão decaiu consideràvelmente o nível do futebol exibido, entregando-se os jogadores a prolongadas correrias com a bola, a despiques individuais, condenados antecipadamente ao malogro, que, certamente, poucas indicações proveitosas forneceram ao seleciconador. E daí... tal vez não. Acontece, porém, que ao dr. José Maria Antunes se depara presentemente um restrito campo de escolha.

À ultima hora, e devido ás muitas ausências que se observam, o dr. José Maria Antunes convocou Figueiredo e Mário Campos que, como vimos, já tomaram parte no treino, e o belenense Murça, que, devido ás obrigações militares, não pôde integrar-se ontem na preparação da equipa. Também Damas, pelas mesmas razões, esteve ausente do relvado do Jamor.

José Maria Pedroto, o técnico «chamado de urgência» á selecção nacional. «Numa emergência assim, creio que nenhum treinador recusaria o seu concurso ao futebol português» — disse-nos ontem, depois do treino da selecção

Rolando, observado pelo dr. Silva Rocha, regressou ao Porto. Não poderá jogar em Wembley contra a Inglaterra

O Portugal-Suíça (juniores) desta noite

ESCOLHIDA A EQUIPA QUE JOGARÁ NAS ANTAS

Está já, em princípio, formada a equipa portuguesa de juniores de futebol que esta noite defrontará a Suíça no Estádio das Antas.

Com efeito, depois do treino de ontem, efectuado no campo do Varzim, e durante o qual duas arreliadoras lesões afastaram da equipa os dois «pontas-de-lança» considerados efectivos — Castro e Vieira —, os responsáveis decidiram que contra a Suíça a equipa portuguesa alinhe da seguinte forma:

Silva Morais; Fernando, Carlos Cardoso, Laranjeira (cap.) e Lino; Jaime Telha, Ludgero e Duarte; Gregório Freixo, Nando e Correia Dias ou João Cardoso.

Suplentes: Matos, Pinto, Cacheira e Cunha.

Entretanto, foi também escolhida a equipa de 1971 que defrontará os «juniores» do F. C. Porto.

Carlos (Benfica); Paulo (Boavista), Vitor Alves (Atlético), V. Pereira (Cuf) e Baião (Estoril); Rodolfo (F. C. Porto) e «Tó» (Odivelas); Sá Pereira (U. Lamas), Soares (Boavista), Vitor (Leixões) e Rodrigo (F. C. Porto).

Suplentes: A. Bastos (Avanca), Sobral (F. C. Foz) e Costa Almeida (F. C. Porto).

Para o «Mundial de Futebol»

PEDIDOS ALOJAMENTOS PARA 1500 JORNALISTAS

Para a cobertura dos jogos do Campeonato do Mundo de Futebol, no México, estão já pedidos alojamentos para 1500 jornalistas de todos os continentes.

Os que primeiro receberam alojamento foram os ingleses. Têm reservado o «Hilton» de Guadalajara, em exclusivo.

Podem, portanto, utilizar desde já as suas instalações para o noticiário referente ao «Mundial». O sr. Raimundo Cuervo, encarregado das ligações com a Imprensa, está a tentar satisfazer todos os pedidos dos jornalistas dos outros países, que terão de esperar até ao dia 10 de Janeiro para saberem onde ficarão alojados, nas três outras cidades-cabeças de série: Leon, Toluca e Pueblo.

GOMES UM ANGOLANO PARA O BELENENSES

LUANDA, 5 — (L.) — Segundo anuncia o jornal «O Comércio», desta cidade, o futebolista Gomes, «ponta-de-lança» do Benfica de Luanda, irá para Lisboa, com destino ao Belenenses, que tem em seu poder um documento assinado pelo jogador.

Porém, Gomes, que vai acabar o tempo da sua vida militar na capital do País, continuará vinculado ao Benfica luandense, que — acrescenta o jornal — apenas está disposto a ceder Gomes mediante uma compensação monetária.

O Varzim joga no domingo no Funchal

FUNCHAL, 5 — (L.) — No domingo, no estádio dos Barreiros, em desafio particular de futebol, defrontam-se as equipas do Marítimo e do Varzim, cujo produto reverterá para o Centro Social Paroquial de Fátima.

A presença da equipa do Varzim na Madeira, está a despertar o maior entusiasmo nos meios desportivos locais.

Sábado desportivo

ANDEBOL DE SETE — Campeonato de Lisboa, da 1.ª Divisão, categoria de honra: Técnico-C. N. O. C. A., Campo de Ourique-Belenenses, Sporting-Benfica e Passos Manuel-Almada, em Campo de Ourique, a partir das 19 e 15.

— Campeonato de Lisboa, da 3.ª Divisão: Mirantense-R. Janeiro, Palmense-Algés e Castelo-Atlético, no pavilhão Universitário, a partir das 20 e 30.

— Campeonato de Lisboa, de juniores, jogo atrasado: Encarnação-Sporting A, no pavilhão da Ajuda, ás 18 e 15 horas.

— Campeonato de Lisboa, de juvenis: Encarnação-C. Ourique e Parede-Sporting, no pavilhão da Ajuda, a partir das 17 horas.

ANIVERSÁRIOS — Do Clube Internacional de Futebol (67.º): torneios internos de basquetebol (escolas) e futebol, no campo do clube (Campo Grande), ás 15 horas.

BASQUETEBOL — Campeonato de Lisboa, da 1.ª Divisão, 10.ª jornada: Técnico-Lisgás e Oriental-Carnide, ás 21 e 30; Cruz Quebradense-Liberdade e Moscavide-C, D. U. L., ás 22 e 30, no pavilhão da Ajuda.

— Campeonato de Lisboa, da 2.ª Divisão: Cimento Tejo-Rangel e Combatentes-Oeiras, no ginásio da Faculdade de Ciências, ás 21 e ás 22 horas.

ESGRIMA — Prova de Abertura, em Espada, no Centro Espanhol, ás 15 horas, seguida de distribuição de prémios.

FUTEBOL — Campeonato de Reservas da A. F. L.: Casa Pia-Sintrense, Oriental-Alhandra, Torriense-Algés, Odivelas-Sacavenense e Atlético-Estoril, nos campos dos primeiros, ás 16 horas.

— Campeonato de Reservas da A. F. Setubal: Luso-Sesimbra, Seixal-C. U. F., Almada-Vitória, Amora-Cova da Piedade e Montijo-Barreirense, nos campos dos primeiros, ás 16 horas.

NATAÇÃO — Torneios de Inverno (2.ª jornada), na piscina do Areeiro, ás 21 e 15.

PATINAGEM — Exames patinadores, na Juventude Salesiana, no Estoril.

Opel
É sempre mais carro

Para todos os gostos e necessidades: Kadett, Kadett Caravan, Rekord, Comodore, GT. Todos eles com a precisão da mecânica alemã. O máximo em performance e economia. O estilo, tão moderno e funcional. O conforto. A segurança. Uma rede de serviços por todo o país. Opel. É sempre mais carro. Venha vê-lo e experimentá-lo no nosso stand.

LICAR AV. CASAL RIBEIRO 48A 48C LISBOA 1

OPEL GM

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

ATLETISMO (11)

Quem são os atletas
que obtiveram os melhores resultados de sempre nas 18 disciplinas olímpicas

Depois de termos analisado treze disciplinas olímpicas, vamos, hoje, apreciar as cinco restantes, por sinal aquelas em que os portugueses estão mais afastados dos especialistas estrangeiros — triplo salto, dardo, peso, disco e martelo.

É curioso assinalar que no computo geral destas cinco disciplinas, apenas dois dos duzentos resultados inscritos nas listas, alcançaram mais de 900 pontos, pela tabela portuguesa do dr. Fernando Amado — triplo (15,61 m) e martelo (62,34 m), respectivamente, 904 e 922.

Para se avaliar da fragilidade das «marcas» registadas nestas disciplinas, pelos atletas portugueses, basta dizer que no triplo salto, apenas 11 «marcas» vão de 806 a 904 pontos; no lançamento do peso, sómente seis «marcas» vão de 801 a 861 pontos; no disco, onze lançamentos estão enquadrados de 801 a 885 pontos; no dardo, nove «marcas» estão catalogadas entre os 800 e 889 pontos; e, finalmente, no martelo, apenas cinco «marcas» estão enquadradas nos 813 e 922 pontos.

Como se pode, portanto, observar, é muito pouco convincente a valia técnica dos especialistas lusitanos nestas disciplinas.

15,61 m (904) — Julio Fernandes (Sp.), 10-7-66.
15,54 m (899) — Rui Ramos (Bel.), 22-6-52.
15,39 m (888) — J. Tadeu de Freitas (Bf.), 17-8-69.
14,93 m (854) — Elio Andrade (Sp.), 24-6-62.
14,76 m (841) — Luís Garcia Alcide (Bf.), 5-8-50; Rogério Soromenho (Bf.), 18-4-64.

TRIPLO SALTO

14,70 m (837) — João Vieira (Sp.), 5-8-50.
14,57 m (826) — João Encarnação (Sp.), 2-8-59.
14,53 m (823) — Eugénio Lopes (Sp.), 14-6-52.
14,45 m (817) — Vladimiro Simões (Bf), 2-4-67.
14,31 m (806) — Mário Magalhães (Sp.), 22-7-62.
14,22 m (798) — Abel Rebelo (Bf.), 24-7-60.

Na lista dos melhores resultados existem ainda mais 40 atletas com «marcas» que vão dos 14,22 m até aos 13,53 m. Pertencem ao Sporting, 11; Benfica, 8; Académico, 1; C. D. U. L., 5; Sp. Lourenço Marques, 4; F. C. Porto, 1; Belenenses, 3; Vit. Setubal, 1; D. L. Marques, 3; F. L. Marques, 1; C. D. U. P., 1; Sp. de Lagos, 1.

PESO

15,63 m (861) — José Luís Fernandes (Bf.), 30-9-67; José Galvão (Bf.), 19-7-64.
14,64 m (818) — Luís Reis Santos (Bf.), 27-6-66.
14,53 m (813) — Nuno Xara Brasil (Sp.), 15-8-59.
14,46 m (810) — Manuel da Silva (Sp.), 5-6-55.
14,27 m (801) — Octávio Vicente (D. L. M.), 11-8-68.
14,13 m (791) — Pedro de Almeida (Sp.), 3-4-65.
14,08 m (787) — António Vital Silva (F. C. Porto), 23-8-69.
13,95 m (776) — Carlos Sustelo (Sp.), 29-6-69.
13,80 m (763) — António Silvestre (Bf.), 7-9-68.
13,65 m (750) — José Branquinho (S. L. M.), 18-6-66.
13,51 m (737) — João Afonso (Sp.), 19-5-62.

Existem ainda mais 38 atletas com «marcas» que vão dos 13,40 m até aos 12,12 m. Pertencem ao Sporting, 11; Benfica, 7; Internacional, 2; Atlético de Luanda, 1; C. D. U. P., 2; C. D. U. L., 3; F. C. Porto, 6; A. A. Coimbra, 1; 1.º de Maio L. Marques, 1; Sp. C. do Bié, 1; Almadense, 1; Sp. L. Marques, 1.

DISCO

50,05 m. (885) — Manuel Goulão (Bf.), 28-6-64.
48,58 m. (868) — José Galvão (Bf.), 18-6-66.
47,63 m. (856) — João Afonso (Sp.), 13-8-60.
45,78 m. (832) — Luís Reis (Bf.), 16-6-68.
45,73 m. (832) — Carlos Sustelo (Sp.), 8-9-68.
45,51 m. (829) — Manuel da Silva (Sp.), 8-8-54.
44,28 m. (812) — Manuel Mendes (Sp.). 26-7-59.
44,10 m. (810) — Daniel Firmino (F L. Marques), 20-8-64.
43,94 m. (807) — Luís Reis Santos (Bf.), 1-4-67.
43,70 m. (804) — Herculano Mendes (Acad.), 22-11-36.
43,51 m. (801) — Armando Amendoeira (Bf.), 12-6-60.
42,90 m. (793) — José Luís Fernandes (Bf.), 9-9-67

Na tabela existem ainda mais 38 atletas com «marcas» que vão dos 42,38 m. até aos 36,90 m. Pertencem ao Sporting, 12; ao Cdul, 5; ao Sp. L. Marques, 4; F. Ciências, 1; Benfica, 4; D. L. Marques, 4; Internacional, 1; F. N. A. T., 1; F. C. Porto, 4; A. de Luanda, 1; Académico, 1.

DARDO

71,38 m. (889) — Santinho das Neves (Ind.), 10-7-66.
64,00 m. (837) — Manuel Mendes (Sp.), 25-9-60.
64,00 m. (836) — Carlos Eustásio (Bf.), 20-7-68.
62,96 m. (828) — Octávio Vicente (D. L. M.), 18-6-66.
62,81 m. (827) — Silvério Tomás (A. Coimbra), 18-6-61.
61,58 m. (817) — Francisco Domingues (Bf.), 24-7-60.
61,30 m. (814) — Mário Silva (Bf.), 10-6-67.
60,58 m. (809) — Abílio Cristóvão (Sp.), 18-6-66.
59,56 m. (800) — José Matos (Acad. Santarém), 12-862.
59,01 m. (785) — António Mendes (Sp.), 6-7-63.
58,00 m. (786) — Raposo Borges (Sp.), 29-9-68.
57,82 m. (785) — J. Sena Belo (U.), 19-6-65.

Na lista dos rsultados existem ainda mais 43 atletas, com «marcas» que se situam entre os 57,20 m. e 49,24 m. Pertencem ao Benfica, 6; Académico, 3; Sporting, 15; F. C. Porto, 4; Acad. Viseu, 1; F. L. Marques, 2; Acad. Santarém, 1; Moscavide, 1; F. N. A. T., 1; D. L. Marques, 2; Belenenses, 2; Cdul, 1; Sp. L. Marques, 2; A. de Luanda, 1; Ac. de Braga, 1.

MARTELO

62,34 m (922) — Carlos Sustelo (Sp.), 28-9-68.
56,62 m. (892) — Eduardo Albuquerque (Bf.), 29-7-61.
51,24 m. (822) — Pedro Freitas (Bf.), 13-7-63.
50,92 m. (818) — Guilherme Pereira (Bf.), 7-5-66.
50,42 m. (813) — José Pedroso (Sp.), 9-6-66.
50,00 m. (809) — António Alegre (Bf.), 6-7-69.
48,68 m (794) — M. Silveira Ramos (U.), 7-7-62.
48,55 m. (793) — Carlos Portugal (Bf.), 27-7-63.
48,51 m. (792) — Manuel da Silva (Sp.), 16-9-45.
48,36 m. (791) — Arnaldo Dias (Bf.), 19-6-66.
47,37 m. (780) — Herculano Mendes (Acad.), 6-8-39.
46,95 m. (775) — Américo Ferreira (Sp.), 29-863.

Na lista dos melhores resultados existem ainda mais 39 atletas com «marcas» que se situam entre os 46,88 m. e os 36,04 metros. Pertencem ao Benfica, 12; ao Cdul, 7; ao D. L. Marques, 2; ao F. C. Porto, 2; ao Sporting, 8; ao Sp. L. Marques, 4; Acad. Santarem, 1; Cdup, 2; Académico, 1.

HOJE À NOITE

ANDEBOL — Campeonato de Lisboa, 1.ª Divisão (reservas): Técnico-C.N.O.C.A., C. Ourique-Belenenses, Sporting-Benfica e Passos Manuel-Almada, no Campo de Ourique, a partir das 19,15 horas.

BASQUETEBOL — Campeonato de Lisboa, da Divisão de Honra, 10.ª jornada: Benfica-Algés, Atlético Atlético-Ateneu e Belenenses-Sporting, no pavilhão da Ajuda, a partir das 21 horas.

ANDEBOL — No pavilhão do Campo de Ourique: Campeonato de Lisboa de Reservas: Técnico-C. N. O. C. A., ás 19 e 15; C. Ourique-Belenenses, ás 20 e 30; Sporting-Benfica, ás 21 e 45, e Passos Manuel-Almada, ás 23 horas.

BASQUETEBOL — No pavilhão da Ajuda: Campeonato de Lisboa da Divisão de Honra: Belenenses-Sporting, ás 22 horas.

BILHAR — Taça Alaberne (pentatlo), ultima jornada, na Associação dos Amadores de Lisboa, ás 21 horas.

JUDO — Assembleia geral da Federação, na sua sede. ás 20 e 30.

XADREZ — Campeonato Nacional, por equipas, no Grupo Desportivo Estoril-Praia, ás 20 horas.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

O Paço de Arcos vai construir um pavilhão gimnodesportivo

Dentro de dois anos o Grupo Desportivo de Paço de Arcos vai ter o seu pavilhão gimnodesportivo. Com efeito, na sua reunião de ontem, a Câmara Municipal de Oeiras resolveu entregar áquela colectividade o terreno necessário para a construção, enquanto um conhecido construtor civil se prontificou a entregá-lo dentro daquele prazo.

Conta, também, com outras ofertas o clube de Paço de Arcos, desde o cimento para a construção até ás terraplanagens e cascalho, pelo que foi com grande satisfação que a população de Paço de Arcos acolheu a decisão da Câmara Municipal de Oeiras.

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o Concurso N.º 14 — 9.ª Época

Domingo Alegre — 112 1XX X1X 2112; Roteiro Sonoro — X1X 211 X11 111X; Relato F. em Português — 11X 2X2 111 2111; Relato F. em Ronga — 122 112 111 X121; Bondiazinho — 1X1 X11 2X1 1XX2; Cidade 69 — 112 12X XX2 2111; Vamos Jogar no Totobola — 111 112 1XX 1XXX; Brado Africano — 1X2 112 X1X 221X; Notícias da Beira — 112 112 XX1 11X1; Onda da Manhã — 112 X22 11X 2111; Onda Desportiva — 122 112 122 X111; A Voz de Moçambique (ND) — 122 112 1XX 1121; Apostolado — 1X2 X12 1XX 1XX2; Diário (Luanda) — 122 112 XX1 X111; Comércio — 11X 112 111 XX11; A Nossa Chave — 121 X12 111 11X1; Notícias do Totobola (R. C. S. Tomé) — 1X1 11X 111 XXX1; Brados do Alentejo — 1X2 122 112 12XX; Comércio de Portimão — 122 112 121 1211; Correio dos Açores — 112 X1X 21X 122X; Correio de Coimbra — 1X1 112 111 XX11; Correio da Horta — 1X1 X12 11X X12X; Correio do Vouga — 122 112 111 1X21; O Distrito de Setúbal — 111 1X2 1X1 1XX1; Ecos de Cacia — 111 2X2 111 X111; Estação Emissora C. A. A. (NR) — 1XX 111 21X 11XX; Eu Sei Tudo — 111 121 11X 12XX; Folha do Domingo — 111 112 1X1 1111; Gazeta do Sul — 112 21X 122 12XX; Jornal Estrela da Manhã — 121 X12 111 XX2X; O Jornal de Felgueiras — 111 212 X11 X111; Jornal do Fundão — 111 212 122 2111; Jornal da Lixa — 122 11X 111 211X; Jornal de Santo Tirso — 1X1 112 211 11X1; Jornal de Sintra — 1X2 112 X22 X211; Jornal de Viseu — X11 212 X12 X2X1; Notícias de Chaves — 111 212 1X1 22XX; Notícias de Felgueiras (SD) — X11 XX1 1X2 211X; Notícias de Felgueiras (Tot.) — 12X 112 111 1X11; Reconquista — 121 11X 111 1111; Renovação—111 X12 1X1 111X; República — 111 122 1X1 2211; Sporting — 1XX 2X2 111 1X11; O Telégrafo — 1X1 112 112 1X11; O Templário — 111 112 111 1XX1; A Voz Desportiva — 111 112 121 2111; Voz de Lamego — 121 1X2 111 X111; Terra Alta — 122 X12 X11 X1X1; A Voz — 112 212 1X1 1111; A Voz do Domingo — 111 112 111 1X2X; A Voz de Palmela — X1X 2X1 121 1111; A Voz dos Ridículos — 111 112 111 1111.

Auto-Rádio — 111 111 1XX 1211; Jornal da Beira — 111 212 X12 2X11; Boletim Desportivo (Rádio Ponto) — 111 112 1X1 22X1; Cantinho Ricardo Lemos — 121 112 111 1XX1; Cavalgada do Ritmo — 1X1 212 121 1X11; Centro Desportivo — 1X1 1X2 XX1 2XX1; O Comércio de Leixões-Desporto — 12X 1X2 12X X1X1; O Comércio de Leixões (De Tudo um Pouco) — 1X1 1X2 1X1 1111; O Comércio do Porto — 1X1 112 111 1X11; De Tudo um Pouco — 12X 112 112 XXX1; Ás 10 Espere por Nós — 12X 11X 2X1 XXX1; Diário do Alentejo—122 X12 1X1 X112; Diário de Coimbra — 111 112 112 11XX; Ecos do Desporto — 1XX 112 111 11X1; Dos Fracos Não Reza a História — 212 112 2XX 2X2X; Ideal Rádio — 1X1 112 111 11X1; Imagens Piedense — 111 112 1X1 1111; Jornal do Barreiro — 1X2 XX2 XX1 1XX2; Jornal da Beira — 112 11X X21 XX1X; Jornal de Cascais — 1X1 1XX X21 X122; Jornal de Notícias — X11 21X 121 X211; Jornal do Sul (TL) — 121 X22 121 X211; Jornal do Sul (A D.) — XX1 222 121 2211; A Lição do Menino Quim — 121 112 111 211X; Linhas de Elvas — 11X X12 111 1111; Litoral — 22X X12 1X1 121X; Maria da Fonte (Desporto) — 11X 212 112 111X; Maria da Fonte (Voz da Póvoa) — 112 X12 112 1111; Momento do Totobola—111 112 121 X111; Mundo Desportivo — 111 112 1X1 2X21; Notícias do Douro — 121 112 1X1 X211; Notícias de Évora (V.J.T.) — 1X1 X12 1X1 X211; Notícias de Évora (V.D.) — 12X 11X 221 2XX1; Notícias de Gouveia — 1X2 112 1X1 2111; Notícias de Guimarães — 1XX 112 X12 11XX; A Ordem — 111 X12 1X1 1X11; Passatempo — 111 11X 221 1X11; Peça que não Maça — X1 112 111 1XX1; Póvoa de Lanhoso (C.A.) — 111 112 111 1XX2; Póvoa de Lanhoso (Desportos) 111 122 111 1112.

Penalti—112 212 111 1XX2; Povo Algarvio — 11X 112 12X 11X1; Prog. Electro Mecânico — XX1 112 121 211X; A Rabeca - 1XX 112 11X 11X1; Rádio Altitude — 11X 11X 1XX 2112; Rádio Ribatejo — 12X 112 121 X12X; Repórter do Dia — 121 112 X11 1XX2; Rpórter do Dia (Angola) — 1X1 112 11X 1X1X; O Setubalense — 121 112 111 X111; O Sorriso da Hora do Almoço — XXX 111 X21 X1X1; Comércio de Gaia — 11X 2X2 1XX 11X1; Comércio de Gondomar — 11X 2X2 1XX 11X1; Resenha Desportiva — 1XX 122 X22 X1X2; Prog. Sem Nome — 112 112 11X 1211; Rádio Clube do Norte — X1X 222 X21 2X11; Norte Desportivo — 1X1 212 X221 X1X1; Colina Sagrada — 111 1XX 1XX 22XX; Rádio Sports — 111 112 111 1111; Rádio Placard — 111 111 122 1111; Rádio Placard (RCP) — 111 111 11X 1X11; Rádio Placard (RCP) de Lx. — 111 111 1X1 1211; Correio do Douro — 121 21X 121 XX11; O Porto — 11X 2XX 11X X211. Vamos á Bruxa (Adesivo) — 122 112 X21 1111; Vamos á Bruxa (D. Conchita) — 122 112 1X1 11X1; Notícias da Amadora — 11X 212 121 1211; Diário do Minho — 121 212 122 X111; A Voz do Casa Pia — 111 112 111 1111; Diário de Lisboa — 111 X12 1X1 XXX1

RESUMO

CONCURSO N.º 14

N.º	JOGOS	1	X	2	BOLAS 1	X	2 (a)
1.	Tirsense-B. Mar	110	9	2	10	1	1
2.	Olhanense-Sanjoanense	60	31	30	6	3	3
3.	U. Coimbra-Sintrense	65	27	29	6	3	3
4.	Sesimbra-Torriense	77	19	25	8	2	2
5.	Celta-Corunha	95	17	9	9	2	1
6.	Maiorca-R. Madrid	11	17	93	1	2	9
7.	At. Madrid-At. Bilbau	91	22	8	9	2	1
8.	Saragoça-Barcelona	56	36	29	6	3	3
9.	Sabadil-Las Palmas	80	23	18	8	2	2
10.	Fiorentina-Inter	63	35	23	6	4	2
11.	Lanerossi-Roma	61	36	24	6	4	2
12.	Palermo-Sampdoria	68	42	11	6	5	1
13.	Verona-Bari	83	26	12	8	3	1

E o prognóstico lógico será: 111 112 111 1111.

(a) Nos termos do Art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

Propriedades

— VENDAS —

MORADIA

Em Carcavelos, a estrear, composta de rés do-chão e 1.º andar, c/ grande salão, coz. quarto, casa de arrumos, casa de banho e lavabos, no 1.º andar 4 quartos c/ roupeiros, e 2 casas de banho, grandes varandas c/ lindas vistas, etc., garagem e casa de lavagem, toda murada, etc. Mostra e trata: F. Fernandes & Costa, Ld.ª, Av.ª Almirante Reis, 104-2.º T. 536111/2/3. Lisboa

PRÉDIOS, ANDARES, MORADIAS, TERRENOS.

não compre sem consultar a

PREDIAL

ROBREL

R. Rodrigues Sampaio, 69

Contacto

(H. NUNES)

PUBLICIDADE

Telef. 847260

ANDARES

NA AV. E. U. AMÉRICA — Os 2 unicos que restam, em prédio de excepcional construção, luxuoso acabamento, hab. c/ 5 c. assoalh., bonita cozinha, marquise, 2 c. banho, roupeiros, arrecadação, etc. Ver mesma Avenida, n.º 25

Dinheiro s/ prédios

EMPRESTA-SE rápidamente e em boas condições 15 a 2000 contos em 1 ou 2 hipotecas de prédios, parte de prédios, ou construção. Também se aceitam propriedades para venda Casa Laires. Rua da Prata, 291, 2.º, Dt.º — Telfs 325487 370618 (Junto à P. da Figueira)

CASAS para alugar

Procure V. Ex.ª nos n/escritórios onde temos sempre variadissimos andares e lojas para alugar em Lisboa e arredores. Não cobramos qualquer importância a título de comissão aos inquilinos.

Trata: SOC. CONSTI INVICTA, Rua do Ouro, 292, 1.º — Telefs: 1159-34755

PRÉDIO

850 c. (PECHINCHA)

AO CALHARIZ (Chiado), construção antiga, gaveto, forrado de marmorite, 11 inquilinos, habitação e comércio, rendas baixas, 1.º andar vago.

Rende: 56.340$00.

ORCOSI

R. 1.º de Dez.º, 45-3.º Esq. LISBOA

Telefs. 367444/323172

Em FERREIRA DO ALENTEJO o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Lopes.

MALHAS

Maquinas 8-10 e 12 desde 30 cm a 1 m. talão alto e baixo manuais e motorizadas, Person, Shaffouse, M. R. e Dubiet Dux — Bobinador de 4 fusos Aparelhos de passagem, etc.

Vendem-se na Rua Damasceno Monteiro, 59-A — Lisboa — Telefs. 832391 e 820666.

PRÉDIO

ALTO SÃO JOÃO A 7%

Construção em cimento armado, bons acabamentos. Composto de 5 pisos, hab. de 3 e 5 div. soalhadas, cozinha, 1 e 2 casas de banho, despensa, marquise e hall.

Rendimento: 231.600$00.

Todo alugado.

Preço: 3.400.000$00, com escritura na mão.

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

ROSSIO, 3-2.º — TELEFS. 369384/5 — 328232/3 — 561756

AGORA! MÁQUINAS Lavar Roupa (automáticas)

4.150$

+ a sua máquina usada, na

trifar

Av. Almirante Reis, 54-B (Junto ao Metro dos Anjos)

NA COMPRA VENDA E HIPOTECA DE PROPRIEDADES

F. FERNANDES & COSTA LDA

(MEDIADORES AUTORIZADOS)

AV. ALMIRANTE REIS, 104-2.º — TELEF. 53 61 11/2/3

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTENCIA

HOSPITAL JÚLIO DE MATOS

Serviço de Abastecimentos

CONCURSOS PARA:

a) Vendas de fixador usado, ossos e sobras de alimentação.
b) Limpeza de chaminés.
c) Reparação de balanças.

Até às 17.30 horas do dia 18 do corrente, encontram-se patentes no Serviço de Abastecimentos deste Hospital, todos os dias uteis, das 10 ás 13 e das 14 ás 17.30 horas, excepto sábados em que o Serviço encerra ás 13.30, as condições para os concursos em referência.

LISBOA, em 4 de Dezembro de 1969.

O CHEFE DO SERVIÇO

Automóveis

VENDAS:

Automóveis e Furgonetas de diversas marcas e modelos. Não compre sem consultar Florindo M. Coelho—Rua António Pedro, 40, cave. Tel. 448446

Taunus 17-M Super, de 4 portas, 1967; Volkswagen, 1500, 1968; Opel Kadett de 4 portas, 1967; Opel Rekord 1700 de 2 portas, 1965; M. G. Midget, 1964; Austin Sprite, 1964; Saab de Luxe, 1965; Austin Cooper, 1963.

Fac. troca e pag.

Vende: MARCELO Av. João Crisóstomo, 47 C

MERCEDES BENZ 180, nunca andou na praça, 43 000$. Volkswagen, 32 000$. Alfa-Romeo Giulietta, 35 000$00.

VENDE: Albertino Henriques da Silva, Ld.ª, R. Garrido, 73-A

AUTOMÓVEIS s/ condutor, Mod. recentes, impecáveis Consulte-nos: L. St.ª Bárbara, 5-B. Telef. 53 46 57.

ALUGUER:

SERVIÇOS DE NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 534657 — L. St.ª Bárbara, 5-B
- 49612 — Jomil Auto — Rua Ponta Delgada, 40-A-B
- 769848 — EUROCAR — Av. Barbosa du Bocage, 1
- 42890 — Táxis Universo, Ld.ª — Av. República, 26
- 537476 — RETUR — R. Rodrigo da Fonseca, 56, 1.º
- 727654 — Auto Monumental do Areeiro, Ld.ª — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-E
- 539169/539345 — BRUNAUTO, Rua Joaquim Bonifácio, 10-A
- 553033 — STALL — Rua Soc. Farmacêutica, 30-A
- 714391 — OLIVAUTO Av. de Madrid, 16-B

Contacto

(H. NUNES)

Telef 847260

PUBLICIDADE

Automóveis de Aluguer

C/ e s/ condutor Av. Barbosa du Bocage, 1. Tel. 769848-761987

Sobre automóveis

Particular empresta 5 a 100 contos

em 1/2 hora com ou s/ hipoteca, mesmo que estejam em divida ao Stand, ou hipotecados, sem alterar o seguro. Sem fiador. Prazos de 40 meses. Tel. 66 36 97.

Rua Arco a S. Mamede, 18, 2.º-F (ao Rato)

TRANSPORTES URBANOS DE FARO

ADMISSÃO DE COBRADORES--BILHETEIROS

Para a cobrança nos autocarros de Transportes Urbanos em Faro, admitem-se homens entre 21 e 30 anos de idade, residindo no Concelho de Faro.

Requisitos: Boa apresentação e 4.ª classe do ensino primário.

Os interessados devem dirigir-se por escrito até ao dia 10 de Dezembro a:

Empresa de Viação Algarve, Ld.ª — Rua Infante D. Henrique, 76 — Faro

BRINQUEDOS

Novidades em artigos para brindes e adornos de Natal.

Armazenista-Importador

H. SANTOS

Calç. S. Francisco, 6, 1.º-Dt.º Telef 327473 — LISBOA

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria Ferro — Rua de S. Julião, 64-66.

TELEVISORES

«NORDMENDE» não é uma marca vulgar de aparelhos de TV. Jamais igualado ou ultrapassado pela concorrência, sempre que inicia no mercado o lançamento de novos modelos «NORDMENDE» é além do nome próprio do seu fabricante o símbolo de vanguarda na técnica alemã da especialidade.

Está de parabéns preferindo:

NORDMENDE

IMPERLUZ

Exposição e venda na:

Av. Almirante Reis, 172-A

Telef 533592

RÁDIOS

Portáteis de mesa e de móvel, grande variedade de modelos das melhores marcas europeias em exposição na

IMPERLUZ

Avenida Almirante Reis, 172-A

Telef. 53 35 92

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

Capitais

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTAO TEM DINHEIRO

Ficando na mesma de sua propriedade

CONSULTE JÁ A

ORCOSI

E FICARÁ SATISFEITO

Rua 1.º de Dezembro, 45

Telefones 36 74 44/32 31 72

HIPOTECAS SOBRE PROPRIEDADES E AUTOMÓVEIS

ROBREL

R. Rodrigues Sampaio, 69

SE TEM AUTOMÓVEL

Realize dinheiro rápidamente desde 5 contos; s/ vender, s/ hipotecar, s/ letras, s/ fiador até 40 meses.

SIMPLES, EFICIENTE ECONÓMICO

T. 560713

LUSOLANDA NSU

CARROS USADOS

«CAMPANHA DO NATAL»

GRANDE EXPOSIÇÃO ATÉ ÀS 23 HORAS DE 2 A 5 DE DEZEMBRO

APROVEITE A EXCEPCIONAL OPORTUNIDADE DURANTE ESTA QUADRA

PREÇOS E CONDIÇÕES ESPECIAIS FACILIDADES DE PAGAMENTO E TROCA

AV. DA REPÚBLICA, 84-C — Tel. 778073 — LISBOA

CONSTELLATION OMEGA

apresentado na AGÊNCIA OFICIAL RELOJOARIA MAURY

Rua do Ouro, 202 LISBOA

LAND-ROVER

VENDE-SE

Pode ser examinado na Rua da Junqueira, 112, Lisboa, nos dias 5 e 6, das 9 ás 12 horas.

Recebem-se propostas em envelope fechado e lacrado, dirigidas ao chefe da 5.ª Secção da Direcção-Geral da Previdência e Habitações Económicas, Praça de Londres, 10.º andar, Lisboa 1.

AUTO-MONUMENTAL DO AREEIRO, SARL

AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA

VOLKSWAGEN

AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8C e 8D (AO AREEIRO) TELEFS. 727654-727665-713057

Carros e furgonetas amplas facilidades de pagamento, peças legitimas estação de serviço e oficinas

• Pequenos anúncios • Pequenos anúncios • Pequenos anúncios •

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIAS DE HOJE

«Os caminhos da violência» — no EDEN
«Velha raposa» — no S. LUIZ e ALVALADE

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
ESTREIA às 21.45
(Veja anúncio especial)
ANOUK AIMEE e ROBERT HOSSEIN em
OS CAMINHOS DA VIOLÊNCIA

Às 15.15 e 18.30 — (Adultos)
Últimas exibições
Jean Paul Belmondo em
O GRANDE AJUSTE DE CONTAS

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
As 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Para o público que só gosta do melhor!
William Holden — Ernest Borgnine — Robert Ryan em
A QUADRILHA SELVAGEM

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
As 18.30 e 21.45
6.ª SEMANA
O HOMEM DE KIEV
com **Alan Bates** e **Dick Bogarde**

ODEON
(M 12 anos) Tel 326283
2.º MÊS!... 5.ª SEMANA!
LOTAÇÕES ESGOTADAS
com **MILÚ** e **CALVÁRIO**
O DIABO ERA OUTRO
com Nicolau Breyner, Julieta Castelo, Fernanda Borsatti e Armando Cortês
Fados por **HERMINIA**
Canções de **JOÃO NOBRE**
Eastmancolor

EUROPA
(M. 6 anos) Tel. 661016
As 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA
MARK LESTER (o intérprete de «OLIVER») em
LIVRE COMO O VENTO
um filme para crianças, de rara beleza, que também é o encanto dos adultos!

LIDO
Praça D. João I — AMADORA
(M. 17 anos) Tel. 937593
Um filme de CARLO PONTI é sempre uma obra de realce!
UM LUGAR PARA AMAR
Desempenho notável de **Faye Dunaway** e de **Marcello Mastroianni**

SÃO LUIZ
(M. 12 anos) Tel. 327172
ESTREIA às 21.30
(Veja anúncio especial)
VELHA RAPOSA

Às 15.15 e 18.15 — (Adultos)
Últimas exibições
«O 41.º»

ALVALADE
(M. 12 anos) Tel. 763080
ESTREIA às 21.45
(Veja anúncio especial)
VELHA RAPOSA

Às 15.45 — Últimas exibições
«O 41.º»
(Adultos)

CONDES
(Adultos) Tel. 522523-326710
Às 15.15, 18.15 e 21.30
EM 3.ª SEMANA
ISADORA
com **Vanessa Redgrave**
É sublime... imagem lírica onde a arte e o amor se confundem...
Grande Prémio de Cannes 1969 (versão integral)

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
As 15.15, 18.15 e 21.45
3.ª SEMANA DE ÊXITO
Vanessa Redgrave vive intensamente a figura da bailarina mais disputada do Mundo!
ISADORA
O filme mais importante do ano:
TECHNICOLOR

Metro: Estação Picoas

CASINO ESTORIL
(M. 12 anos) Tel. 260729
As 21.30
OS ASSASSINOS DE KARATE
com **Robert Vaughn** e **David McCallum**

RESTELO
(M. 12 anos) Tel. 610375
Às 21.30 horas
Em continuação de estreia
QUIMERA
com **Gianni Morandi** e **Laura Efrikian**

POLITEAMA
(M. 12 anos) Tel. 326305
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
UM GRANDIOSO FILME DE AUDACIOSAS AVENTURAS
COMO ROUBAR O MUNDO
com **Robert Vaughn** («Mr. Solo») e **David McCallum** («Illya Kpryakin»)
ACÇÃO!... PERIGO!... MISTÉRIO!... «SUSPENSE»
(Metrocolor)

SÃO JORGE
(M 17 anos) Tel. 54153/4
As 15.15, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
5 grande realizadores italianos dizem o que pensam sobre a mulher
A MAGIA DA MULHER
com **Silvana Mangano, Clint Eastwood, Totó** e **Alberto Sordi**

AVIS
(Adultos) Tel. 47163
As 21.45
Um «western» com a categoria dos grandes clássicos!
JOHN, O BASTARDO
EASTMANCOLOR
com **John Richardson** e **Martine Beswich**

LIZ
(M. 12 anos) Tel. 48560
Às 21 horas
O CÉREBRO
SANGUE NO DESERTO

IMPERIAL
(Adultos) Tel 45933
As 21 horas
PÃO, AMOR E FANTASIA
ROUBARAM A GIOCONDA

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
AS 21.45 H.
3.ª SEMANA
A obra-prima de Pietro Germi
DIVÓRCIO À ITALIANA
com **Marcello Mastroiani**

MONUMENTAL
(Adultos) Tel 555131
As 15.15 e 21.30
QUE RICO PAR...
com **Rock Hudson** e **Claudia Cardinale**

QUINZENA DE CINEMA AMERICANO
HOJE — Adultos — 18.30 h.
O PRESIDIÁRIO,
de **Stuart Rosenberg**
com **Paul Newman** e **George Kennedy**

TIVOLI
(M 17 anos) Tel 50595
Às 3 da tarde (a p. red.) e 9.30 da noite
3.ª SEMANA
FRANK SINATRA
num filme policial de grande categoria
O DETECTIVE
com **Lee Remick**

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
As 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
Uma obra de rara linguagem cinematográfica
ISTO ACONTECEU
com **Sabine Sinjen** e **Bruno Dietrich**

VOX
(Adultos) Tel 720808
As 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA DE ÊXITO
Elizabeth Taylor, Robert Mitchum e **Mia Farrow**
Num extraordinário e inquietante filme!
CERIMÓNIA SECRETA
Uma obra-prima em Technicolor de **Joseph Losey**

R. Bulhão Pato (à Av Roma)

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Às 15 e 21 h.
A PISCINA
O QUARTO INTERDITO

OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO
COLISEU — Às 21 e 30: «Nova Companhia de Circo» (12 anos).

TEATROS
CAPITÓLIO — Às 21: «O pecado de João Agonia» (17 anos).
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «Tombo nno inferno» (17 anos).
A B C — Às 20 e 45 e ás 23: «Ena já fala» (17 anos).
CASA DA COMÉDIA — Às 22: «A dança da morte» (17 anos)
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Esperteza saloia» (17 anos).
GIL VICENTE — Às 22. «Oração a dois verdugos» (17 anos)
VARIEDADES — Às 20 e 45 e 23: «Peço a palavra» (17 anos)
VILLARET — Às 21 e 45: «Valpone» (17 anos).

CINEMAS
MOSCAVIDE — Às 21: «Zorba, o grego» (17 anos).
OLIMPIA — Às 14 e 19: «O mistério da ilha maldita» (12 anos).
ARCO ÍRIS — Às 15 e ás 21: «Flor á beira do pantano» (17 anos).
CINEARTE — Às 15 e ás 21: «O velho e a criança» (12 anos).
IDEAL — Às 15 e ás 21: «Cunrrito de la Cruz» (12 anos)
JARDIM — Às 21: «Argoman super diabólico» (17 anos).
PARIS — Às 21: «Quimera» (12 anos).
PROMOTORA — Às 21: «Com o pedra no sapato» (17 anos).
IDEAL — Às 21: «Ter ou não ter» (17 anos).
ENCARNAÇÃO — Às 21: «Madame X» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21: «Este é o meu mundo» (17 anos).

● Linha de Cascais
ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30 — «O Bastardo» (12 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30 — «Os assassinos de Karate» (12 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30 — «O Motim» (17 anos).

● Linha de Sintra
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15 — «Drogões de violência» (12 anos).

● Outra Banda
ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 15 — «Repulsa» (17 anos).

Recintos de diversões

* Regressou de Espanha o artista Manuel de Almeida.
* Encontra-se na Metrópole o artista invisual moçambicano Lúcio Bernardo, considerado o melhor cantador de fados da província.

UMA VELHA CASA TODA NOVA
PORTUGUÊS, DA SILVA
RUA DOS FANQUEIROS, 318 A 320
TELEFONE 32 53 72 — LISBOA
(A esquina da Praça da Figueira)
Camisaria ★ Lingerie ★ Malhas ★
★ Estilos clássicos ★ Tecidos ★
★ Confecções ★ Novidades ★
★ Pronto-a-vestir

O PORÃO DA NAU
M/17 ANOS
TEL. 51501
R. PINHEIRO CHAGAS, 1
NA «ÚNICA» BOITE DE LISBOA
COM A MELHOR SELECÇÃO
FORMA 5
O melhor conjunto português da actualidade
VICTOR SANTOS, PEDRO OSÓRIO, LUÍS DUARTE, CARLOS CARVALHO e VILLAS BOAS
E O ROMÂNTICO INTÉRPRETE DE «BLUES»
PAUL CONNOR
EXPLORAÇÃO E GERÊNCIA DE HOTER

BOM APETITE

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef 790211
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
AR CONDICIONADO
Parque privativo para automóveis
(Encerrado às 3.as-feiras)
(Maiores de 15 anos)

TARANTELA
RESTAURANTE * SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 e 27
Telef. 535208
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes
Lanches de Casamento

NOVO RESTAURANTE
SALÃO DE CHÁ
NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA-SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

TONI DOS BIFES
AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA
DOMINGO
PATO À MODA DO RIO FRIO
Av. Praia da Vitória, 50-E
(Junto do Monumental)
Tel. 536080

POPFADO
Encerrado aos domingos
UM RESTAURANTE EM QUE SE OFERECE QUALIDADE
BAR-BOITE
(M 17 anos)
A PARTIR DAS 23 HORAS
COM O CONJUNTO DE
HELDER REIS
Rua Ferreira Lapa, 38-D
(à Av Duque de Loulé)

RESTAURANTE
antónio
COZINHA TIPICAMENTE PORTUGUESA
DIARIAMENTE AÇORDA DE LAGOSTA
AR CONDICIONADO — ABERTO AOS DOMINGOS
R. Tomás Ribeiro, 63 — LISBOA — Tel. 538780
(Junto da Estação do Metro das Picoas)

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno G
AJUDA — Moura, Trav da Memória 55 (630944) * Biotifar, Rua D João de Castro, 27-B (638824)
ALCÂNTARA — Bairrão, R Prior do Crato, 25 (13214)
ALMIRANTE REIS — Confiança, Av. Almirante Reis, 46 (42453)
ALVALADE — Zil, Av da Igreja, 9-D (711780) * Roma, Av de Roma, 85-B (772466) * S. João de Deus, R Pedro Ivo, 1-A-B (725140)
AMOREIRAS — Britânica, Trav Léguas da Póvoa, 5-B (689250)
AREEIRO — Garantia, Av Padre Manuel da Nóbrega, 5-A e 5-B (727300) * Imperial, Av Guerra Junqueiro, 30-B (726860)
AVENIDAS NOVAS — Alcântara, Av. da Repub., 74-A (771379) * Vale, Av. Marquês de Tomar, 45-49 (773043) * Dalva, Av Duque de Ávila, 125 (45225) * S. Sebastião, Largo de S Sebastião da Pedreira, 9 (48642)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R 27 n.º 41 (31216)
BAIXA — Fernandes, R de S José, 187 (326476) * Azevedo, Filho, Pr de D Pedro IV, 31 (327478)
BENFICA — União, Est de Benfica, 592-594 (700092) * Alegria, Est de Benfica, 180-A-B (780511).
CAMPO DE OURIQUE — Lobet, R de Infantaria 6, 98-B (688807) * União, R. Saraiva de Carvalho, 119 (663643)
CAMPOLIDE — Salutar, Rua B, 75-A, Bairro da Liberdade (683694) * Pinto, R de Campolide, 11 (682610)
CONDE REDONDO — Sousa Martins, Rua Sousa Martins, 25 (553468)
ESTRELA — Andrade Ribeiro, Av Infante Santo, 66-B (666971)
ESTEFÂNIA — Mundial, L D Estefânia, 9 (45578)
GRAÇA — Zille, R de S Tomé, 54-56 (862835)
LUMIAR — Central do Lumiar, R do Lumiar, 77 (790480) * Douro, Alam. das Linhas de Torres, 93-A-B (791131)
MADRAGOA — Eduardo A. César, R. dos Trinas, 102 (662631)
OLIVAIS — Olivais, R Alves Gouveia, 19 (311237)
PENHA DE FRANÇA — Central da Penha, R Penha de França, 58-60 (849245) * Vitalis, Rua Morais Soares, 66-A (848011).
PICHELEIRA — Luzmar, Rua João do Nascimento Costa, 6-A (728395-720703)
PRÍNCIPE REAL — Albano, R da Escola Politécnica, 59 (326750)
REGO — Baptista, R Francisco Tomás da Costa, 3-C (771873)
ST.º AMARO — Correia de Azevedo, R Luís de Camões 42-B (638625)
S BENTO — Maz Teixeira, Rua Poço dos Negros, 115 (679961)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Freitas, Rua Zofrino Pedroso, 11-13 (361136) * Banho, Est. de Chelas, 173-175 (382241) * Frazão, R da Cruz de St.ª Apolónia, 90-92 (847019)
PALHAVÃ — Canto, Est das Laranjeiras, 202-B (780841)

● Linha de Cascais
ALGÉS — Branco — Av Comb G Guerra, 29 (Tel 21208)
CAXIAS — Nova, Rua Benardim Ribeiro, 1-A (242839)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás, R. Costa Pinto, 86 (2432034)
OEIRAS — Godinho — R. Cândido dos Reis, 98 (Tel 2430090)
PAREDE — Aizir — Av Gago Coutinho — Bairro das Caixas de Previdência (Tel 2472948)
ESTORIL — Parque — Arcadas do Parque, 3 (Tel. 260191)
CASCAIS — Cordeiro — Av Comb G. Guerra, 40 (Tel 280170); Nova — Est de Alvide — Fontainhas (Tel 28 044)

● Linha de Sintra
AMADORA — Cavaca — R Elias Garcia, 209 (Tel 930019); Fiama — R. Elias Garcia, 78-B (Tel 932485); Confiança — Av D Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel 938149)
DAMAIA — Damaia, P. Alexandre de Gusmão, 9-A (970523).
QUELUZ — André, Av Elias Garcia, 151 (950043) * Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (951841).
CACÉM — Central, R. Elias Garcia, 55 (2940034)
MEM MARTINS — Queimo, Est Mem Martins, 285 (2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (980456)
VENDA NOVA — Nova, R. Elias Garcia, 0 (933920)
COLARES — Colares Abreio (Te 30088

● Outra Banda
ALCOCHETE — Nunes — Largo Coronel Ramos do Costa, 10 (T. 234187).
ALHOS VEDROS — Gusmão, Rua Cândido dos Reis 30 (224020).
ALMADA — Central — R de Olivença, 1-B (Tel 270504).
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança, Est Nacional 14 (224302)
BARREIRO — St.ª Marta — R do Lavradio, 77-C (Tel 2272 41).
COVA DA PIEDADE — Cerqueira Afonso, P 5 de Outubro 8 (270254)
MOITA — Silva Rocha — Av da Republica, 6 (Tel 239029).
MONTIJO — Diogo, R Almirante Candido dos Reis 42 (230032).
SESIMBRA — Lopes, R Cândido dos Reis, 67 (229028
SETUBAL — Higiene — R Frei Agostinho da Cruz (Tel 22408).
* Portugal — R Camilo Castelo Branco (Te 232
SEIXAL — Godinho — L do Igreja, 5 (Te 580)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones
ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 861353 * Companhias Reunidas, 537011 * Gazcidla 538821 * Gazcidla, idem e feriados, 382069.
BOMBEIROS — Sapadores, 322222 Voluntários 538524
POLÍCIA e G N R — Serviço de emergência, 115 * Segurança Pública, 866141 * Judiciária, 535380 * Marítima, 326456 * Internacional 362721 * Viação e Trânsito, 42205 * G N R. (área rural) 36865
SAÚDE — Cruz Vermelha, 865342 * Entermagem permanente, 766161 * Enfermagem de urgência 43738 * Hospital de Santa Maria 775171 * Hospital de S José, 860131 * Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 * Transfusões, soros e oxigénio 538524 * Centro de Intoxicações (informativo). 767777 761176 e 763456
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 * Caminhos-de-ferro, (C P.), 869029 * Caminhos-de-ferro (Estoril) 861121 * Estação fluvial (T Paço), 325345 * Estação marítima de Alcântara, 663195 * Estação Marítima da Rocha, 672445 * Estação fluvial (Belém) 638511.

Diário de Lisboa
DL
Propriedade da Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava geralmente limpo e o vento era fraco ou moderado, predominando de Norte.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Lisboa, 7°,2; mínima: Penhas da Saúde, — 4°.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Coimbra, 6°; Faro, 10°; Funchal, 15°; Lisboa, 9°; Penhas Douradas, — 3°; Portalegre, 3°; Porto, 5°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 14°,8, na água do mar, 11°.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco ou moderado de Norte, com possibilidade de rajadas fortes. Possibilidade de agravamento de tempo para a tarde.

Amanhã:
Nascer ás 08 e 40
Ocaso ás 18 e 15

Dia 9 Dia 16 Dia 23 Dia 31

MARÉS:
PREIA-MAR. Dia 5 — 0 e 33 (3,4 m); 13 (3,5 m) Dia 6 — 1 e 35 (3,6 m); 18 e 54 (3,7 m) Dia 7 — 2 e 20 (3,8 m); 14 e 42 (3,8 m). BAIXA-MAR: Dia 5 — 6 e 38 (1,5 m); 19 (1,3 m) Dia 6 — 7 e 26 (1,4 m), 19 e 50 (1,2 m). Dia 7 — 8 e 13 (1,2 m); 20 e 3[illegible] (1,0 m)

A O.N.U. PEDIU A CESSAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS ATÓMICAS

NOVA YORK (Nações Unidas), 5 — (A. N. I.) — Por 94 votos a favor, nenhum contra e três abstenções (Cuba, França e Arábia Saudita), a Comissão Política principal da Assembleia Geral das Nações Unidas decidiu pedir o fim de todas as experiências com armas atómicas, decisão que na próxima semana deve ser homologada pelo Plenário.

A Comissão tem os mesmos 126 componentes da Assembleia Geral e tanto os Estados Unidos como a Rússia aprovaram a resolução, quase idêntica à aprovada no ano passado.

Um informador dos Estados Unidos declarou depois da votação que a sua delegação considera «implícita na resolução a noção dos adequados processos de verificação».

A Comissão Política principal também aprovou uma resolução pedindo a todos os países para cooperar num intercâmbio internacional de dados sísmicos para verificação de qualquer proibição de experiências nucleares.

Essa aprovação foi de 78 votos contra oito (Bulgária, Bielo-Rússia, Checoslováquia, Hungria, Mongólia, Polónia, Ucrania e Rússia), com nove abstenções.

A Travessa dos Prazeres está a ser vedada ao trânsito

Fechada a Travessa dos Prazeres que foi comprada pelos salesianos

Pequena revolução popular junto á Rua Possidónio da Silva: inesperadamente (ontem, ao fim da tarde) começou a ser vedada ao público a Travessa dos Prazeres.

O trabalho está a ser feito por operários da Sociedade de Construções Amadeu Gaudêncio, cumprindo uma incumbência dos padres directores das Oficinas de São José.

— *A noite, isto por aqui era uma pouca vergonha* — diz-nos o padre Armando Silva, acrescentando: «*O lixo amontoava-se na travessa. As pedras eram aos montes. O pavimento estava intransitável. Mas, aproveitando o facto de confinar com a Escola Josefa de Óbidos, apareciam por aqui uns indivíduos da pior moral que, durante o dia, provocavam as alunas daquele estabelecimento de ensino e davam origem a cenas impossíveis de relatar. «Por outro lado, ao cair da noitinha, os automóveis com pares amorosos, faziam um pequeno comboio. E, mau grado a contínua intervenção da P. S. P., as imoralidades eram constantes, constituindo um péssimo exemplo para os rapazes aqui das Oficinas de S. José. Além disso, comprámos a travessa á Camara Municipal de Lisboa (há cerca de um ano) e ficámos legítimos proprietários daquela zona de terreno*

Prossegue:

— *A expansão das Oficinas obrigou-nos a uma solução in-extremis: vedar a travessa, fazê-la desaparecer e, em seu lugar, construir novas instalações para esta obra de D. Bosco. Por falta de alojamentos, recusámos, o ano passado, cerca de 800 pedidos de admissão nas Oficinas. E os 500 alunos que temos aqui (aos domingos, esta «população» quase duplica) precisam de mais campos de jogos e de mais salas de aula. É por eles que arrostamos com o aborrecimento de meia dúzia de pessoas que utilizavam a travessa apenas para trânsito*

O padre Armando Silva continua:

— *O plano de urbanização desta zona está aprovado pelas entidades camarárias. Cria-se nele uma «zona de protecção» á Escola Josefa de Óbidos e ás Oficinas de São José. Aliás, nós tínhamos sido intimados pela Câmara Municipal a renovar os muros: logo, as obras impunham-se. No final de contas, trata-se apenas de delimitar os nossos terrenos.*

A entrada para as Oficinas de S. José passa, deste modo, a processar-se sòmente pela Parada dos Prazeres e pela Rua Saraiva de Carvalho.

— *Estamos empenhados até á raiz dos cabelos: devemos a diversos Bancos cerca de 14 mil contos. Mas não queremos alienar o património dos nossos rapazes: antes pelo contrário. E, com o auxílio das entidades bancárias, da Fundação Calouste Gulbenkian e do sr. Amadeu Gaudêncio, vamos dotar as Oficinas com melhores instalações* — confidencia-nos o padre Armando Silva. — *Até aqui, para os alunos irem das aulas de Moral ou Canto Coral para a de Matemática, tinham de cruzar a travessa, tinham de assistir a cenas vergonhosas. Curámos o mal pela raiz...* — conclui.

Condecoração da embaixatriz da Áustria

O acto da entrega da comenda de benemerência da Cruz Vermelha Portuguesa á sr.ª de Gohn, embaixatriz da Austria em Lisboa, efectuou-se hoje, ao princípio da tarde na sala da biblioteca daquela instituição.

O presidente nacional, sr. dr. Ricardo Horta, ao entregar a condecoração salientou o valioso auxílio prestado pela galardoada á C. V. P.

Estiveram presentes o sr. coronel Valminho, secretário da Cruz Vermelha e a sr.ª D. Maria Amélia Pita e Cunha, presidente da Secção Feminina daquela instituição e muitas outras senhoras.

PORTUGAL NÃO PARTICIPA NAS COMEMORAÇÕES DO X ANIVERSÁRIO DO VOTO DE DESCOLONIZAÇÃO DA O. N. U.

NAÇÕES UNIDAS, 5 — (F. P.)—O representante de Portugal, dr. Leão Lourenço, declarou na sessão de ontem da Assembleia Geral que a sua delegação recusa participar no décimo aniversário da resolução para «A eliminação do colonialismo» por esta reflectir um estado de espírito contrário ás boas relações internacionais, animando a violência e a guerra.

Esta resolução de origem soviética — disse —, não era nenhuma «Magna Carta» da descolonização, como se pretende.

Efectivamente, as nações coloniais tinham começado a descolonizar muito antes da sua adopção. Os autores do documento, observou, tratavam de não o aplicar a territórios que foram independentes e que eles sujeitaram.

Em nome da nova «moralidade» de que esta resolução se reclama, salientou o delegado de Portugal, passou a ser aceitável os estados darem ânimo e ajudarem bandos de guerrilhas a levarem a cabo incursões armadas no território de outros estados com o objectivo de derrubar o Governo.

O delegado português protestou em particular contra a recomendação de, por ocasião deste décimo aniversário, os «leaders» de movimentos denominados de Libertação Nacional serem convidados a vir á Assembleia tomar lugar ao lado de representantes dos estados membros contra os quais fazem campanhas de violência e de ódio.

O dr. Leão Lourenço anunciou também que a delegação portuguesa não participaria nas despesas ocasionadas por este aniversário.

LEILÃO

DE CONFECÇÕES PARA SENHORA COM PASSAGEM DE MODELOS

Tem constituído um extraordinário êxito este inédito leilão que tem atraído á sala de leilões de AFRA-FILHOS, na Av. Duque de Loulé, 1, grande multidão de senhoras que disputam os belos modelos, na sua maioria de importação, dos maiores centros da moda.

Num elegante ambiente, com belos manequins desfilando na clássica «passerelle» as senhoras vão adquirindo, em certos casos, pela 10.ª parte do valor, encantadoras «toilletes» e os mais variados adornos femininos.

Dado o elevado número de lotes a vender (alguns milhares), mesmo vendo-se diàriamente algumas centenas, decerto prolongar-se-á ainda por vários dias e até á meia-noite, esta interessante liquidação.

ZATOPEK EXPULSO DO EXÉRCITO

PRAGA, 5 — (F. P.) — Foi excluído do Exército o coronel Emil Zatopek, antigo campeão olímpico checoslovaco, pelo facto de, segundo o Ministério da Defesa, «ter divulgado informações destinadas unicamente ao Exército, e isto muitas vezes, de forma desfigurada e em desacordo com a verdade».

O dr. Gama Caeiro novo professor extraordinário de Letras

A Faculdade de Letras de Lisboa tem desde hoje um novo professor extraordinário de Filosofia: o dr. Francisco José da Gama Caeiro, aprovado ao fim da tarde por um juri a que presidiu o reitor Fernando Barreira constituído pelos profs. Lopes de Almeida, Miranda Barbosa e Mário Brandão (Coimbra), António Cruz (Porto) e todos os catedráticos em exercício da mesma Faculdade de Letras de Lisboa.

As provas, todas elas efectuadas na Reitoria, tinham começado no dia 18 de Novembro (escrita sobre ponto sorteado na ocasião: «A in-

DR. GAMA CAEIRO

tuição criadora em Arte»), prosseguindo na passada terça-feira com uma lição sobre ponto tirado á sorte. Esta tarde o juri apreciou e discutiu em pormenor os trabalhos científicos do candidato e reuniu-se depois a fim de votar em secreto.

Votação favorável: ao dr. Gama Caeiro falta agora um derradeiro grau na carreira docente — a cátedra.

ORFEÃO ACADÉMICO DE LISBOA

Em substituição do professor Vasco de Bredérode, foi nomeado para exercer as funções de director artístico do Orfeão Académico de Lisboa o maestro e compositor César Batalha.

A. P. E. T.

Aparelhos de Precisão e Equipamentos Técnicos, Lda.

Comunica aos seus Exmos. Clientes e amigos que mudou os seus escritórios da Rua de S. Marçal, n.º 2 para a Rua de Pedrouços, n.º 69, r/c., com os telefonees n.os 612780 e 611448, onde espera continuar a merecer o favor da v/ preferência.

Alves Redol, homem do povo

Mensagem inacabada

M. RODRIGUES OLIVEIRA

A Espanha em 1820 era a Europa dominada por Matternich, de quem o seu contemporaneo Treitschke dizia: «A sua imaginação tinha apenas cinco metáforas, assaz conhecidas nos meios diplomáticos: o vulcão, a peste, o cancro, o diluvio e o incêndio; e todas elas se aplicavam ao perigo revolucionário».

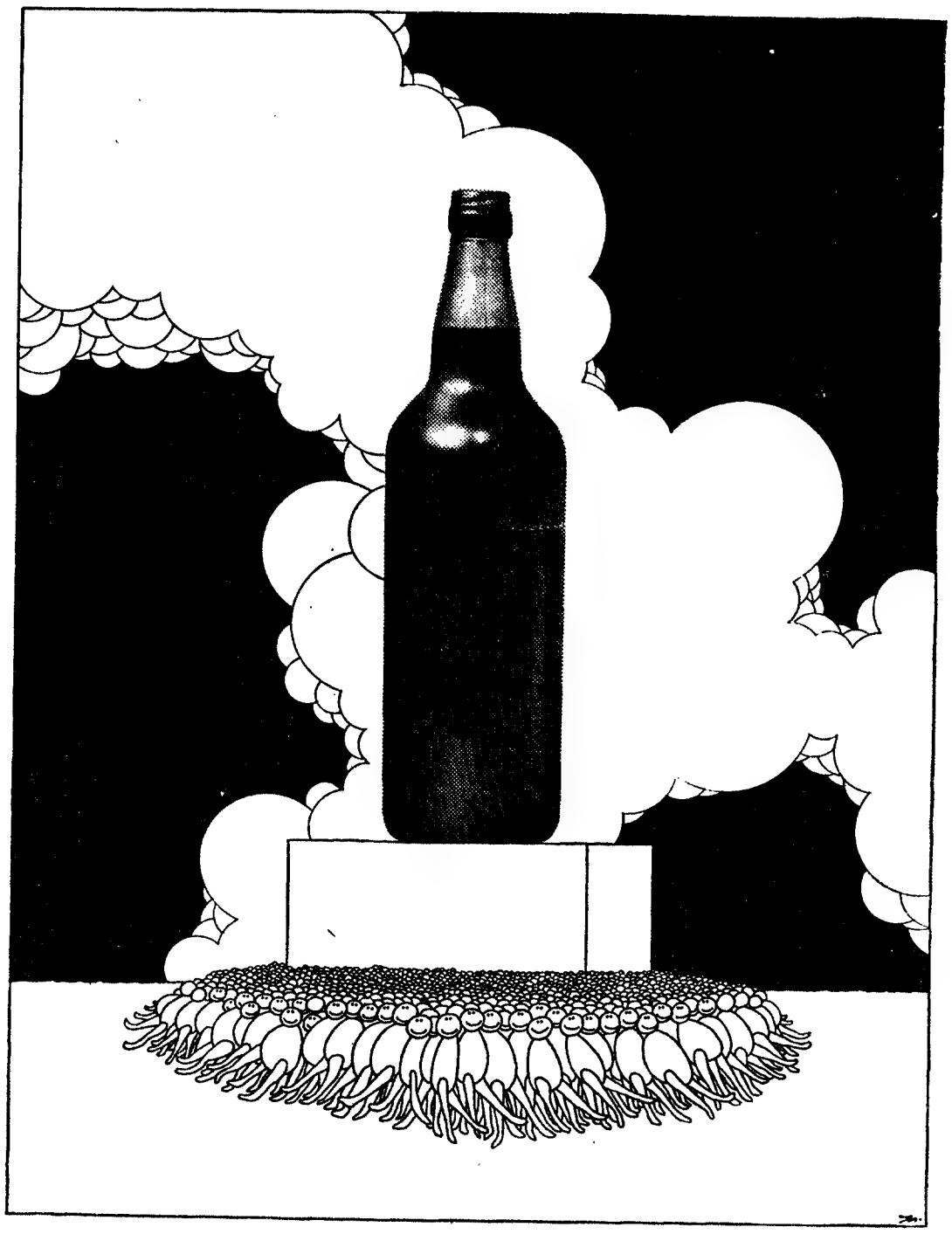
E é nos primórdios de 1820 que o povo espanhol, o verdadeiro vencedor de Napoleão, se lança na sua primeira revolução. O Chanceler austriaco joga de todas as influências diplomáticas para vencer, isto na sua pitoresca linguagem, um dos mais perigosos incêndios ateados no velho continente Em Viena de Austria, o génio portentoso da «Oitava Sinfonia», Beethoven, abandona o papel pautado de musica e passa a vida a correr de café em «Gausthaus», de «Gausthaus» em café para curar, junto dos seus amigos, as ultimas noticias da luta do povo espanhol. Por fim vencido...

E 116 anos depois, o mesmo ritual em Lisboa. A segunda grande revolução espanhola conduz, desde a redacção de «O Diabo» até ao café «Palladium» homens irmanados por sentimentos semelhantes dos de Beethoven: o nascimento de um Humanismo Novo. Outra vez adiado. Da mesa dupla do «Palladium» eram figuras obrigatórias o Redol, Castro Soromenho, Manuel Ribeiro Pavia, Manuel Campos Lima, e mais tarde, quando se fixou em Lisboa, o autor da «Seara de Vento», Manuel da Fonseca

Todos nós adivinhávamos, com o advento do nazismo na Alemanha, com a consolidação do fascismo na Itália, que a derrota do povo espanhol seria o ensaio geral de uma nova guerra universal. Um de nós recebia periódicamente o «Monde», semanário de cujo conselho director faziam parte homens das mais variadas tendências, mas irmanados pelos mesmos sentimentos e razões: luta contra a guerra e o fascismo. Que nos lembre eram eles: Unamuno, Upton Sinclair, Thomaz Man, Romain Rolland, Barbusse, e muitos

Continua na pág. central

Monumentos Nacionais (4)



Desenho de João Abel

MESA REDONDA

COM NOVA ASSEMBLEIA

O País espera vida nova

(Página 5)

Despesas públicas com o ensino

JOSÉ SAMPAIO

Vai constituindo lugar-comum o afirmar-se que os investimentos de mais alta rentabilidade são os efectuados no campo da educação e ensino. É uma verdade que se impos acima das posições políticas particulares, sendo aceite igualmente nos países capitalistas e socialistas.

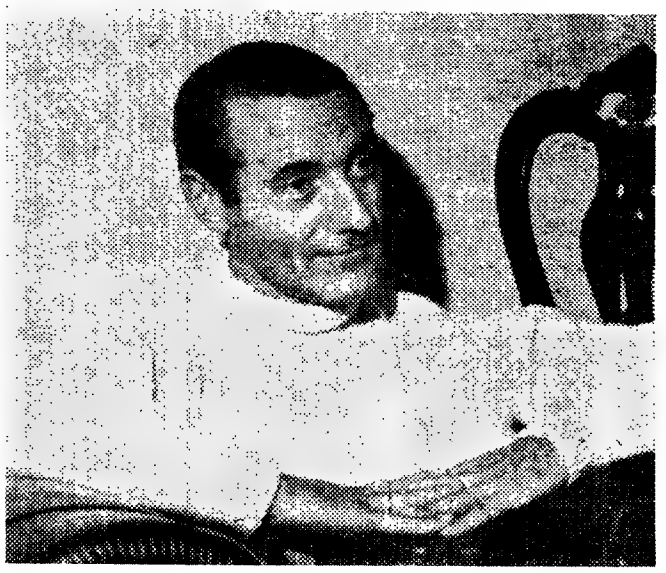
Investir no ensino é promover a valorização do mais eficaz factor de riqueza, o *homem*.

O homem não deve ser encarado numa perspectiva amputadora, que o considera mero *objecto* de produção; contudo, o aumento de riqueza constitui um condicionante da realização de valores superiores. Deste modo, tanto numa óptica puramente tecnocrática como uma posição humanista acarretam o incremento do ensino.

O acréscimo substancial dos investimentos educacionais constitui uma constante generalizada, sem o que não é possível acompanhar ou recuperar o ritmo do progresso. Este aumento resulta da convergência de dois elementos que deviam ser harmónicos: a subida impressionante do número de escolares, que merecem a expressiva designação de «explosão escolar» e o progresso qualitativo ditado pela necessária reestrutura da «escola», inadaptada ao mundo em que vivemos e, mais ainda, ao futuro.

O alargamento dos efectivos escolares processa-se em mais de um sentido. Por um lado, resulta do aumento da escolaridade obrigatória, que conviria abranger um período mínimo de oito anos. Por outro, provém da expansão dos ensinos posteriores a esta es-

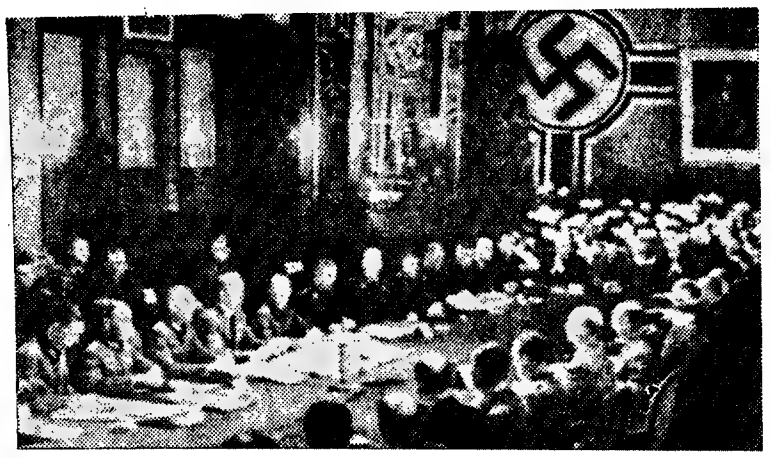
Continua na pág. 10



A América Latina na hora das grandes reformas

ENTREVISTA COM ENRIQUE RUIZ GARCIA (na pág. 3)

ASSIM VAI O MUNDO



Falta de provas

No dia 1 do corrente, segundo informa a agência France Presse, foram apreendidas sessenta e cinco metralhadoras e importantes quantidades de munições e material para o fabrico de bombas, durante três rusgas efectuadas na região de Los Angeles. Juntamente com este material foram encontrados emblemas e uniformes nazis. Ao que diz um informador, não existe, no entanto, qualquer prova de actividades paramilitares.

Elogio

O semanário do Vaticano «Osservatore Della Domenica» elogiou os Estados Unidos pela decisão de levarem a tribunal os suspeitos como responsáveis pelo massacre de My Lay, no Vietnam. O comentador do Vaticano afirma que esta decisão mostra que os americanos não aceitam crimes de guerra, mesmo que tenham sido cometidos pelos seus próprios soldados.

Depois de recordar o julgamento dos criminosos de guerra nazis, o semanário acrescenta: «No entanto, a iniciativa de uma nação em julgar os seus próprios criminosos de guerra é algo de completamente novo. Na realidade, a iniciativa em casos como este parte geralmente dos adversários envolvidos no conflito ou das vítimas.

«É precisamente este aspecto que nos dá esperanças e afirmamos que deve ser dado crédito aos americanos quando eles decidem da melhor forma que lhes é possível penitenciar-se da culpa que manchou alguns dos seus soldados».

Referindo-se ainda aos relatos feitos pela Televisão e Imprensa americana sobre o massacre, o órgão do Vaticano escreve: «de certo modo estes relatos são reconfortantes porque mostram a vitalidade de uma democracia que não fecha a boca àqueles que fazem acusações públicas e não impede, como infelizmente acontece noutros sítios, que se diga toda a verdade por mais horrível e repugnante que seja.

«Nenhuma nação envolvida numa guerra de vastas proporções pode afirmar que tem as mãos limpas, mas é importante que uma nação, quando é posta subitamente perante os crimes de alguns soldados, não finja que ignora o assunto e o exponha publicamente aplicando a justiça com todo o rigor da lei.

«Parece que é isso o que a América tenciona fazer e repetimos que isso é um ponto positivo — mesmo que a expressão possa parecer irónica — no meio de tão grande horror.»

Trigo

A Hungria vai exportar no ano corrente 600 mil toneladas de trigo para cinco países, sendo esta a primeira vez que o país exporta este cereal desde há anos.

Este ano colheu-se um «record» de 3 milhões de toneladas de trigo vermelho, contra 1,7 milhões de toneladas tm 1963, quando a Hungria teve de recorrer á importação para satisfazer necessidades internas.

Necessidades

Conta Franebarbieri, o redactor-chefe da revista jugoslava «Politika» que inicialmente os operários jugoslavos não mostravam nenhum interese pela autogestão, e que demorou algum tempo a que os trabalhadores se interessassem pelo método. O Estado teve de criar nos trabalhadores essa necessidade.

Não há duvida de que as necessidades, mesmo estas sociais-colectivas, se criam.

Crédito

Do Rio de Janeiro anunciam que o vice-ministro russo do Comércio Externo, Vladimir Alkhinov, assinou com o secretário-geral do ministério brasileiro das Relações Exteriores, Gurgel Valente, um acordo que abre um crédito de cem milhões de dólares ás firmas brasileiras, para a compra de maquinaria e equipamento industrial.

«Management»

O que é *management?* Responde um dos seus adeptos: «É uma religião, a religião do desenvolvimento económico. Deus: o lucro. Dogma: se o papel social da empresa é criar riquezas (e o do Estado reparti-las) quem não obtém lucro é um parasita da sociedade.»

O capitalismo europeu começa a convencer-se de que a superioridade económica dos Estados Unidos provém sobretudo da formação de *managers*, de técnicos de gestão e de direcção, gerentes instruídos para dirigirem uma empresa eficaz.

O *management* é uma das características do modernismo capitalista.

Diamantes russos

As importações britânicas de diamantes aumentaram 16,9 % durante os primeiros nove meses de 1969 e atingiram assim o valor de 247,5 milhões de libras. Cerca de quatro quintos deste aumento devem-se ao acréscimo das remesas provenientes da U. R. S. S. Este país aumentou para mais do dobro as suas exportações para a Grã-Bretanha durante este ano. Com efeito, de 24,7 milhões de libras, essas remessas passaram para 53,1 milhões, tornando-se assim a U. R. S. S. o segundo fornecedor do mercado britânico de diamantes, com 21,5 % do total.

(Da revista semanal de informações económicas e financeiras do Banco de Portugal).

Preços

O custo da vida subiu na Itália 58,41 por cento durante os ultimos treze anos, isto é, á média anual de 4,5 por cento aproximadamente, segundo um estudo feito pelo Instituto Central de Estatística. O índice, que revela aquele aumento, estabeleceu-se em 158,41 no passado trimestre de Agosto-Outubro, contra 100 durante o período de Maio-Junho de 1956.

Terroristas

Segundo noticiou a A. N. I., em informação proveniente de Saigão, «rangers» dos Estados Unidos interromperam na passada terça-feira uma cerimónia de casamento entre terroristas «vietcong», a 30 quilómetros a sudoeste de Saigão, matando cinco convidados.

Um informador militar disse que «uma patrulha dos «rangers» desceu de helicóptero numa clareira, depois de ter recebido a informação de um fugitivo de que se estava a efectuar uma reunião de terroristas. Quando os soldados chegaram, mais de vinte homens e mulheres fugiram de uma cabana para a floresta, fazendo fogo ao mesmo tempo contra os helicópteros.

Na cabana foram encontradas decorações nupciais, bolos de arroz e uma mulher, que foi detida. Parece que os noivos conseguiram escapar para a selva».

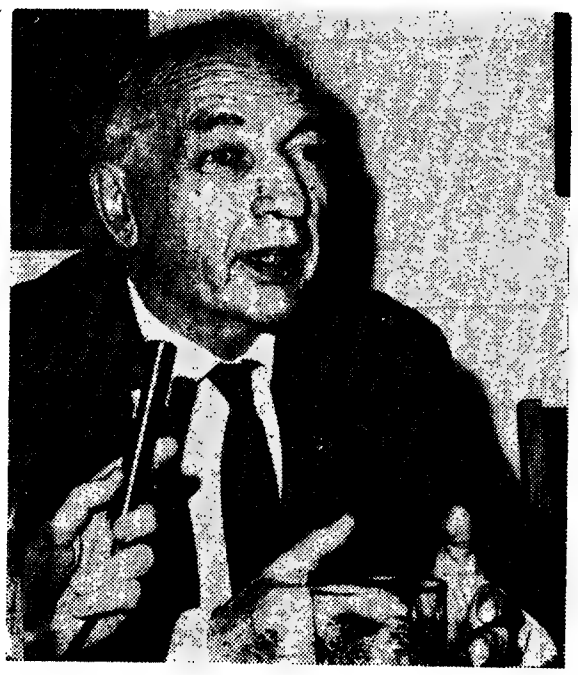
Terroristas, casamento e mortalha...

Solidariedade

Integrada nas comemorações do seu 50.º aniversário que ocorre no próximo ano, a Confederação Mundial do Trabalho decidiu lançar uma campanha mundial de solidariedade destinada em particular a contribuir para a expansão do movimento sindical nos países do Terceiro Mundo.

No mesmo encontro da Comissão Confederal da C. M. T., realizado em Bruxelas, foi decidido organizar conferências sindicais consagradas ao desenvolvimento socio-económico, tanto no plano continental como ao nível do mundo. n

ASSIM VAMOS NÓS



População

A vinda a Portugal do prof. Alfred Sauvy permitiu que o conhecido especialista francês abordasse numerosos aspectos ligados com a explosão demográfica que ora se verifica no mundo.

Nas conferências que proferiu em Lisboa e no Porto, e nos colóquios a que presidiu, o professor Sauvy pôde explanar os seus pontos de vista acerca de tão complexo fenómeno e das implicações que envolve para todos os países, segundo as circunstâncias próprias e as suas características peculiares.

A política da população só pode basear-se em estudos sérios e aprofundados, exige disposições e meios de dimensão nacional e não pode coadunar-se com iniciativas privadas, de fôlego e possibilidades necessàriamente restritas. O professor Sauvy relembrou remédios e sublinhou princípios de valor universal Tais princípios e remédios ligam-se com problemas novos do mundo contemporâneo e com conceitos basilares relativos ao direito do homem a uma vida onde a realização pessoal e a felicidade não sejam palavras vãs.

Planos para 1970

1

As produções nacionais estarão cada vez mais expostas á concorrência exterior. Em 1 de Janeiro próximo, os direitos que as têm protegido contra as importações vindas da E.F.T.A. sofrerão nova redução de 10 por cento, baixando por esse facto para metade do seu nível inicial. É o desmantelamento pautal prosseguirá ao longo dos próximos dez anos, segundo um calendário que ainda não foi fixado, mas que imporá forçosamente abaixamentos graduais e progressivos do nível de protecção. Acresce que, nos últimos meses, se têm intensificado as perspectivas de negociação entre vários países da E. F. T. A. e o Mercado Comum. Se essas negociações forem concluídas e o nosso País vier a participar nelas, pode ter-se por certo que, qualquer que seja a natureza e o âmbito dos resultados alcançados, as empresas portuguesas terão de enfrentar novas e acrescidas responsabilidades em matéria de poder competitivo à escala nacional.

2

(...) a política do Governo no sector comercial, durante o ano de 1970, orientar-se-á, prioritàriamente, no sentido de:

Contribuir para a mais eficiente vigilância e racional organização dos circuitos de distribuição no plano interno, com vista a evitar tensões excessivas sobre o sistema de preços;

Promover o reforço da capacidade competitiva nos mercados interno e externo das actividades económicas nacionais.

3

Acontece, porém, que, como atrás se mencionou, a evolução recente do investimento na economia nacional requer uma atenção muito especial. Se essa evolução continuasse a manter a tendência dos últimos dois anos, o progresso futuro da economia portuguesa poderia ser afectado e o mais importante objectivo do Plano de Fomento não poderia ser plenamente realizado. Em tais condições, compreende-se que, no futuro imediato, deve ser atribuída uma ênfase muito especial à aceleração do investimento. Justifica-se, por isso, que, enquanto se mantiver o condicionalismo actual, essa aceleração passe a ser encarada como um objectivo próprio, com influência directa na orientação da política económica a seguir.

(Da proposta de Lei de Meios para 1970).

«Trust»

A fim de organizar a acção sindical ao nível do «trust» internacional, representantes de trabalhadores da empresa **Michelin**, da França, da Republica Federal Alemã e da Itália, reuniram-se em Clermont-Ferrand (França) e em Cueno (Itália). Além de terem marcado novos encontros, de terem decidido manter-se em contacto permanente e de proceder á troca comum de informações, os referidos delegados sindicais ocuparam-se em especial de problemas concernentes á redução do período de trabalho, á revisão dos direitos sindicais e ao nível de salários.

Dilema do Terceiro Mundo: desenvolvimento ou revolução

ENTREVISTA COM ENRIQUE RUIZ GARCIA

Encontra-se em Lisboa de passagem o escritor e jornalista Enrique Ruiz Garcia, autor, entre outros livros, de «Anatomia de uma Revolução» (de que se prepara nesta altura uma nova edição popular) e de «El Tercero Mundo» (saída em Espanha e a sair em breve na América Latina) e de «Cultura da Agressão» (a sair por estes dias em Espanha) e que trata da história da expansão militar e económica dos Estados Unidos. Enrique Ruiz Garcia foi professor convidado em diversas universidades e perito de organismos latino-americanos, por exemplo, da Comissão de Educação para a América Latina, com sede em Washington, Ruiz Garcia conhece toda a América Latina e parte da Ásia e foi fundamentalmente dessas viagens que resultaram os livros que citámos, aos quais há a acrescentar uma biografia de Emiliano Zapata. Ruiz Garcia prepara neste momento uma obra que intitulará «O Livro Vermelho de Rearmamento». Aproveitamos esta passagem por Lisboa de Enrique Ruiz Garcia para uma entrevista para a «Mesa-Redonda».

JORNALISTA — Sendo tu especialista do problema do Terceiro Mundo, gostaríamos de saber a tua opinião a respeito da evolução desse problema nos últimos tempos, quer dizer, se o problema se agudizou, ou pelo contrário, em tua opinião, entrou em vias de solução?

ENRIQUE RUIZ GARCIA — Fundamentalmente, há seis anos o problema do Terceiro Mundo era um problema que se punha desta maneira: miséria de um lado e interpretação intelectual de outro. Hoje em dia, pode-se dizer que se passou da interpretação intelectual para o que se poderia chamar uma prática do dilema. Por outras palavras: neste momento o Terceiro Mundo é um problema que afecta a todos os grandes países da terra, porque ou se resolve o problema económico, social e politco de dois terços da Humanidade, ou nos encontramos, inevitàvelmente, com um processo revolucionário. As causas são bem visíveis. Há cerca de dez anos, poder-se-ia dizer que os povos do Terceiro Mundo viviam em condições infra-humanas, poder-se-ia dizer que o seu nível de vida era muito baixo, que aproximadamente quarenta por cento das nações que compõem o grupo das setenta e sete nações que constituem o Terceiro Mundo tinham uma renda de 120 dólares por habitante, ao ano. Mas o mais grave não é que quarenta das setenta e sete do Terceiro Mundo tenham uma renda, por habitante, de 120 dólares, o mais grave é que nos últimos dez anos as diferenças e as distâncias entre os países capitalistas ou os países em desenvolvimento industrial, são cada vez mais fortes, mais violentos. Portanto, o problema tornou-se mais agudo, radicalizou-se. Eu digo-o no prefácio da 2.ª edição do meu livro «El Tercero Mundo».

JORNALISTA — Que nós publicámos aqui na «Mesa-Redonda» há algumas semanas...

ENRIQUE RUIZ GARCIA — Pois eu digo nesse livro que a dívida pública do Terceiro Mundo chegou já aos 50 mil milhões de dólares e que se calcula em 1975 será de 72 ou 75 mil milhões de dólares, quer dizer, que aproximadamente dois terços dos rendimentos desses países estarão destinados a pagar juros e as amortizações da dívida. Tão grave problema não se pode considerar senão em termos dramáticos.

JORNALISTA — Dado que, além de seres um especialista do Terceiro Mundo, és, em particular, especialista da América Latina, onde residiste durante anos, eu gostaria de saber a tua opinião a respeito de um tema que tem causado perplexidades. E esse tema é do papel do exército na América Latina, visto que o comportamento

dos grupos militares da América Latina é muito diferente de país para país. Trata-se, parece, de uma questão complexa e eu gostaria que tu, se pudesses, nos elucidasses sobre ela.

ENRIQUE RUIZ GARCIA — Efectivamente o exército aparece na América Latina em duas versões distintas.

As causas dessa divisão são duma extrema gravidade, fundamentalmente, porque a estratégia poltica, a estratégia de domínio, não é afectada pelos golpes militares, que continuam representando movimento de ordenação, movimentos que não afectam a estrutura real de domínio, de modo que a estratégia política não será afectada. A estratégia das relações internacionais não será afectada. Podem fazer reformas, mas não é Cuba, quer dizer, não significa uma transformação fundamental nas relações internacionais de Poder. Tanto no Perú como na Bolívia procedeu-se a umas nacionalizações pequenas de certas companhias petrolíferas, no mesmo momento em que a estratégia internacional e mundial do petróleo aliava a consequência do aparecimento de petróleo no Alasca à perspectiva de uma reconversão total da energia em todo o mundo. O Médio Oriente e a América Latina vão ser profundamente e sèriamente afectados por uma mudança na estratégia mundial da energia, que já começa a ser muito clara nos Estados Unidos.

JORNALISTA — Mas a reforma agrária no Perú é importante..

ENRIQUE RUIZ GARCIA — A reforma agrária no Perú, como toda a reforma agrária na América Latina, é uma necessidade do desenvolvimento. Noutras palavras: 5% dos proprietários em toda a América Latina detêm 52% da terra. Nestes países o problema da reforma agrária é um problema de capital importância para o desenvolvimento. Mas, tanto nos países onde já se deu uma reforma agrária, como naqueles países onde se tenta, agora, como no Perú ou nos países que aceitaram as premissas da Aliança para o Progresso, a reforma agrária é já, hoje em dia, uma espécie de ópio para o povo. Porquê? Porque a grande reforma destes países seria a reforma do novo poder económico, do novo poder urbano. Nos países da América Latina, infelizmente, está a dar-se um desenvolvimento absolutamente desequilibrado, que se concentra em duas ou três cidades de cada país. E nessas cidades estão entre 15% e 50% da população total do país. Essas cidades convertidas em centros de poder radical, vai ser impossível, na maior parte dos casos, o desenvolvimento, porque os regimes, os governos, tentam integrar as populações urbanas em sociedades burocratizadas e, portanto, a reforma agrária destina-se, simplesmente, a contentar populações marginais que não têm, todavia, uma capacidade política de reacção tão importante como as

caso do México é muito claro) o processo de integração e de assimilação dos grandes centros urbanos do programa revolucionário da transformação do Poder, isso não passou de uma questão de tipo burocrático que não resolverá os problemas. dos centros urbanos. Onde se separou (o

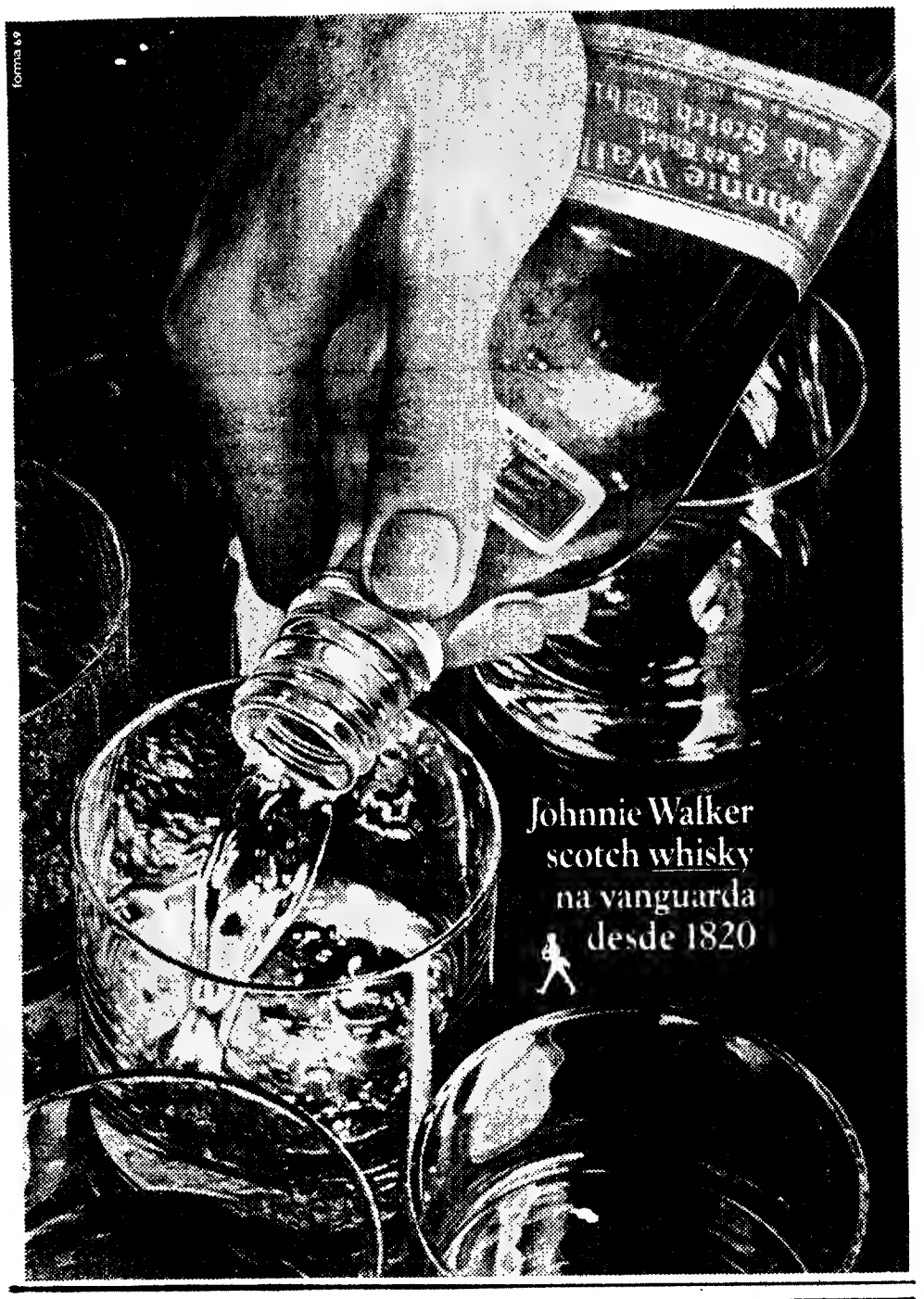
JORNALISTA — A propósito deste tema que estamos abordando, eu lembro-me das teses de Gunther Frank, segundo as quais não há na América Latina uma sociedade dualista, mas que há diversos modos de produção, em que um é o dominante, portanto, a exploração da metrópole nacional pela internacional e a metrópole nacional, por sua vez, explorando os centros do interior, os centros do interior explorando outros centros mais pequenos e mais interiorizados... Tenho a impressão que qualquer modo esta tese, que é hoje tão discutida, se articula com o que tu acabaste de dizer. Qual a tua opinião?

ENRIQUE RUIZ GARCIA — Em princípio, temos que partir do seguinte facto: a América Latina tem, hoje, aproximadamente, 270 milhões de habitantes. Desses, 40 milhões não têm emprego ou estão em situação de subemprego. Aproximadamente 5% da população controla um terço do consumo. E o desenvolvimento das classes sociais é um desenvolvimento que não é comparado ao desenvolvimento que teve o mundo industrial, e, naturalmente, o mundo europeu. Na América Latina assiste-se a um facto sociològicamente fascinante: as classes médias estão a ser integradas pelas classes oligárquicas, sendo postas ao seu serviço. Porque acontece isto? Porque não foi modificada essencialmente a estrutura do processo económico, porque se continua dependente da produção de uns poucos produtos, quer dizer, por exemplo, cinco produtos representam na América Latina 62% de todas as exportações. Então as classes médias burocratizadas pelas estruturas dos Estados modernos, têm sido integradas, nas grandes cidades, nos grandes centros populacionais, na oligarquia dominante, de tal maneira que quando John Kennedy propunha a Aliança para o Progresso em termos, por outro lado, fictícios, porque a Aliança para o Progresso nunca quis, de qualquer maneira, alterar o processo mas sim continuá-lo, quando John Kennedy dizia que os interesses das classes médias estavam no desenvolvimento democrático, falava de classes médias que não existiam. Essas classes médias latino-americanas estão enxertadas, estão em comunicação com uma oligarquia que controla, neste momento, os meios de produção, os meios de exportação, que são nestes países decisivos e fundamentais. Por outro lado, não podemos esquecer que na América Latina quando se fala de poder económico, fala-se de um poder oligárquico, estreitamente ligado com o capitalismo internacional. A consequência de tudo isto é que as classes médias que vivem nesses centros urbanos totalmente separadas do resto do país estão ao serviço da classe dominante, sem que haja, na maior parte dos casos, contradições. Existe um traumatismo dramático na classe intelectual que compreende esta situação, mas que não encontra a solução.

JORNALISTA — O facto de dedicares aos Estados Unidos o estudo do que chamas «A Cultura da Agressão», pode levar-nos a supor que entendes que essa «cultura de agressão» está mais radicada nos Estados Unidos do que em qualquer outro país. É verdade?

HENRIQUE RUIZ GARCIA — Depois de escrever «El Tercero Mundo» e de ver o interesse com que foi recebido, pensei que era necessário escrever um livro que representasse uma cultura da opulência, um livro em que se vissem outros fenómenos de tipo distinto dos que tinham aparecido em «El Tercero Mundo». Então para apresentar uma sociedade opulenta, o máximo de sociedade opulenta, estudei o caso dos Estados Unidos. Simultâneamente, quando me pus a trabalhar neste tema, o que levou anos naturalmente, estudei dois temas, e aparecem-me: que desde o princípio, desde a sua furidação, os Estados Unidos surgiram como uma cultura agressiva, ao mesmo tempo que se mascarava esta cultura agressiva com uma terminologia de tipo puritano. Quer dizer: nos Estados Unidos, desde a fundação dos três estados e das sete colónias iniciais, o puritanismo aparece como elemento repressivo, elemento de tipo ideológico, que caracteriza o movimento de integração da criação da nacionalidade, de democracia, mas, ao mesmo tempo, esse puritanismo encobre uma mecânica de tipo dominante, que está bem claro na formação e na conquista do Oeste. A conquista do Oeste não é sòmente uma expansão, é também algo mais que uma expansão, é a busca de um equilíbrio para os interesses económicos. Até à guerra civil, os Estados Unidos, quando incorporam um novo Estado, incorporam-no dentro dum sistema jurídico: O novo Estado tem de ser acompanhado de um estado esclavagista. Assim os interesses económicos são dominantes, dentro, duma aparente ideologia democrática, de uma ideologia de tipo puritano e cristão. isto por um lado; por outro lado, vemos a continuação do que podíamos chamar a expansão continental, a expansão estratégica. A expansão estratégica, até às Caraíbas, até à América Latina, é uma expansão agressiva, permanentemente agressiva (guerras com o México, ocupação militar de Cuba por várias vezes, ocupação militar, também, por diversas vezes da República Dominicana, ocupação da Guatemala, intervenção armada, frequentemente, em defesa de uns supostos democráticos) reveladora dos interesses imperiais que não tinham sido ainda difinidos. No momento actual, essa cultura da agressão, essa cul-

Continua na pág. seguinte



O dilema do Terceiro Mundo

Continuação da pág. anterior

tura da opulência de carácter agressivo, caracterizava-se por um duplo episódio: por um lado, a guerra do Vietnam, e, por outro lado, a expansão internacional, igualmente agressiva, das companhias americanas que, neste momento produzem em todo o mundo 100 mil milhões de dólares, quer dizer, três vezes mais do que a exportação total dos Estados Unidos. E as companhias internacionais no exterior dos Estados Unidos são, hoje, em alguns países, o poder principal. No caso da Inglaterra, por exemplo, a produção das companhias americanas chega aos 7 mil milhões de dólares, e em 1970 produzirá 25% das mercadorias do país. Uma situação semelhante está a passar-se no Mercado Comum e noutros países europeus. Encontramo-nos, portanto, perante uma expansão que não tem equivalentes históricos, até este momento. E esta expansão é uma expansão tecnológica, uma expansão científica, uma expansão económica que, volto a dizê-lo, e o exemplo de Inglaterra é perfeitamente válido, intervêm necessàriamente e modifica a estrutura dos interesses nacionais, em nome duma estratégia e duma cultura que são os interesses da expansão tecnológica e de consumo dos Estados Unidos. Isto por um lado; por outro lado, temos o esquema da guerra do Vietnam. A guerra do Vietnam representa hoje um gasto de cerca de 32 mil milhões de dólares anuais. Quando começou a guerra do Vietnam, com características tão difíceis e tão ambíguas, revistas muito representativas das corporações americanas, como «Fortune», assinalavam que a guerra do Vietnam era a melhor das guerras possíveis, porque era uma guerra que facilitava o processo económico sem criar, todavia, problemas inflaccionários. Isto que parece dramático, sem dúvida terá sido escrito como se fosse, simplesmente, um dado económico. Mas é, neste momento, a impugnação da guerra do Vietnam, ao nível da classe dirigente, que leva, em parte, a que efectivamente os Estados Unidos se encontrem divididos perante a guerra do Vietnam. Uma parte, representada pelo Pentágono, quer a vitória total; outra parte, em que estão corporações económicas considera já a guerra do Vietnam gravemente perigosa para a economia americana, quer dizer, começa a ser uma guerra inflacionista.

JORNALISTA — Duas questões, no sentido de irmos um pouco mais fundo, ainda, neste tema da «cultura da agressão». Será que, em tua opinião, o puritanismo, na medida em que deu um superego fortíssimo, portanto, na medida em que é um factor de frustação que se resolve em agressividade, se pode considerar uma das raízes da cultura da agressão nos Estados Unidos?

ENRIQUE RUIZ GARCIA — Esta pergunta parece-me interessantíssima sob todos os aspectos. Creio que, efectivamente, nos Estados Unidos existe uma situação psicológica, uma situação psíquica, muito instável. De um lado, efectivamente, a expansão norte-americana está estreitamente ligada com um instinto de agressividade da nação. Este instinto de agressividade não o concebo à margem do que podíamos chamar as fundamentações religiosas, puritanas, dos Estados Unidos. As agressões norte-americanas têm sido mascaradas por motivos religiosos primeiro, e de tipo político, depois, quer dizer, integrados no que podíamos chamar os supostos de carácter aparentemente democrático, de liberdade, etc., quando, no fundo, não havia mais do que estabilizar o que poderíamos chamar dos instintos de agressão da classe dominante norte-americana. Esta situação teve a sua culminação prática na guerra do Vietnam, guerra de carácter económico e puritano, e da qual, um senador disse no Congresso dos Estados Unidos: «A guerra do Vietnam já criou um milhão de empregos e queremos estar orgulhosos dela».

JORNALISTA — A outra pergunta que pretendia fazer, também para aprofundar um pouco mais o que nos dissestes sobre a «cultura da agressão», é o seguinte: parece depreender-se das tuas palavras que o capitalismo europeu, na medida em que se possa falar de um capitalismo europeu, e eu creio que se pode, não tem capacidade para resistir ao capitalismo norte-americano. Ora, tu sabes que, por exemplo, sobre este ponto, no último livro de Ernest Mandel, ele hesita bastante, parece-me que não põe de lado completamente a hipótese do capitalismo europeu se interligar e fazer uma Europa capitalista, como um bloco económico capaz de resistir à invasão europeia pelo capitalismo americano. Qual é a tua opinião?

ENRIQUE RUIZ GARCIA — A minha opinião sobre este assunto é muito clara. O capitalismo europeu desenvolve-se, a nível nacional. O capitalismo americano desenvolve-se a nível planetário. E esses níveis planetários têm um carácter: o capitalismo americano aparece como «lieder» do capitalismo mundial por que está à cabeça, em dois pontos essenciais para o desenvolvimento desse mesmo capitalismo; a capitania em tecnologia, a capitania na produção e a capitania empresarial. Em resultado desta situação, em termos políticos e económicos, temos o que dizíamos antes sobre a produção em Inglaterra. Então verificámos que os interesses do Mercado Comum Europeu, por exemplo, estão perante uma dijuntiva: que é a dijuntiva na abertura ou a dijuntiva do gaulismo. O gaullismo foi um intento de criar uma terceira força, quando na realidade a França não estava preparada nem económica nem industrialmente, para fazer frente ao capitalismo americano. Então, que repersentou o gaullismo? Que representou o general De Gaulle? O general De Gaulle representou uma fase do capitalismo nacional francês. Essa face era a seguinte: a França necessitava que a situação colonial mudasse, que mudasse a estrutura da Argélia e dos povos coloniais. Ora, o capitalismo internacional estava também interessado nisso e, portanto, um homem da direita, como o general De Gaulle, podia favorecer o movimento dos países, por exemplo, da Argélia para a independência e quando esse capitalismo nacional defrontou a necessidade de passar à sua segunda fase, devido ao capitailsmo supra-nacional, o general De Gaulle, converteu-se num impedimento, quer dizer, a França necessitava das fusões, e, nesse momento, o nacionalismo do general De Gaulle já não era útil ao capitalismo nacional francês que necessitava de chegar a grandes posições internacionais. Então a política do general De Gaulle já era contrária aos interesses do capitalismo francês e, por isso, um banqueiro, como é Pompidou, vai para a abertura ao capitalismo supranacional, porque essa é a tendência actual do capitalismo europeu. O capitalismo europeu que se encontra em face às grandes possessões e aos grandes conglomerados. E nessas possessões e nesses conglomerados a maior parte das vezes, a direcção tecnológica, humana e de ideias é americana. Então, necessàriamente a Europa, a Europa do Mercado Comum, não mais do que uma Europa que evoluciona ao redor das necessidades do expansivo capitalismo internacional. É o caso da Alemanha, onde a vitória da social-democracia foi uma vitória em termos ideológicos, uma vitória democrática que tem de ser rectificada e tem de ser assinalada. Também, não há que iludir, o seguinte facto: desde 1962 que o Partido Liberal, estreitamente ligado com a grande indústria química alemã, e com a grande indústria siderúrgica, estava profundamente interessado na abertura a Leste. A abertura a Leste é uma política do Partido Liberal. O partido Liberal não é mais do que um partido das grandes organizações capitalistas alemãs. Então, efectivamente, o capitalismo alemão passa de capitailsmo nacional a capitalismo internacional. A abertura a grandes mercados que estavam fechados: por detrás desse captalismo está sempre o capitalismo mundial, o capitalismo americano.

JORNALISTA — A propósito da «cultura da agressão» que implica o instinto de agressividade, eu gostaria de fazer uma pergunta: supões que este instinto de agressividade pode desaparecer um dia? Pode, numa sociedade nova, estruturado o instinto de agressão de outra maneira com os outros instintos produzir um comportamento qualitativamente diferente do que produz na sociedade a concrrência, que é a que nós conhecemos?

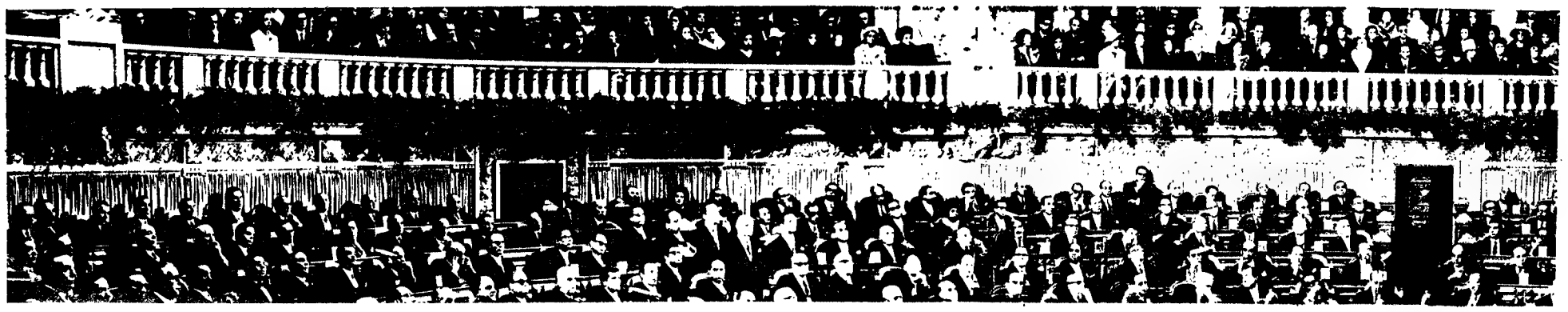
ENRIQUE RUIZ GARCIA — Com efeito, a sociedade do capitalismo tecnológico, aquilo a que podíamos chamar, já, a sociedade do capitalismo pós-industrial, porque nos Estados Unidos começou a etapa pós-industrial (é um país que está já para cima dos 3500 dólares anuais por habitante) pode-se já falar de uma sociedade nova, nessa ordem, as prioridades do desenvolvimento têm sido absolutamente falsificadas. E produzem diàriamente categorias de alienação. Porque toda a sociedade está voluntàriamente conduzida para uma acção de consumo e, naturalmente, cria uma tensão em todas as estruturas sociais e económicas, e essa tensão é artificial. Portanto, a agressividade das sociedades opulentas, em grande parte, deve-se àquelas prioridades de desenvolvimento, que estão artificialmente conduzidas, e levam

Continua na pág. 8

TITULO DE OCUPAÇÃO

TORRALTA
é uma sociedade
para todos
e a todos dá
a possibilidade
de aplicar
o seu capital
de uma forma útil
e rentável.
Ao comprar
TÍTULOS
DE OCUPAÇÃO
você adquire
um bem real
que lhe garante
8 a 12 %
de rendimento.
INFORMAÇÕES
Av. Duque
de Loulé, 66-A
LISBOA
Telefs. 5 44 79
55 56 81 - 5 17 48

8 a 12 %



COM NOVA ASSEMBLEIA

O País espera vida nova

«Com nova Assembleia Nacional, com novo Presidente, o que o País espera é, precisamente, vida nova».

Foi por estas palavras significativas que o dr. Mello e Castro — com a dupla autoridade de presidente da comissão executiva da U. N. e de 1.º vice-presidente da Assembleia Nacional — deu o tom da Câmara recém-eleita para a X legislatura. Mas tais palavras, proferidas na sessão preparatória de 28 de Novembro, não representam apenas, ao que tudo leva a crer, o ponto de vista de um simples parlamentar (embora particularmente qualificado), mas sim o de uma posição maioritária e politicamente autorizada.

O dr. Mello e Castro, efectivamente, acabava de ser eleito por 90 votos, em 120 deputados. Os restantes vice-presidentes eleitos, como se sabe, foram o almirante Armando Reboredo e o dr. Almeida Garrett.

«Com nova Assembleia Nacional, com novo Presidente, o que o País espera é, precisamente, vida nova».

Quem diz maioria — uma confortável maioria de mais de 75 por cento — diz minoria. Esta é, em concreto, a tradução em forças políticas da fórmula usada ultimamente: «renovação na continuidade». Fórmula expressa, na mesma sessão preparatória da Câmara, pelo novo presidente da Assembleia, eng.º Amaral Neto, que representa, simbòlicamente, o Parlamento em globo:

«Encontramo-nos aqui reunidos sob grande expectativa do País, que nos confiou um mandato de obreiros da renovação que deseja, sem quebra de continuidade de observância de directrizes fundamentais no seu voto clamorosamente consagradas».

O momento presente seria, entretanto, definido da forma mais autorizada e transparente, na mensagem do Chefe do Estado às duas Câmaras, durante a inauguração solene da X legislatura:

«A vida é constante renovação e adaptação. Mas é, também, identidade. Portugal mantém-se fiel ao essencial que define o seu perfil no Mundo e na História».

«Há que aperfeiçoar o recenseamento eleitoral»

«Há que aperfeiçoar o sistema de recenseamento eleitoral» — afirmou o Chefe do Estado

Na inauguração solene da X legislatura, ao saudar os deputados «que a Nação elegeu em escrutínio livre e sincero», o Chefe do Estado afirmou logo de entrada:

«Os actos eleitorais decorreram com exemplar civismo, quer quanto ao comportamento do eleitorado, quer no tocante à expressão do sufrágio. Os cidadãos gozaram de plena liberdade de voto e de fiscalização das urnas. Na história das instituições democráticas em Portugal estas eleições ficarão certamente assinaladas como um passo em frente. Há, todavia, que aperfeiçoar o sistema de recenseamento eleitoral e até o próprio processo de votar. Os órgãos legislativos não deixarão de se debruçar sobre o problema».

Nesta recomendação directa à Câmara e ao Governo está dada satisfação clara às queixas surgidas e às reservas postas acerca da forma como se tem processado até aqui o recenseamento eleitoral. Tal atitude do Presidente da República, que muito o dignifica, não pode deixar de ser considerada da maior importância e do mais transcendente significado para a história das instituições democráticas em Portugal.

espelho da imprensa

«Trágica efeméride»

«Foi na trágica noite de 26 para 27 de Novembro de 1967, que as nuvens se abriram em cataratas e espalharam a estupefacção e o pânico, depois a morte e a mais negra e triste das misérias por populações desamparadas dos concelhos limítrofes da capital.

Mais uma vez — como sempre acontece — foram as famílias pobres aquelas que mais sentiram o látego feroz da tempestade.

Lares destruídos — vidas celfadas — sobretudo entre as camadas marginais desta sociedade de consumo que nos integra, gentes que esperam ainda a indispensável hora de justiça social.

Que ainda esperam!...

Após a hecatombe, que alarmou a consciência nacional, que despertou remorsos e impulsionou desconhecidos altruísmos, um grande movimento se esboçou tendente a reparar injustiças e agravos, a restituir lares e haveres aos que os perderam, a conceder o conforto de uma telha aos que, desamparados, vivem nos «ghettos» irrecuperáveis.

Algo se fez. Negá-lo, talvez fosse injustiça. Mas, daí ao muito que há a fazer, vão incomensuráveis fossos a preencher. Fossos de desigualdade irremediável; fossos de egoísmo e de incompreensão. Fossos de injustiça.

Quantas e quantas famílias, neste país que da família faz a mais nobre das instituições, esperam ainda a sua hora — a hora de terem a sua casa própria e verdadeiramente habitável.

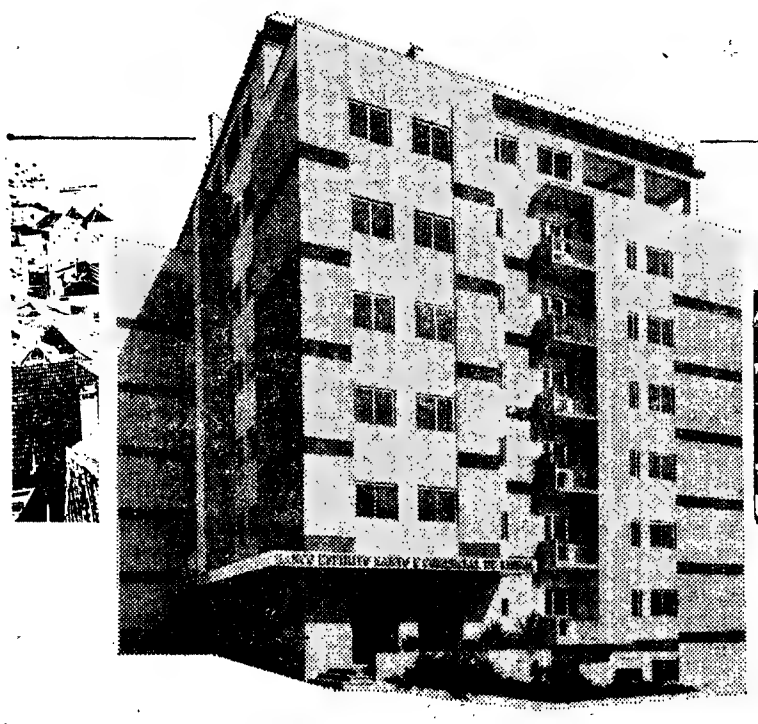
Nesta hora que deverá ser de meditação — meditemos. Mas não nos deixemos ficar por essa simples prática aquietadora de escrúpulos. Passemos depois à acção.

E não vamos pensar (explicando erros passados, presentes ou futuros) que no resto do mundo, em países diferentes e de organizações díspares, situações semelhantes existem, existiram e existirão.

Caminhemos por nós próprios e façamos o que nos cumpre. Lutemos todos para que cada português tenha uma casa em que possa viver com dignidade. .....

O direito á habitação, não devemos esquecê-lo, foi já reconhecido a cada homem. Direito igual ao de comer e respirar. Lutemos todos, repetimos, para que seja estabelecida uma era de justiça em que as consequências de quaisquer catástrofes não possam ser semelhantes ás dessa noite trágica de Novembro de 1967 que agora relembramos.»

(«Notícias da Amadora», de 29-11-69).



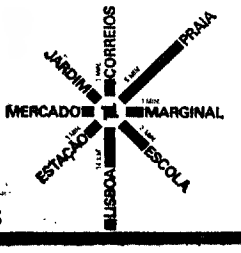
uma paisagem sobre o futuro

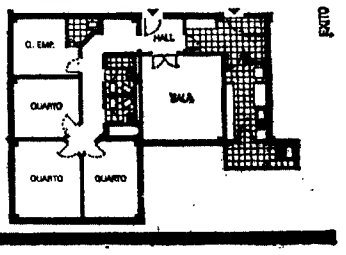
EDIFÍCIO PANORAMA

Um panorama para o futuro do seu capital

EM PAÇO DE ARCOS
UMA VALORIZAÇÃO RÁPIDA DO SEU CAPITAL

- EXCEPCIONAL LOCALIZAÇÃO
- JARDIM INFANTIL PRIVATIVO





EDIFÍCIO PANORAMA Propriedade construída pelo Eng. civil J. J. Luz ■ Av. Senhor Jesus dos Navegantes (Junto à Igreja Nova) PAÇO DE ARCOS

Alves Redol, homem do pov

Mensagem inacabada

Continuação da 1.ª página

mais. Esse único exemplar corria de mão em mão — era lido por mais de uma dezena de pessoas.

E ainda não tinham sido internados no campo de concentração que o governo socialista de Blum criou para os combatentes da República Espanhola, que, se a nossa memória não nos falha, Redol publica, com o seu dinheiro e com o crédito dos seus amigos de «O Diabo» junto da tipografia, o seu primeiro livro: «Glória — uma Aldeia do Ribatejo». (O mesmo aconteceria pouco tempo mais tarde com o primeiro livro de Manuel da Fonseca, «Rosa dos Ventos»).

Um ano após «Glória», publica Redol o seu segundo livro: «Gaibéus» O mundo de silêncio do povo português e mais uma vez quebrado. Porque partido já ele o tinha sido com o Fialho do «País das Uvas» e da «Cidade do Vício». Mas o que tinha sido em Fialho e Ferreira de Castro situações esporádicas (este último com os «Emigrantes» e «Terra Fria») torna-se em Redol uma constante. Daí o seu grande mérito: durante trinta anos, contra os pareceres da hoje contestada crítica, ele conduz ao proscénio da vida portuguesa o povo humilde dos campos, nas suas misérias e grandezas. (Recordamos uma das críticas feitas a Redol, por crítico encartado, de abundante brilhantina nos cabelos. Aproveitou a crítica da «Fanga» para afirmar, de cátedra, que o romance era técnica impossível de realizar por artista português).

Poderão os historiadores da nossa literatura considerar no futuro que a obra de Redol carece de coordenadas estéticas, mas já o mesmo não acontecerá com o estudioso de sociologia, porque na obra de Redol perpassa, num grande friso, a vida de todo um sofredor povo. Numa cultura afrancesada, em que se discutem novas fórmulas e técnicas literárias, em que o escritor afrancesado mais sabe da última moda de Sartre do que das misérias do seu vizinho de prédio, Redol criou o romance do povo português. Muitos iniciaram a sua vida literária na escola de que Redol foi em Portugal o precursor. Mais tarde, porém, desviaram-se dessa estrada e caminho. Que esse caminho tinha sido ultrapassado, face a um mundo de «boom» económico.

Tristeza! Esqueceram as realidades da vida portuguesa, de um pequeno país subdesenvolvido. E criaram o mito do Homem, quando no mundo contemporaneo a verdade sociológica é a dos homens. Pois, tomando, por exemplo, a sociedade americana dos nossos dias, existem dois mundos: o dos brancos, e quando em revolta, contestatários contra a vida chilra e monótona do «Babit»; e o dos pretos dos «Ghettos». No primeiro dos casos a sua literatura torna-se numa escalada alucinante contra a «sua» sociedade, e contrapondo a ela a homossexualidade, a droga, o incesto. A dos negros terá de ser, porque povo oprimido, um literatura neo-realista.

Fixemos que no ano em que Redol morre, Guernica é tragédia longínqua, recordada hoje pela obra de Picasso; mas neste mesmo ano de 1969, já não os nazis acometem populações indefesas e as massacram. Os soldados da livre América, lá para os confins da Ásia, retomam as posições dos actores de 1937, e massacram populações inteiras. Pois não nos transmitiram há dias as agências noticiosas o relato do sargento Paul Meadlo?

Neste ano de 69, não só a obra de Redol é válida, mas a escola literária de que ele foi o criador espera — com que mágoa o dizemos, infelizmente — por continuadores.

Dois amigos de infância de Alves Redol (os srs. Edmundo Duarte Moura e dr. António Vidal Baptista) são unânimes: «Honrou o nome da nossa terra».

Testemunhos

Alves Redol nasceu em Vila Franca de Xira. «*Ser ribatejano teve influência extraordinária na sua obra*» — diria uma das pessoas que ali abordámos durante um breve inquérito que efectuámos na terra natal do escritor. Quatro companheiros (três deles amigos de infância) do romancista ora desaparecido acederam a dizer algumas palavras a seu respeito para a «Mesa-Redonda». Fomos encontrá-los nos seus locais de trabalho. E foi aí que, apanhados de surpresa, recordaram o amigo já saudoso.

«UM ESCRITOR DO POVO»

«*Alves Reaol foi um homem extraordinário, um autêntico escritor do povo*» — disse-nos o sr. Edmundo Duarte Moura,

O prefácio do primeiro livro

Uma das características principais de Alves Redol foi uma absoluta coerência da sua obra no espaço de trinta e poucos anos, ao longo dos quais ela se constitui. Como prova disso entendemos que teria interesse a publicação do prefácio do primeiro livro de Alves Redol, o seu estudo etnográfico sobre a aldeia ribatejana de Glória.

Não é um rito em holocausto à praxe, nem um sacrifício em louvor ao público, este preâmbulo escrito para elucidar o leitor, expondo-lhe o porquê do trabalho e o seu objectivo, para que assim o julgamento seja tão exacto quanto possível — se alguém se der ao labor de o ler e de o julgar.

Deveriam as recolhas etnográficas ser dirigidas por entidade oficial que as centralizasse e seleccionasse, enriquecendo o material da nossa filologia, e executadas por professores especializados que, abandonando a sua habitual fossilidade, fossem até ao povo buscar, com entusiasmo e carinho, os motivos tão belos da sua produção material e artística e a tão eloquente expressão da sua linguagem.

E vindo a talho de foice, aqui devo lembrar as palavras de Rodrigues Lapa, a propósito da colaboração que nesta obra poderiam ter — ou melhor, deveriam — os alunos da secção de Filologia Românica das nossas faculdades. «Nos quatro anos do curso, no intervalo das férias, iriam carreando materiais que condensariam em dissertação final. Aprenderiam por montes e vales, a filologia verdadeira, aquela que não vem nos livros, e de passo aprenderiam a conhecer melhor e a amar mais proveitosamente a sua terra e o seu povo. A filologia seriam assim um instrumento inapreciável de autêntica democracia».

Com tais elementos, submetidos a uma unidade de objectivo e critério que não afogaria o mérito individual de cada investigador, se lançavam as bases firmes, sobre as quais se poderia erguer o edifício esplendoroso do nosso Atlas linguístico, tão falado e ainda envolto na penumbra da fantasia.

O muito que a perseverança e o saber do Doutor Leite de Vasconcelos tem conseguido, não é suficiente para salvar a riqueza exuberante da nossa ergografia e folclore, antes que o ritmo apressado da civilização actual os incaracterize, como reflexo da interdependência económica que liga os povos e os encaminha para uma estrada una, mais ampla e mais dócil que os atalhos íngremes e pedregosos por onde hoje marcham esfalfados e indecisos. Reconhecendo esta necessidade imperiosa, lamentando esta funesta indiferença, a etnografia captou-me por um misto de interesse cultural e simpatia pelo seu abandono, levando-me a folhear alguns volumes da obra fecunda do ilustre fundador do Museu de Belém.

Então, constatei melhor quanto de valor linguístico e social encerravam esses estudos, a viverem do heroísmo de meia dúzia e embora reconhecendo-me incapaz de produzir obra científica com semelhanças de mérito, entendi poder colaborar na etnografia portuguesa, recolhendo com amor e desvelo aquilo que, no contacto vivificador buscado sempre com alegria junto do meu povo, me parecesse merecer retenção.

E logo nas primeiras férias, enquanto para os meus contos vivia a labuta ingrata do camponês do Ribatejo, ou a do que para aqui imigra — escrever sem viver é agitar bonecos sem alma —, fui anotando pormenores para esse objectivo. Depois, concebi, e tento realizar com a exiguidade dos meus recursos materiais, um Cancioneiro do Ribatejo, onde se fixarão os motivos de alentos ou alegrias desta gente admirável, que moureja de sol a sol e traz a bailar-lhe no cérebro um sonho de melhores dias.

Nesta missão de tudo encontrei. Vontades decididas a darem-me alentos para essa obra, carreando elementos, interessando outros e outros e encolheres de ombros de indiferença, senão objecções à sua execução. O material recolhido trouxe-me contudo a certeza de que algo se poderá realizar de vantajoso para o folclore nacional.

Entretanto, devo frisar, uma vez mais ainda, que para obra tão complexa não é suficiente esta iniciativa particular, antes pedia a sua adopção por organismo que pudesse dar maior amplitude a esse trabalho.

Do mesmo desejo de ser útil a tão interessante e proveitosa ciência nasceu este estudo sobre a Glória.

Atravessava a lezíria de Vila Franca em busca de Montalvo, com alguns amigos que convidara para sentirem o ar far do Ribatejo, por uma manhã serena e cálida. As searas iam a sazoar, a caminho da foice, e aqui e além se sentia ainda a dizimação da última cheia, que pouco poupara no seu desígnio furioso.

As manadas de éguas e toiros, a tasquinharem nas ervas resplandecentes de viço, erguiam cabeças à nossa passagem. E ao trote largo duma parelha que nos embalava e a mão firme do Pompeu Reis la dominando, falou-se da lezíria e dos seus habitantes, da sua riqueza e dos costumes dos que a revolvem. O nosso condutor, cuidadoso jardineiro dos campos que arrenda na campina, contou-nos com emoção o que apreendera no seu contacto com o rancho do Manuel Alexandre, da Glória.

Havia ali um filão etnográfico a explorar.

Rodrigues Lapa, sempre deslumbrado por tudo que represente labor dos humildes, incitou-me. E naquelas férias de Julho, sobraçando papelada e muito de entusiasmo por poder servir, uma vez mais, o povo donde vim e que não traio, dispus-me a enfrentar as dificuldades da recolha.

Este ensaio — que outra designação não lhe poderei apor — é pois o produto dessas férias, em que pretendi penetrar e compreender a alma e os costumes das gentes humildes e honradas dessa aldeia branquinha, que însoa a charneca, onde outrora se ouviam as trombetas de caça das montarias reais.

Segui o processo de palavras e coisas por me parecer o mais eficaz em investigações desta natureza, e assim, ilustrarei quanto possível, por desenhos e fotografias, todas as passagens que me pareceram dignas de o ser e a lei imperiosa das circunstâncias o permitiu.

E expondo ao leitor sinceramente o meu objectivo e as suas causas determinantes, cumpre-me tributar a todos os que permitiram com a sua colaboração o iniciar desta caminhada titubeante e imprecisa os meus reconhecidos agradecimentos.

Desde Manuel Pasmarra e João Verde, que me acompanharam na Glória desbravando dificuldades, aos que me forneceram elementos de toda a ordem, e a Júlio Góis que, sob apontamentos meus ou ainda em reproduções directas, ilustrou este ensaio, todos aqui têm o seu quinhão de mérito, sem o qual me seria impossível trazer à publicidade este TRABALHO COLECTIVO.

Vila Franca de Xira — 2.º Semestre de 1937.

ALVES REDOL

...vo

comerciante, que acrescentou:

— *É muito difícil falar dele. Mas deve dizer-se, antes de mais, que o facto de ser ribatejano teve influência decisiva na sua obra. Conheci-o desde os dez anos e acompanhei-o sempre. Aos onze anos, ele fundava comigo (e outros amigos) o jornal «O Golo», numa altura em que ninguém ainda falava de jornais de parede. Ele começou, pois, a escrever aos onze doze anos...*

— E sob o aspecto humano? ..

— *Sob o aspecto humano, escreva o que quiser, que é tudo pouco. Alves Redol é daquelas pessoas que marcam a vida dos que as cercam. Recordo, por exemplo, que, ainda jovens, fundaríamos a U. F. A. — União de Futebol Vilafranquense, cujas reuniões eram num banco do jardim. E eu tenho em casa a acta da primeira reunião. Houve uma coisa que nenhum jornal disse: ele foi aluno do Colégio Arriaga. Não sei por que razão os jornais não disseram isto. Mais tarde, após ter deixado Vila Franca, ele foi ainda presidente da assembleia geral do Ateneu Artístico Vilafranquense e aí desenvolveu obra notável, que ninguém esquece.*

«PERSONLIDADE ATRAENTE»

Outro amigo de Alves Redol foi o sr. Raul Francisco de Carvalho, tesoureiro da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Disse-nos:

«Ofereceu-me vários livros, mas não li nenhum... Apreciava-o imenso como pessoa.»

«Admiro o seu grande valor como escritor, mas não esqueço quanto era simpático como pessoa.»

— *Admiro o seu grande valor como escritor, mas não esqueço quanto era simpático como pessoa. Personalidade muito atraente, conheci-o desde que nasceu, presumo que na Rua do Alegrete, onde o pai era comerciante e onde eu vivia igualmente. Aliás, ainda hoje sou íntimo amigo de seu pai. Recordo que ambos, eu e Alves Redol, pertencemos á U. F. A. e lembro-me dele no Colégio Arriaga. Depois, o tempo separou-nos. Ele andou por África e, ao regressar, tenho ideia de ter ido visitá-lo ao Hospital de S. José, onde se encontrava doente.*

— Pensa que o facto de ter nascido em Vila Franca teve algum interesse para a obra de Alves Redol?

— *Certamente, tanto mais que na maior parte dos seus livros se referem assuntos locais.*

«OFERECEU-ME VÁRIOS LIVROS»

«*Alves Redol ofereceu-me vários livros, mas não li nenhum*» — disse-nos o sr. Avelino Vasques Lourenço, proprietário do Café Central, onde o escritor parava sempre que se deslocava á sua terra natal. Acrescentou:

— *Bem vê: não tenho tempo, nem disposição, para ler. Mas apreciava imenso Alves Redol como pessoa. Ele vinha aqui e falava comigo. Gostava de ouvi-lo. Era simpatiquíssimo. Aliás, ele até era meu senhorio, veja lá. Isso nunca impediu que as nossas relações fossem as mais agradáveis que é possível.*

«HONROU O NOME DA NOSSA TERRA»

«*Conheci-o desde pequenino*» — disse-nos o dr. António Vidal Baptista, advogado, que afirmou ainda:

— *Sempre me inspirou pelas suas qualidades pessoais e pela extraordinária projecção da sua obra literária, uma grande estima e consideração. Acompanhei a evolução da sua vida. O facto de ter nascido aqui teve imenso interesse, sobretudo para nós vilafranquenses. Sempre honrou o nome da nossa terra, onde os valores são tão poucos... Recordo a homenagem que lhe foi prestada na Estalagem da Lezíria, aqui há anos, e a conferência que proferiu no salão paroquial. Há quem se lembre dele, fardado, no Colégio Arriaga. Não sei porque não referiram isso os jornais. Sou pessoa íntima do sr. António Redol da Cruz, pai do escritor, que é a alma da Associação Fraternal dos Artistas Vilafranquenses (instituição com cerca de 110 anos). E lembro-me da U. F. A., que Alves Redol fundou, e mais tarde a União Desportiva Vilafranquense, de que fui o primeiro presidente da direcção, e cuja biblioteca recebeu o nome do escritor, de quem ali existe um busto.*

Por onde vai a economia portuguesa?

O livro do dr. Francisco Pereira de Moura, *Por onde vai a economia Portuguesa?*, é uma colectânea de trabalhos vários que, entre 1956 e 1969 ilustram uma rara atitude em Portugal: a de honesto e isento esforço de entendimento e crítica.

Os trabalhos publicados são, na verdade, de diversa índole, desde a comunicação ou artigo apresentado em encontros (ou escrito para revistas) de restrita participação até ao artigo para jornal de circulação ou ao texto didáctico extraído de «folhas» de aulas teóricas em escola superior.

A natural desigualdade do que se transformou em partes de um livro não obsta a que se encontre uma constante intenção pedagógica que define o autor fundamentalmente como profissional do ensino universitário: dos raros que o são, e que só imperativo cívico tornou público em actividade de muito marcada característica (em Portugal). Aliás, parece-nos poder acrescentar, e o livro o comprova, que mesmo nesse esforço cívico, o que mais se encontra é a intenção pedagógica ao serviço da responsabilização e ao esclarecimento.

Tomemos estes dois sectores — responsabilizar e esclarecer — para, a propósito de *Por onde vai a Economia Portuguesa?* tecermos algumas considerações.

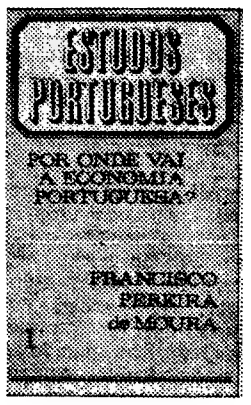
Neste livro encontramos exemplos claros do que é alertar e responsabilizar. O alertar de um técnico para o caminho das «coisas económicas portuguesas», o responsabilizar de um cidadão.

Neste momento, em que a E. F. T. A. aparece a definir (talvez) novos rumos, e os nossos governantes o proclamam como aviso, é sobretudo oportuno citar o parecer da Câmara Corporativa de que o autor foi relator, e que o livro transcreve:

«É relativamente recente a tomada de consciência, em Portugal, da *natureza estrutural* das nossas dificuldades e carências económicas; e bem pode dizer-se que esse conhecimento mal ultrapassou certos círculos restritos, de nenhum modo tendo penetrado a opinião pública em seus mais vastos estratos nem atingido sequer muitos responsáveis pelas transformações que se torna imperioso promover (...)

«Quem venha acompanhando as tentativas de estudo e esclarecimento da nossa economia nos últimos anos, vá seguindo a evolução tentada e alcançada em tantos países lá de fora a partir de posições análogas á nossa e tenha alguma noção das condições de produção no estrangeiro e da competição entre os Estados mais fortemente industrializados, forçosamente — e angustiadamente! — concluirá que o cumprimento integral dos programas do nosso actual Plano é uma primeira e indispensável condição para alicerçar outros progressos e reformas estruturais, de tal maneira que em poucas décadas o País tenha alguma probabilidade de enquadrar-se nos esquemas, entretanto estabelecidos, de livre comércio e concorrência á escala europeia, quando não mundial. A reorganização profunda, drástica, decidida — e acelerada — da nossa estrutura é condição de vida ou de morte económica para o País; e não será por querermos esconder esta realidade que ela deixará de pesar sobre nós todos bem duramente.

E, logo adiante, se escreve:



«É inevitável uma evolução desta espécie; só o tempo é que se afigura escasso quando pensamos em tanta revisão de métodos políticos, que incluem a criação de hábitos novos na autoridade económica e na administração das empresas.»

Só anotamos que o parecer é de 1960!

Por outro lado, na exemplificação de um esforço contínuo de responsabilização, o livro de Francisco Pereira de Moura dá um relevo grande ao papel dos católicos na transformação social não deixando alternativa entre a estagnação (acomodada «ao que já anda feito») e a opção de *ir «ensinar* as verdades da renovação» (á luz das encíclicas e da doutrina social da Igreja).

Nesta chamada a uma tomada consciente e iniludível de posição, o livro torna claro (para nós, um caminho que o próprio autor percorre, desde a equacionação ao problema social, a procura do «economista capaz de condenar o *desvio* para a elevação imediata do nível de vida das classes mais pobres do País, de alguns milhões de contos parados nos bancos ou escandalosamente aplicados em consumos de luxo e em investimentos injustificáveis?» (1955), o apelo sincero e bem sentido a que os católicos cumpram «a tempo» programas sociais, até para que não sejam apenas os «outros» a executá-los (1960), caminho para uma participação total, colectiva e definidora, numa campanha eleitoral em 1969.

Se o que sempre mais admirámos, e há longos anos, em Francisco Pereira de Moura foi uma intrínseca honestidade e

Continua na pág. 10

«Comité» de ajuda ao desenvolvimento

Ministros de vários países participaram, em Paris, na reunião do «Comité» de Ajuda ao Desenvolvimento (CAD), organismo que, no âmbito da O. C. D. E., se ocupa dos problemas relativos aos países em vias de desenvolvimento.

O ponto central da reunião consistiu no exame do relatório anual do presidente do CAD, elaborado com base na análise das formas por que se tem processado a ajuda aos países subdesenvolvidos. As mais recentes tendências do desenvolvimento económico e social desses países e os problemas-chave que presentemente enfrentam os seus Governos, são alguns dos temas constantes do relatório e que foram debatidos na reunião.

O CAD ocupou-se também das últimas alterações introduzidas nas políticas de auxílio e das suas consequências com vista a uma melhoria real da situação dos países em vias de desenvolvimento.

Foram ainda discutidas as questões de fundo relativas aos trabalhos preparatórios do Segundo Decénio do Desenvolvimento.

O dilema do Terceiro Mundo

Continuação da pág. 4

os países e os povos a uma espécie de competição dos benefícios, que não tem outro objectivo, em última análise, do que converterem-se de novo em consumo. Pode-se alterar esta lei de prioridades: a solução socialista é uma experiência que se encontra em desenvolvimento. Os socialismos permitiram dogmatismos, permitiram estalinismos, que são naturalmente rejeitados, impugnados, mas na sociedade socialista há uns elementos utópicos que são perfeitamente defensáveis. E digo utópicos não no sentido tradicional da palavra utopia mas no sentido que lhe ponporciona Marcuse, quer dizer, que o utópico é possível, que a margem entre utopia e realidade, no mundo presente, é algo que se pode já equiparar-se. Se Thomas More falava de utopia nos termos que eram, naturalmente, de há uns anos atrás, algo que se podia sonhar, que se podia pensar mas não concretizar, hoje podemos falar de utopia nos termos concretos e objectivos de realização. A distância entre realização e utopia é possível, quer dizer, o homem tem os meios de desenvolvimento, os meios de energia, os meios de transformação, que estão dedicados, exclusivamente, a alterar as prioridades essenciais do homem. Nem numa sociedade socialista onde funcione o automatismo, senão funcionarem os elementos de transformação favoráveis à transformação das prioridades, não se modificarão substancialmente as leis de agressividade. Vejamos a «ajuda». Ajuda económica do mundo capitalista, do mundo altamente desenvolvido, do mundo altamente industrial, quer dizer, dos países cujo produto se situa, em números redondos, em 12 500 milhões de dólares. Pois bem, uma grande parte dessa ajuda concedem-na os países a si próprios. Por outras palavras, concedem uma ajuda, ajuda que paga as dívidas e os juros e que, além do mais, se estabelece em termos definidos num contrato que obriga o país que recebe a comprar determinadas mercadorias, produtos, etc., ao país que lhe concedeu essa ajuda, de forma que a ajuda é apenas uma ajuda aos países mais ricos. Estes são elementos de agressão porque é sempre uma política agressiva aquela que considera o próximo, que considera os outros países, como um artigo de consumo, como empresas que têm de ser integradas em planos de produção que interessem aos países que oferecem a ajuda.

JORNALISTA — O título do teu livro próximo, «O Livro Vermelho do Rearmamento», inspira-me uma pergunta que nos últimos tempos se tem feito muitas vezes: o capitalismo moderno poderá viver sem um clima de guerra, sem o perigo imediato de guerra?

ENRIQUE RUIZ GARCIA — Temos que ser cautelosos, quer dizer, evitar as simplificações. Notemos que o desenvolvimento moderno, que o desenvolvimento dos países industriais, dos países capitalistas, é um desenvolvimento prodigioso, que este desenvolvimento se poderia modificar se se alterassem as leis da prioridade destas sociedades. Mas, porque as classes dominantes, com as suas estruturas, controlam estes países, sobretudo nos Estados Unidos, vai ser muito difícil a inversão dos termos, e não digo isto como produto de uma simplificação, mas todas as palavras de um senador que recentemente disse algo de terrível: «Que nos Estados Unidos, cada mudança na nossa política, representa uma política de orientação económica». Então, vocês, perguntar-me-ão: que política de substituição há para a guerra de Vietnam? Pois a política de substituição que os Estados Unidos têm é só a política dos antimísseis. A guerra do Vietnam supõe uns 32 mil milhões de dólares anuais de despesa. A política dos antimísseis que pode conduzir a uma corrida desenfreada, não já em ordem aos armamentos, mas em ordem a uma tecnologia e a uma ciência do armamento. Em princípio, implica já um gasto de 50 mil milhões de dólares, dados pelas empresas livres e de vanguarda, na ordem científica e tecnológica, quer dizer, que no mesmo momento em que se impugna na nação a guerra do Vietnam, foi prevista a política de substituição económica.

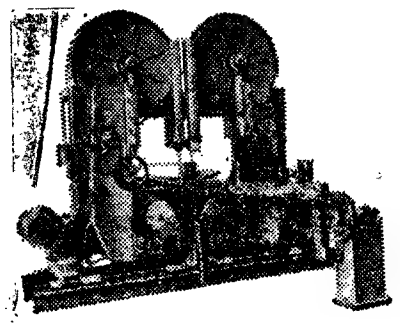
JORNALISTA — Como uma das tuas obras é uma biografia, um estudo, sobre Emiliano Zapata, perguntar-te-ei se achas que uma figura como Emiliano Zapata mantém ainda hoje alguma exemplaridade?

ENRIQUE RUIZ GARCIA — Zapata é uma personagem extraordinária. É um camponês; um camponês pobre, onde funcionavam os elementos espontâneos, os elementos instintivos do povo. No começo da Revolução Mexicana, depois de 36 anos de ditadura de Porfírio Diaz, emboçada, naturalmente, na lei e nao rdem, que na maior parte dos casos costumam ser dois supostos para mobilizar, para criar, toda a classe de injustiças. Frente a Porfírio iaz se levantou, e isto é muito importante para compreender a figura de Zapata, se levantou Madero. Madero era um democrata numa sociedade subdesenvolvida, e Madero queria a democracia para o México, antes que o México fizesse as reformas que convertessem ou possibilitassem a suposta democracia. O contacto, o confronto e a contradição entre Madero, educado na Europa, que queria um Parlamento, que queria um jogo democrático espontâneo na política, e um campesino pobre, que conhecia directamente as misérias do povo, é um dos episódios mais interessantes da Revolução Mexicana infelizmente muito pouco tratado. Porque os contactos entre o homem que acreditava ser possível a transformação democrática de um povo, quando nenhuma possibilidade socio-económica existia para que a democracia se implantasse, e o revolucionário que pensava que, antes, era preciso a reforma agrária, a transformação revolucionária da sociedade, só assim nasceriam os pressupostos democráticos. Naturalmente, esta confrontação dialéctica terminou no que se sabe: o regimento porfirista levantou-se contra Madero, este foi assassinado e, durante muitos anos, Zapata não foi sòmente um camponês subversivo, mas um camponês que fez a primeira reforma agrária do México. A exemplaridade da figura de Zapata resulta não só da sua atitude perante a vida, mas também da sua interpretação das coisas, a sua interpretação instintiva, de que era preciso fazer umas transformações muito profundas na sociedade, prévias ao passo posterior, ao passo democrático, ao passo institucional, jurídico, etc., dos termos de relação do Poder e Sociedade.

JORNALISTA — Quanto à situação actual em Espanha, gostaria de saber a tua opinião sobre ela.

ENRIQUE RUIZ GARCIA — O momento actual espanhol é muito interessante. A Espanha encontra-se entre dois grandes dilemas: de um lado, deu-se uns rápido desenvolvimento económico a partir de 1960; de outro lado, há uma necessidade de equiparar este desenvolvimento a um desenvolvimento político. Quando me refiro a desenvolvimento político, refiro-me, naturalmente, a um desenvolvimento democrático real. O problema exprime-se, neste momento, no tempo e na situação presente. Há um perigo, um perigo que começa a ser evidente, o perigo de que um certo grupo do sistema tente criar uma ideologia, que é a ideologia do desenvolvimento, que seria, neste caso, o ópio do povo. Quer dizer, uma ideologia que impeça uma transformação política real, mediante a alienação do desenvolvimento. A questão é de capital importância para o futuro pacífico do país, em minha, opinião, porque o desenvolvimento económico de Espanha, embora seja importante e evidente, é um desenvolvimento desequilibrado, que necessita de acção política de acção pública, da presença de sistemas de «contrôle», de sistemas de representação autêntica, que convertam a ideologia do desenvolvimento numa ideologia política do desenvolvimento. Porque se diz, não sòmente em Espanha, mas em países que passam pela mesma situação, que o importante é o desenvolvimento, e que se chegou ao fim das ideologias. E dizendo isto, diz-se algo de gravemente equívoco, porque o que importa do desenvolvimento são as tendências desse desenvolvimento, para onde caminha esse desenvolvimento, qual é a ordem de prioridade das leis desse desenvolvimento. Então, para que as tendências do desenvolvimento estejam de acordo com as necessidades do país é preciso, é indispensável, que essas tendências sejam possibilitadas. sejam integradas, no que podíamos chamar, o fenómeno da transformação da vida política. Esta situação, na minha opinião, não é desconhecida, nem é ocultada pelos grupos do Poder; eles dão conta, naturalmente, dos problemas que têm surgido numa situação como a espanhola. Sem dúvida, podia-se dizer que a questão essencial consiste na maneira como se vai permitir essa evolução. Neste momento o país, e sobretudo os jovens empresários, necessitam da democratização do sistema. Porquê? Porque o desenvolvimento neocapitalista o requer, fundamentalmente. O desenvolvimento espanhol necessita de uma organização, de um «contrôle», um «contrôle» da organização da sua própria estrutura de comunicações, que não se pode fazer, que não se pode verificar, senão no quadro de um sistema flexível. Por exemplo, uma grande parte dos empresários espanhóis necessita, indispensàvelmente, da lei nacional de despedimento. A lei nacional de despedimento é um ponto básico no desenvolvimento neocapitalista, porque as empresas espanholas se transformaram e necessitam de ter liberdade de acção, o que poderíamos chamar de organização da sua base operacional. Mas esta nova geração industrial da Espanha compreende que não é possível, que não se pode promulgar, uma lei de despedimento, sem uma transformação substancial do mundo sindical. O desenvolvimento neocapitalista em Espanha está inevitàvelmente ligado às transformações estruturais políticas democráticas, das organizações que até agora tiveram um carácter vertical, ou um carácter de assimilação ou integração com o Poder Isto, no campo económico. No campo social, em Espanha, têm-se dado mudanças notáveis. A primeira, é a transfonmação das estruturas sociais e de trabalho. A Espanha era até há dez anos um país agrário, com cerca de metade da população trabalhadora dedicada à agricultura. Hoje, a Espanha é um país que se aproxima, ràpidamente, de países como a Itália, que contam já com uma quarta parte da população na agricultura. A Espanha, com 25% da população no campo, representa já um grau de desenvolvimento, um grau de mudança, a que podemos chamar revolução social. Porque cresceram as cidades, cresceram as indústrias, e tudo isto, naturalmente, impõe mudanças idênticas no que poderíamos chamar as relações políticas, as relações de comunicação social. Não posso fazer um juízo sobre o futuro, mas entendo que, igual à modificação na base social, também se há-de produzir rápidamente idêntica modificação nas mentalidades. Hoje em dia, a Igreja espanhola está numa fase de evolução, em alguns casos de evolução dramática, porque tenta, instintivamente, aproximar-se radicalmente desse povo que perde. Mas ainda não mudaram os actos. A Igreja não é uma Igreja resistente, mas é uma Igreja em transformação. Todos estes factos de modificação da vida económica, da vida social, da vida religiosa, da mentalidade, vão incidir inevitàvelmente na política, quer dizer, vamo-nos aproximar, a Espanha vai-se aproximar, do que poderíamos chamar as categorias democráticas, porque o seu desenvolvimento assim o requer. Se não se facilita esta mudança para um sistema democrático, as dificuldades serão amplas e a intenção de elaborar uma ideologia do desenvolvimento, deixando à margem o desenvolvimento democrático, me parece muito perigoso, porque, em última análise, nada mais acarretará que danos à vida política do país. Pensar que a única ideologia permanente é a ideologia do desenvolvimento, parece-me insuficiente, equívoca e gravemente perigosa para a convivência nacional espanhola. Que a ideologia do desenvolvimento tem que ser a ideologia das tendências do desenvolvimento, e as tendências do desenvolvimento implicam opções políticas.

«MIDA»



SERRA DUPLA
Mod SD-11

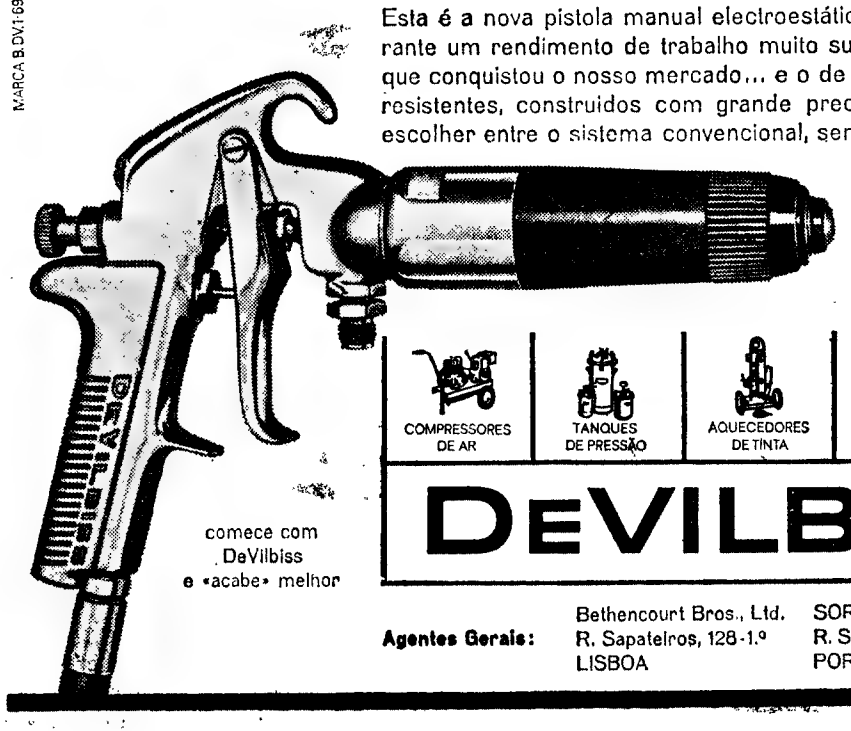
UMA FABRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MÁQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

* SERRAÇÃO
* CARPINTARIA
* MARCENARIA

Fábrica: — TROFA (Tel. 94923/4/5)

Filial em Lisboa:
Avenida Defensores de Chaves, 3-A (Telef. 44147)

MARCA B.DV.1-69



comece com
DeVilbiss
e «acabe» melhor

Esta é a nova pistola manual electroestática de segurança absoluta e que lhe garante um rendimento de trabalho muito superior ao normal. DeVilbiss — a pistola que conquistou o nosso mercado... e o de todo o mundo, apresenta equipamentos resistentes, construidos com grande precisão, eficiência e simplicidade. Poderá escolher entre o sistema convencional, sem ar (airless), ou de tinta aquecida (hot spray)... DeVilbiss ajudá-lo-á na escolha do melhor sistema para o seu trabalho e garante-lhe um serviço de assistência de acessórios e de sobressalentes. Peça uma demonstração.

COMPRESSORES DE AR | TANQUES DE PRESSÃO | AQUECEDORES DE TINTA | AIRLESS E BOMBAS DE TINTA | CABINES DE PINTURA | MÁQUINAS AUTOMÁTICAS

DEVILBISS

Agentes Gerais: Bethencourt Bros., Ltd. R. Sapateiros, 128-1.º LISBOA — SORIA, Lda. R. Sá da Bandeira, 214-216 PORTO

tem a palavra o leitor

O ESQUECIDO ENSINO NOCTURNO

Recebemos do nosso leitor Valdemar Quinta Ferreira, com pedido de publicação, uma carta em que levanta um problema do maior interesse: o do ensino nocturno. Diz-se ali:

«Escrevo esta carta para fazer um reparo ou, talvez, uma acusação. Eu tenho lido ávidamente todos os suplementos «Mesa-redonda», coleccionando-os com amor. Sempre esperei ver um dia alguma coisa escrita sobre o estudante-operário. Em vão, porém. Ninguém ainda teve uma palavra para focar o problema. E diz respeito a milhares!

Fala-se muito, diz-se tudo sobre os problemas da Universidade, onde não os há inventam-se, mas o certo é que a Universidade tem que ter sempre vasto assunto para as «mesas-redondas». Ora eu pergunto: acaso se desconhece a existência dos problemas do estudante-operário?

Eu acho que o simples (?!) facto de um indivíduo trabalhar durante o dia, e á noite ir estudar, tendo de pagar propinas (e até para a Mocidade Portuguesa) já justificava o reparo de alguém.

Isto, claro, é um dos muitos aspectos injustos do nosso ensino nocturno. Outros há bastante importantes e mais directamente ligados com a forma de ensino, com as condições das salas de aula, instalações sanitárias, salas de estudo e, particularmente, relações entre professor e aluno e participação deste na vida da escola.

O ensino nocturno, sendo normalmente frequentado por classes sociais humildes, e talvez p'or via disso esquecido, tanto mais que entre os seus alunos não existem pessoas tão esclarecidas como no Ensino Superior para poderem e terem a coragem necessária de vir a público denunciar o que está mal e reivindicar aquilo a que têm direito.

Além da 4.ª classe, apenas tenho mais a actual frequência do 1.º ano de um curso industrial. Mesmo assim não resisti á tentação de vir dizer que também no ensino nocturno há grandes e graves anomalias.

E não é devido ao facto de ter de fazer grande sacrifício que afirmo isto. Se só janto á meia-noite, se sou forçado a certas restrições e a impô-las também em casa, reconheço que há muitos outros casos de autêntico heroísmo para se poder sair deste clima de escassez de conhecimentos técnicos e teóricos em que a sociedade nos abandonou.

Não! Eu contesto porque não imaginava encontrar um ensino tão difíciente e hostil. Eu contesto, nós contestamos, porque julgávamos haver um trato mais carinhoso, como recompensa do esforço dispendido por tanto chefe de família que afinal ao estudar em vez de ir para casa descansar e conviver com a família, continua a trabalhar para a construção de um país mais rico

Também o que achei estranho foi, durante a ultima campanha eleitoral, o problema ter sido totalmente olvidado. De uma das partes, não admira, mas da outra não esperava...

Aguardamos, confiados ter um dia a grata opor-

Continua na pág. 11

O regime de fiscalização das sociedades anónimas

HERMÍNIO MARVÃO

Foi publicado recentemente («Diário do Governo, I Série, de 15 de Novembro) o Decreto-Lei n.º 49 381, importante documento que se propõe aperfeiçoar o regime de fiscalização das sociedades anónimas através dum conjunto de medidas de carácter provisório ou transitório, enquanto se aguarda a projectada reforma do Código Comercial e da sua legislação complementar.

É efectivamente reconhecido por todos os que duma forma mais ou menos atenta têm de conhecer o sistema do direito das sociedades, que o nosso diploma fundamental se encontra completamente desactualizado, não correspondendo de maneira alguma ás realidades e necessidades económico-sociais do nosso tempo. O regime de fiscalização das sociedades anónimas nele previsto é apenas um dos aspectos desse desfasamento. Verifica-se, todavia, que se em muitos outros domínios foi possível modificar, inovar ou eliminar, no capítulo da fiscalização das principais empresas todas as tentativas realizadas até ao presente têm fracassado. Não averiguaremos das causas deste facto por serem demasiado óbvias.

Trata-se dum campo de debate, onde se têm oposto diversas tendências doutrinárias, representativas, por um lado, de interesses nem sempre fácilmente conciliáveis — do grande e do pequeno accionista, da empresa e dos seus credores, da empresa de iniciativa privada e do Estado. Trata, por outro lado de uma evolução do sistema económico-social do País, que tem assumido características diferentes ao longo do tempo.

Não nos referiremos na breve nota que se segue á fiscalização especial, prevista no art.º 178.º do Código Comercial, exercida por agentes do Governo nas sociedades anónimas concessionárias do Estado ou dos corpos administrativos, a qual, de resto, não se identifica nem por isso substitui a realizada pelos conselhos fiscais; nem á dos estabelecimentos bancários e companhias seguradoras que apresentam igualmente alguns aspectos particulares.

O regime de fiscalização das sociedades anónimas é regulado no Código de Veiga Beirão, cuja publicação data de 1888, nomeadamente nos artigos 175.º a 178.º, sendo ainda de mencionar, entre outros, os artigos 188.º, 189.º e 190.º.

Neste aspecto o Código pouco acrescentou, no essencial, á Lei de 22 de Junho de 1967, justamente considerado o nosso primeiro estatuto jurídico das sociedades anónimas (1).

Creio podermos afirmar que são três as principais questões que têm suscitado o debate: a primeira diz respeito á dependência ou independênca do conselho fiscal perante o conselho de administração, a segunda á competência técnica dos membros do conselho fiscal e a terceira ao ambito das suas atribuições.

Deve o conselho fiscal ser constituído por accionistas (eleitos em assembleia geral)? Será preferível uma composição mista, com accionistas e elementos estranhos á sociedade? E neste caso deverão estes ultimos ser representantes do poder executivo ou nomeados por um tribunal ou membros duma corporação particular especializada? Será preferível, em paralelo com a progressiva intervenção do Estado na vida económica, a substituição do conselho fiscal por uma comissão estadual de «contrôle» e vigilancia?

Todas estas hipóteses têm encontrado os seus apologistas e opositores, sendo de notar, todavia, a quase unanimidade de opiniões dos estudiosos e técnicos quanto ao facto de o regime vigente não ser satisfatório do ponto de vista do interesse nacional.

Já em 1914 o dr. Cunha Gonçalves, no seu «Comentário ao Código Comercial Português», escrevia que, na maioria dos casos os membros do conselho fiscal «são pessoas que, ignorando a contabilidade comercial, não têm a precisa competência técnica para «examinar a escrituração da sociedade», que é a sua primeira atribuição mencionada no artigo 176.º».

E em 1924 o prof. José Tavares rotulava de «garantia ilusória» os poderes de fiscalização concedidos quer ao conselho fiscal quer á assembleia geral, já que o exame da escritura ultrapassava a competência técnica dos seus membros.

É extensa a relação de todas as tentativas realizadas, práticamente desde a publicação do Código vigente, no sentido de modificar o regime de fiscalização nele previsto. Sem entrarmos na análise da sua fundamentação doutrinal, tema que visívelmente excede o ambito desta nota, mencionaremos de forma sucinta algumas delas.

Quatro anos decorridos após a publicação do Código, foi apresentado á Camara de Deputados um projecto de lei em cujo artigo 1.º se estabelecia: «Os balanços das sociedades anónimas serão fiscalizados por agentes do Governo, que verifiquem principalmente a existência real dos valores do activo das mesmas sociedades e a sua justa avaliação em reis». Previa-se que os conselhos fiscais seriam extintos. Este projecto não foi aprovado.

Em 1897 o Governo submeteu á aprovação do Parlamento a proposta de lei n.º 1-B que, no que se refere ao regime de fiscalização, se limitava a considerar inelegíveis pela assembleia geral sócios que fossem parentes até ao terceiro grau dos membros da direcção. Não foi igualmente aprovada.

Em 1911, o Governo Provisório da Republica, através do decreto para valer como lei, de 13 de Abril e do Regulamento da mesma data, confiou a fiscalização de todas as sociedades anónimas a uma Repartição Técnica, órgão do Estado, sem todavia suprimir o conselho fiscal. Este regime de fiscalização foi abolido pela lei orçamental de 30 de Junho de 1913.

Em 1926, num projecto de decreto-lei que não chegou a ter qualquer seguimento, tendo sido apenas publicado num jornal diário, estabelecia-se num dos seus artigos; «Em todas as sociedades de responsabilidade limitada, um dos vogais, pelo menos, do conselho fiscal, será perito-contabilista.»

Dez anos depois, a Lei n.º 1936, de 18 de Março de 1936 autorizou o Governo a modificar o regime de fiscalização das sociedades anónimas. O texto da sua Base VII era o seguinte:

«É o Governo autorizado a modificar oportunamente o regime de fiscalização das sociedades anónimas, de modo a obter-se que esta seja realizada com a intervenção de técnicos especializados e ajuramentados.

Estes técnicos serão designados por entidades estranhas á sociedade.»

No Parecer da Camara Corporativa, de que foi relator o prof. Fezas Vital, declarava-se no que se refere á composição do conselho fiscal:

«A entrada nos conselhos fiscais de vogais estranhos á sociedade, nomeados por autoridade independente, de entre técnicos oficialmente reconhecidos e ajuramentados, seria suficiente á defesa de todos os interesses em causa (...)».

«A simples presença dum técnico estranho á sociedade que toma assento no conselho fiscal só porque é técnico, obriga os restantes vogais do conselho a acompanharem-no e a secundarem-no, pelo menos no essencial.

«E como a sua nomeação não deve ter carácter permanente e, além disso, deve ser-lhe imposta a obrigação de, mediante pelo menos a apresentação de relatórios circunstanciados, prestar contas do exercício das suas funções á entidade estadual fiscalizadora da sua actuação, o próprio interesse pessoal o conduz a um correcto exercício da sua actuação.

(...)

«Torna-se, porém, necessário fomentatr a criação entre nós de uma ordem, de um corpo, de um colégio de censores, de verificadores, como sucede em vários países, entre eles a Inglaterra e os Estados Unidos». (2).

Portanto, fiscalização técnica, exercida com independência e composição mista do órgão fiscalizador.

Também esta Lei não teve qualquer efectivação prática.

Em Março de 1943 o Governo enviou á Assembleia Nacional uma «Proposta de Lei relativa á fiscalização das sociedades por acções», que foi objecto de Parecer da Camara Corporativa, tendo sido relator o prof. Paulo Cunha.

Aprovada pela Assembleia Nacional, veio a ser a Lei n.º 1995, publicada em 17 de Maio de 1943.

Nela se previa, nomeadamente:

a) A fiscalização seria exercida por peritos ajuramentados e com intervenção do tribunal, sendo aqueles membros de um organismo colegial denominado Camara dos Verificadores das Sociedades por Acções (Base II);

b) Os peritos seriam designados pela referida Camara (Base IX), não lhes sendo permitido exercer a fiscalização duma mesma sociedade por tempo superior a cinco anos (Base XVI);

c) A fiscalização incidiria não apenas sobre o funcionamento da sociedade mas igualmente sobre a sua constituição, alterações ao pacto social e liquidação;

d) A Camara dos Verificadores seria um organismo dotado de autonomia e os seus membros não poderiam exercer outra actividade profissional, publica ou particular, ficando sujeitos a responsabilidade civil, criminal e disciplinar; seria governada por um conselho directivo eleito pelos seus membros, sendo o presidente, todavia, nomeado pelo Governo e responsável perante este;

e) Os peritos seriam obrigados a elaborar em cada ano uma declaração sucinta a apresentar á assembleia geral ordinária, da qual fariam constar se os documentos submetidos á apreciação desse órgão da sociedade esta-

Continua na pág. seguinte

A produção industrial de Abril a Agosto de 1969

Apresentam-se os índices de Agosto (1.ª estimativa) e os dos meses anteriores, rectificados.

Indústrias	Índices mensais (1958=100) Corrigidos das variações sazonais							
	JAN. 1969 (a)	FEV. 1969 (a)	MAR. 1969 (a)	ABR. 1969 (a)	MAI. 1969 (b)	JUN. 1969 (b)	JUL. 1969 (b)	AGO. 1969 (c)
Toda a Indústria (excluída a Construção)	181	176	172	179	180	164	166	154
Industrias Transformadoras	173	171	169	176	176	161	162	149
Extractivas	86	76	82	81	73	67	68	58
Alimentação e Bebidas	122	127	130	126	130	112	125	119
Têxteis, Vestuário e Calçado	138	133	143	145	155	140	139	132
Madeira, Cortiça e Mobiliário	189	187	204	202	203	138	205	163
Químicas e dos Petróleos	175	173	158	160	150	157	156	142
Produtos Minerais não Metálicos	230	241	233	281	275	236	251	169
Metalurgicas, Metalomecanicas e Material Eléctrico	163	159	163	164	191	161	148	148
Transformadoras Diversas	265	238	228	226	277	241	218	203
Electricidade	276	256	244	250	248	242	256	257

(a) Definitivos.
(b) Rectificados, mas não definitivos.
(c) Provisórios (1.ª estimativa).

FONTE: Suplemento da «Indústria Portuguesa»

CHAMPAGNE
POL ROGER
WHISKIES
COGNACS

Licores Estrangeiros, Vinhos Bordéus, Borgonha Alsácia, Mosela, Reno e Italianos, Whiskies das mais diversas marcas Escocesas, Aperitivos, Vinhos da Madeira, Vinhos do Porto, Espumantes Naturais e Vinhos de Mesa.

Possuímos quantidades substanciais nos nossos vastos armazéns e fornecemos luxuosas e originais embalagens próprias para ofertas da quadra festiva do Natal e Fim de Ano, nos mais variados gostos

CASA J. CÂNDIDO DA SILVA

FUNDADA EM 1940

A ORGANIZAÇÃO MAIS COMPLETA NO RAMO DE BEBIDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

LISBOA — Avenida de Berna, 42-A — Telefs. 76 01 94 e 77 63 40

PORTO — Rua de S. Luís, 18 a 22 — Telefs. PPC 2 82 51/2/3/4 e 3 70 45

COIMBRA — R. Dr. António José de Almeida, 273 a 277 — Telef. 2 74 77

Despesas públicas com o ensino

Continuação da 1.ª pág.

colaridade, cuja tendência é a de, em vez de se restringir a sectores reduzidos e privilegiados, se estender àqueles que dentro das antigas estruturas não teriam possibilidade de ascender aos graus de ensino mais elevados. Por outro lado ainda, a educação não se conclui com o fim da escolaridade, qualquer que seja o grau considerado, antes se prolonga durante toda a vida. A educação permanente rompe a tradicional cisão da vida escolar/vida activa, passando o processo educativo a revestir-se de uma continuidade ininterrupta, sem o que não era possível corresponder às solicitações de um mundo em constante transformação.

Em 1965 segundo dados insertos no *Annuaire Internationale de Éducation* referente a 1967, Portugal despendeu com gastos educacionais, em percentagem do rendimento nacional, 1,7.

Se atribuíssemos o índice 100 ao dispêndio mais elevado, a Holanda. com 7,5 por cento, a Portugal corresponderia o índice 23. Entre os países europeus consignados no *Annuaire*, só a Grécia com 2,3, índice 31, não apresenta um valor duplo do nosso. A Espanha despendeu apenas 1,5 (índice 20), em 1964, segundo dado inserto em *La Educación En España*, edição do Ministério de Educación y Ciência.

A Bélgica (índice 95), a Dinamarca (99), a Finlândia (99), a Noruega (92) a Holanda (100), a Suécia (97) e a U. R. S. S. (97) efectuaram um dispêndio que, no mínimo, excede quatro vezes o que nos corresponde.

Dos 99 países de que o *Annuaire Statistique* da UNESCO, de 1967, insere a percentagem da despesa pública com o ensino em relação ao rendimento nacional, dois outros apresentam o valor de 1,7 — Nicarágua, em 1963, e o Paquistão, em 1965. Com dispêndio inferior, encontramos o Níger e o Paraguai, com 1,6, em 1964, e, na cauda, a Etiópia — 1,5, em 1963

Cumpre apontar que a percentagem média de despesas públicas com a educação relativamente ao rendimento nacional é de 4,5 em 89 países considerados, sendo a média europeia 5.3 (24 países), a dos países desenvolvidos 6,2 (20 países) e dos países em desenvolvimento 3.8 (30). Indica-se entre parênteses o número de países considerados na extracção da média.

No sector das despesas percentuais com a eduração em relação ao Orçamento Geral do Estado a posição não é mais favorável. É de 7.5 por cento em 1965, enquanto para a Bélgica é de 20.05 por cento (1967), 17, por cento para a Franca (1964), de 19,8 por cento para a Itália (1964) e de 23 por cento para a Holanda (1965).

Esta situação resulta de, entre nós, os dispêndios com o ensino se terem colocado num nível excessivamente baixo. A publicação da UNESCO *International Developments of Educational Expenditure* — 1950-65 contém elementos elucidativos que importa conhecer.

Um quadro mostra-nos o aumento percentual anual das despesas públicas correntes com o ensino entre 1960-65, para a maioria dos países.

Entre 73 países, Portugal situa-se em 70.º lugar, com um acréscimo de 4,8 por cento. O número de países que excedeu o dobro desse valor é de 58

Um outro quadro insere o aumento percentual por ano do total de despesas públicas com o ensino.

Portugal e o Ceilão ocupam a par o último lugar, com um acréscimo de 3.3. O número de países que excede o duplo desse valor é de 68 em 73.

Os elementos que apresentamos à reflexão dos leitores deixam antever a vastidão da tarefa a empreender no âmbito do ensino. Em 1969 subiu de forma mais pronunciada que a habitual o valor dos investimentos públicos com a educação. O orçamento para 1970 não deixará de acentuar esta tendência. Há uma enorme tarefa a empreender, imensamente prejudicada por se partir de um ponto distante daquele em que nos devíamos situar. Deste facto poderemos, porém, extrair uma frutuosa lição: a de que os atrasos no sector educacional vão prejudicar o desenvolvimento do País e sobrecarregar as gerações futuras, que, além de terem de solucionar os problemas do seu tempo, têm de resolver aqueles que competiam aos seus antecessores.

JOSÉ SAMPAIO

Por onde vai a economia portuguesa?

Contin. da pág. central

coragem de a ter, também esta colectânea reforça no mesmo sentido, porque oferece á nossa análise um caminho percorrido, o que é pouco usual por ser tão do nosso gosto mantermo-nos «iguais ao que sempre fomos», quando nunca o podemos ser porque o que somos não depende só de nós mas decisivamente das condições objectivas em que o somos.

Não fiquem estas considerações sem a reserva de pensarmos que a colectân a também tem como objectivo uma certa tranquilização para alguns meios que serão levados a pensar que, afinal Francisco Pereira de Moura não esquece ou menos considera características e condições definidoras da sua personalidade (em foco).

Mas passemos, ao aspecto de esclarecimento, e digamos que nele encontramos a tal difícil acessibilidade que não se faz «por baixo», empobrecendo o que é objecto de esclarecimento. Francisco Pereira de Moura, como profissional do ensino, procura (e sabe) *como dizer* para que se entenda e aprenda. Claro que se não há que empobrecer, também não se pode dizer do mesmo modo o mesmo esclarecimento a um publico universitário (profissional do aprender) e a um publico destreinado seguer de pensar. Mas se se não esquece o respeito a ter por quem ouve ou lê, formas se encontrarão de, sem empobrecer ou desqualificar o que há a esclarecer, se conseguir o esclarecimento. Também este livro é um bom ensaio de comunicação, não obstante algum inevitável desequilíbrio neste aspecto. Não bastam «pequenos ajustamentos» em textos preparados para alas universitárias para tornar acessíveis alguns pedaços do livro, e ele tornar-se difícil no começo das II e III partes que, no entanto, têm o maior interesse para iniciados, a quem o livro menos se dirige, ao que nos parece, prejudicando assim a sua leitura corrida e esclarecedora.

Não julgamos este o lugar nem o tempo para uma mais aprofundada análise O livro acaba, glosando Keynes a afirmar que são as ideias que dirigem as nações e governam o mundo. Longa conversa se poderia começar a partir daqui, e começaríamos por citar Launay que diz ser a luta das ideias um elemento de luta popular, no seu conjunto («A propósito de salários e preços») por uma melhoria de condições de vida e de trabalho, para a instauração da democracia e de uma nova sociedade.

Por onde vai a economia portuguesa é o título (em interrogativa) de um livro muito oportuno que responde a essa interrogação.

SÉRGIO RIBEIRO

Fiscalização das sociedades anónimas

Continuação da pág. anterior

vam devidamente organizados e exprimiam rigorosamente a situação da empresa. A não apresentação desse relatório tornaria nulas quaisquer deliberações tomadas pela assembleia geral (Base XII):

f) Constava igualmente das suas obrigações a apresentação dum relatório circunstanciado sobre as contas da sociedade e as diligências efectuadas, o qual deveria ser entregue ao conselho directivo da Camara (base XII);

g) Deixava-se ao critério da assembleia geral a manutenção ou eliminação do conselho fiscal, prevendo-se que as disposições legais a ele referentes seriam revistas (Base XXIII);

h) A Camara competiria estabelecer regras uniformes de contabilidade, tendo em consideração as características de cada actividade económica (Base XVII).

Apesar de o Ministério da Justiça ter publicado em 1951 um projecto de Regulamento no seu Boletim Oficial e de em 1957 o Decreto-Lei n.º 41 403 ter remetido ao Ministério das Finanças o encargo da sua regulamentação, a Lei n.º 1995 nunca chegou a ser regulamentada (3).

É só no ano corrente que nos surge uma nova tentativa de modificação do regime de fiscalização das sociedades anónimas, com o Projecto de Decreto-Lei n.º 13/IX, submetido pelo Governo á apreciação da Camara Corporativa.

(1) Veja-se sobre este assunto e duma forma geral sobre os aspectos históricos do problema o importante trabalho do prof. dr. J. Pires Cardoso, «Problemas do Anonimato — Fiscalização das Sociedades Anónimas», vol. II.

(2) Veja-se o «Diário das Sessões», suplemento ao n.º 66, de 20-1-1936, e também J. Pires Cardoso, obra citada, pp. 283 e 284.

(3) Vd. de Vergílio Moreira os seguintes estudos publicados na Revista de Economia:

A Fiscalização das Sociedades Anónimas e a Uniformização de Balanços, vol. IV, fasc. II, Junho, 1951.

Ainda a Fiscalização das Sociedades Anónimas e a Tributação das Grandes Empresas, vol. IV, fasc. IV, Dez. 1951.

A Composição do Conselho Fiscal das Sociedades Anónimas, vol. XIII, fasc. IV, Dez 1960.

A SEGUIR:
Principais alterações introduzidas ao regime vigente.

HERMÍNIO MARVÃO

tem a palavra o leitor

Continuação da pág. 9

tunidade de ver o assunto discutido em regime de igualdade com os outros graus de ensino. Esse dia surgirá quando toda a gente se convencer de que cada um «vale pelo que efectivamente vale e não pelo que tem...»

Nesse luminoso dia (ele virá), o estudante-operário será olhado com admiração e terá ensino gratuito, pelo bem que está fazendo, a si e á Pátria!»

Lisboa, 26 de Novembro de 1969.

VALDEMAR QUINTA FERREIRA

*

Não é inteiramente justo o nosso leitor. O ensino nocturno e a forma insuficiente como ele é ministrado tem sido por diversas vezes referido no nosso jornal. Mas é absolutamente desejável que o suplemento «Mesa-Redonda» dedique a este aspecto do problema educacional a maior atenção. Pode estar certo de que o faremos e de que isso sempre fez parte das nossas intenções. A seu tempo poderá verificá-lo.

A evolução estrutural da economia portuguesa

Segundo um estudo publicado no «Boletim da E. F. T. A.»

O ultimo numero do «Boletim da E. F. T. A.», relativo a Novembro, insere um artigo do dr. Vasco Vieira de Almeida, director-geral do Banco Português do Atlântico em Lisboa e membro do Conselho Directivo da Camara de Comércio Anglo-Portuguesa, subordinado ao titulo «A evolução estrutural da economia portuguesa».

Neste estudo, o autor alude sucintamente ao esforço de industrialização realizado nos ultimos anos até 1965, ao «clima de estagnação» que se seguiu, ao êxodo da população rural e á forte corrente migratória, verificada depois de 1962, para afirmar, a certa altura que a transformação nas caracteristicas estruturais da economia portuguesa «se operou sem obedecer a uma programação sistemática a longo prazo», o que «teria permitido tirar verdadeiramente proveito dos recursos disponiveis, para obter processos de industrialização mais favoráveis ao crescimento da economia portuguesa».

Depois, o dr. Vasco Vieira de Almeida acentua que os investimentos estrangeiros são atraidos principalmente pelos baixos salários portugueses e por uma mão de obra disciplinada. «É esta a razão pela qual — embora assistamos a uma industrialização crescente do País — não estamos perante o tipo de industrialização que permitiu a outros países colocarem-se em níveis superiores do desenvolvimento económico».

A terminar o artigo, o autor alude ainda á tendência da alta de preços, afirmando por ultimo a necessidade de se resolverem os problemas de estrutura — para que a economia portuguesa possa tomar verdadeiramente o caminho do desenvolvimento, o que lhe permitirá beneficiar das vantagens da sua integração num mercado como o da E. F. T. A

O distrito de Viana do Castelo apresenta a menor percentagem de electrificação rural do País

O distrito de Viana do Castelo apresentava, no final de 1968, a mais baixa percentagem de electrificação das zonas rurais. De acordo com os dados estatísticos agora publicados pela Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, o distrito de Viana, com efeito, tinha electrificado, apenas, 46,7 por cento das suas freguesias rurais, enquanto que a percentagem média do Continente era de 76 por cento.

Os distritos que vêm a seguir com mais baixa electrificação rural são: Guarda (65%), Évora (65,4) e Vila Real (65,6).

Com mais elevada percentagem de electrificação das zonas rurais figuram os distritos do Porto e de Setúbal (96%), Aveiro e Lisboa (94,6), Leiria (91,5) e Coimbra (91).

Para se entender o verdadeiro sentido destes números é preciso ter em conta que se considerou estar electrificada uma freguesia desde que haja, pelo menos, um consumidor servido — conforme se esclarece, em nota, no quadro respectivo desta publicação do Ministério da Economia.

Duas tentações nocivas dos grandes grupos económicos

...«Os grandes grupos (económicos) são precisos. Mas o que é preciso também é evitar que eles caiam em duas tentações, extremamente nocivas para a comunidade nacional. A primeira, é impedirem que outros grandes grupos surjam. É a tentação de, por oligarquias, abuso do poder, ou exploração da fraqueza dos governos, imporem e defenderem tais condições ao funcionamento da vida económica que a anquilosam, travando o crescimento de firmas menores. (...). E a outra tentação, ligada com a anterior, é a de os grandes grupos ignorarem a reversão social dos lucros de oportunidade, procurando defender a todo o transe condições de fornecimento causadoras de lucros altos sem atender ao direito que tem o cliente de ser servido a menor preço se em justiça económica tal é viável. Este procedimento, travando a generalização dos consumos e o fomento de indústrias a jusante no ciclo produtivo, estrangula o desenvolvimento económico, e só por aí é já intolerável; mas já o era pela imoralidade económica que constitui.»

(Palavras do secretário de Estado da Indústria, em 3 do corrente, no Palácio da Bolsa, Porto).

A fome nos E. U. A.

A Casa Branca organiza uma grande conferência nacional destinada a elaborar um programa para a luta contra a fome nos Estados Unidos.

Segundo o dr. Mayer, adjunto especial de Nixon, entre 10 e 20 milhões de americanos não comem o suficiente, mas o país tem meios para eliminar a fome dentro de três anos.

AINDA O MASSACRE DE MY LAI

Nixon pode vir a criar um tribunal especial para julgar antigos militares

O massacre de My Lai provocou um sobressalto na consciência do povo norte-americano. As notícias e os comentários da Imprensa dos Estados Unidos contribuíram para realçar as proporções desse acontecimento lamentável e para exigir que acerca dele se faça toda a luz possível. O insuspeito vice-presidente sul-vietnamiano, general Kao Ky, manifestou publicamente o desejo de que fosse feito novo inquérito á horrível chacina. Tais situações preocupam muitos responsáveis norte-americanos. Aventa-se, mesmo, a hipótese de o presidente Nixon constituir um tribunal militar especial. John Mackenzie, em artigo publicado no jornal «The Washington Post», que a seguir transcrevemos, exprime a controvérsia a que tal ideia ora dá margem nos Estados Unidos.

O Pentágono prevê a criação de uma comissão militar especial, a fim de julgar os antigos militares que de outro modo conseguem escapar ás perseguições que lhe são movidas por atrocidades cometidas no Vietnam.

Pouco dados a admitir que o Governo é hipotèticamente impotente para apanhar os suspeitos que já nao estão integrados no Exercito, os funcionários do Pentágono tentam explorar todos os meios susceptíveis de vencer os diversos obstáculos constitucionais, considerando que um tribunal militar criado pelo presidente seria o melhor metodo.

Uma iniciativa deste género foi objecto de estudo recente, durante reuniões entre representantes das Secretarias da Defesa, de Estado e da Justiça. Os principais membros do Congresso foram postos ao corrente desses estudos.

Tal problema põe-se na medida em que se os militantes ainda no efectivo são passiveis de julgamento em tribunal militar o Supremo Tribunal dos Estados Unidos considerou que apenas os tribunais federais civis podiam julgar os homens saidos do exército.

O Congresso poderia autorizar os tribunais federais a julgar certas violações ao Código Militar mas os peritos estão divididos quanto á possibilidade de se invocar a este respeito uma nova lei para julgar os antigos militares implicados na chacina de My Lai.

Alguns dizem mesmo que isso equivaleria a votar uma lei com efeitos retroactivos, caso a mesma fosse aplicada a erros passados. Outros argumentam que a abolição de leis com efeitos retroactivos apenas se aplica á criação de novas faltas e não á definição do poder dos tribunais.

Diante deste problema alguns membros da Administração Nixon sugeriram que se pedisse ao presidente Nixon, comandante supremo das forças armadas norte-americanas, que, baseando-se nas leis actuais e no seu poder constitucional criasse um tribunal especial.

Este tribunal julgaria as violações á luz de uma das duas convenções de Genebra de 1949 relativamente ao tratamento em tempo de guerra e aos prisioneiros de guerra. Os partidários da criaçao de um tribunal especial deste género afirmam que as convenções podem ser aplicadas sem que a guerra tenha sido formalmente declarada. E sustentam que as vitimas vietnamianas se relacionam com uma ou outra destas convenções.

O Supremo Tribunal excluiu a possibilidade de colher para a criação de um tribunal marcial de antigos militares um julgamento efectuado em 1955 em consequência do qual foi posto em liberdade um antigo sargento da Aeronáutica preso na altura em que regressava á vida civil e que devia ser transportado para a Coreia, a fim de ali ser julgado, acusado de homicídio, com dois dos seus antigos camaradas. Esta decisão foi recordada pelo Supremo Tribunal ainda em Junho passado.

Um outro julgamento é tambem invocado pelos partidários da criação de uma comissão militar especial: trata-se de um julgamento por unanimidade, em 1942 confirmando a condenação de oito sabotadores nazis por uma comissão militar constituida pelo presidente Roosevelt. Estes homens foram condenados e executados no mesmo ano.

O tribunal de 1942 era constituído apenas por generais, mas desta comissão podiam igualmente fazer parte civis.

Uma «zona santuário»?

Dois jovens parlamentares republicanos propuseram, há pouco a criação de uma «zona santuário» ou de uma «cidade livre» no Vietnam do Sul, sob a protecção de uma força internacional de paz para impedir que os sul-vietnamianos sejam vitimas de represálias aquando da partida das tropas americanas

Os representantes republicanos, Paul McCloskey (Califórnia) e Doual Riegle (Michigan) classificam de «grande erro» supor que o Governo e o exército do Vietnam do Sul «tomarão conta da guerra» e não retirarão após a saida dos americanos.

Para proteger cerca de três milhões de vietnamianos do Sul que poderiam ser vitimas de represálias, sugeriram o destacamento de uma força de paz das Nações Unidas ou, de preferência, dos países asiáticos, a fim de manter no Vietnam do Sul, um santuário comparável a Hong-Kong, cuja duração seria porém limitada a 10 ou 15 anos.

«E perfeitamente evidente que as tropas sul-vietnamianas não podem defender polegada a polegada do território do Sul... Não creio que haja o mínimo indício de que daqui a 18 meses ou a 50 anos serão mais competentes do que ora se mostram. Porque haveremos de basear a nossa politica nestas premissas?» — declarou McCloskey.

McCloskey, antigo «marine», não hesitou um segundo em dizer que gostaria de ouvir o presidente Nixon anunciar um «firme compromisso de que todas as actividades americanas no Vietnam cessarão em determinada data.»

Vitória britânica na Haia

Seria exagerado comparar Colombey-les-deux-églises à ilha de Santa Helena e Harold Wilson ao Nelson da actualidade. Mas a França de Georges Pompidou cedeu terreno na conferência da Haia, concessão que seria impensável na presidência do general de Gaulle. Vão encetar-se negociações com vista à entrada da Grã-Bretanha na Comunidade Económica Europeia. Andou-se meio caminho para a consecussão de um objectivo cujo carácter imperioso há muito se vinha acentuando: ele é uma condição da unidade política da Europa. Ou pelo menos da evolução do processo que leve a esse termo.

A «Pequena Europa» ou os países que integram a Comunidade Económica Europeia tinham entrado em tempo de letargia, na quase paralisação, mesmo no que respeita ao progresso no domínio da cooperação económica. O acordo negociado na capital holandesa abre perspectivas rasgadas a novo período na vida da política europeia em domínios tão diversos como a defesa, a educação e o ensino, a investigação e as relações internacionais.

Entretanto surge uma grande incógnita. Por que motivo alterou a França a política gaullista relativamente ao Mercado Comum? Porque obteve satisfação para as suas exigências? Não. Porque essa política assentava em razões de pura teimosia? Custa a crer. Os interesses do capitalismo americano e a sua expansão e influência na Europa é que parecem ter obtido ganho de causa.

Na gravura vê-se o presidente Pompidou (ao centro), tendo à direita Willy Brandt, chanceler da Alemanha Ocidental, e à esquerda o primeiro-ministro holandês.

DL MESA REDONDA

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» — 5 DE DEZEMBRO DE 1969 — N.º 22